Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

ANFILÓFIO DE ARAÚJO

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Depoimentos Avulsos

Entrevistado – Anfilófio de Araújo (AF)

Entrevistadora – Nísia Trindade Lima (NL)

Data – 13/01/1987 e 26/01/1987

Local – Sem informação

Duração – 5h53min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

ARAÚJO, Anfilófio de. *Anfilófio de Araújo. Entrevista de história oral concedida ao projeto Depoimentos Avulsos*, 1987. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 88p.

Sumário

Fita 1 – Lado A

Apresentação do depoente Anfilófio de Araújo, nascido em 23 de março de 1914, no Rio de Janeiro; primeiro contato com a questão das favelas em 1932, aos 18 anos, quando trabalhou na campanha de febre amarela nos Morros do Salgueiro, Querosene e Borel; a total falta de saneamento básico nas favelas e a precária estrutura no interior das residências, como falta de luz; proibição da chegada de ambulância, materiais para obras e construção ou serviços de entrega; a respeito da visão do favelado como um clandestino; a respeito da elevada quantidade de pessoas que habitavam a mesma casa; o trabalho na campanha da febre amarela desempenhado por seu pai e como foi colocado na mesma atividade por ele; o reconhecimento político de que gozava seu pai na época; sobre as medidas de destruição de casas e depósitos que fossem encontrados com focos do mosquito, medidarígidas adotadas pelo governo da época e que eram mal quistos pela população os trabalhadores da campanha da febre amarela; como contrariava tais medidas buscando fazer um trabalho educativo de mostrar qual era o problema e como evitá-lo; a saída da campanha da febre amarela e o início do trabalho contra outra epidemia em São Fidélis, São Gonçalo; após ser rebaixado na atividade desempenhada na campanha, passou a trabalhar na companhia de eletricidade Light, onde permaneceu por sete anos; o ingresso em 1944, na campanha contra a malária e o trabalho em Santos SP, onde ensinou o serviço de campo e teve problemas com o médico encarregado, sendo transferido para o Forte de Itaipu, no município de São Vicente.

Fita 1 – Lado B

Problemas causados pelo sargento que comandava o local onde residiu e os entraves com dr. Mário Pinotti; como respondeu a inquérito administrativo quando foi suspenso e afastado pelo inquérito estar em desacordo com o estatuto; o término da suspensão e a transferência para trabalhar no Rio de Janeiro, com carta de apresentação de José Linhares; comentários sobre o período em que sua esposa contraiu tuberculose e faleceu rapidamente, bem como cinco dos seus 11 filhos; o trabalho em Vigário Geral, cobrindo a área de Parada de Lucas, Penha e Vicente de Carvalho; como operava a fiscalização das casas e conta de uma confusão ligada à fiscalização que o colocou como guarda chefe, neste período era subordinado ao dr. Guilherme da Silva.

Fita 2 – Lado A

A promoção para chefe em 1948, por trabalhos prestados; entrada do dr. Francisco Porto, o novo médico responsável na repartição onde trabalhava; a respeito de perseguições e mudanças exigidas por dr. Francisco Porto e sua transferência para Jacarepaguá, devido a decisões políticas; sua transferência com a ajuda de Luthero Vargas, quando passou a atuar em São Bento, na cidade dos meninos em uma fábrica de inseticida; a perseguição política foi exercida pelo Dr. Mário Pinotti, pois o depoente expôs atos ilícitos em sua administração; a punição sofrida e a reversão de sua situação com a ajuda de Luthero Vargas que intercedeu por ele junto ao Presidente da República e com isso passou a gerenciar metade de um distrito; a aposentadoria aos 39 anos de serviço; sua opção política em ser getulista e o pai que apoiava

Washington Luís que fazia parte da velha guarda; o pai chegou a ser capitão da guarda nacional; lembranças sobre sua infância, a condição financeira do pai e a ida a Portugal com sua família em visita a sua avó paterna.

Fita 2 – Lado B

Comentários sobre a separação de seus pais, a ida para a região da Saúde e a mudança para morar com o pai em Niterói; a frequência escolar até os 14 anos, o trabalho em armazém, botequim e mais tarde a colocação na área da saúde pública por intermédio de seu pai; o casamento aos 18 anos e os 11 filhos; conta com detalhes quando e como conheceu sua falecida esposa em Niterói e o apoio do sogro para custear seu casamento; sua entrada para o PTB por ser na época o partido dos trabalhadores; a prisão no período do Estado Novo, quando trabalhava na Light, por ter lutado pelas leis trabalhistas; a exploração sofrida pelos funcionários da companhia, seu acidente de trabalho e a forma ilícita como a Light agiu; a recusa para não pagar seus direitos trabalhistas e a perseguição sofrida por fazer campanha presidencial para José Américo de Almeida; ajuda que recebeu de colegas de trabalho da Light no período em que esteve doente.

Fita 3 – Lado A

O período em que foi trabalhar no programa da malária na Ilha do Governador; comenta sobre problemas que teve com o chefe da campanha de malária por conta de assuntos pessoais e sua transferência para Parada de Lucas; processo de prisão preventiva arquitetado pela Light, a prisão durante 40 dias e a liberdade conseguida graças a um juiz; devido a este processo, ficou devedor da justiça por dois anos, pelo tempo que ficou preso e longe do emprego, foi demitido; passou a trabalhar como guarda chefe na malária; a participação de José Américo de Almeida em sua entrada para o PTB. Sobre o período em que foi morar na favela de Parada de Lucas em 1953 e as reuniões com os moradores para melhorar as condições precárias de moradia; o encontro com o vereador Mourão Filho para interceder e ajudar na questão da iluminação da favela.

Fita 3 – Lado B

O pedido à Marinha para utilizar sua água para abastecimento aos moradores da favela de Parada de Lucas quando era guarda chefe da malária em Vigário Geral; promessa do candidato a deputado Rubens Cardoso em atender as reivindicações feitas pelos moradores da favela; a ampliação do sistema de água que só foi possível devido a doação de canos de abastecimento por Rubens Cardoso; a respeito da forma como os candidatos apareciam na favela em épocas de eleição procurando por apoio; as reivindicações dos moradores e o apoio de Amintas Maurício de Oliveira, morador e amigo próximo; criação da associação de moradores União Protetora dos Moradores de Lucas e Adjacências, cujo nome posteriormente foi alterado para União dos Moradores de Lucas e Adjacências; o período em que foi presidente da associação de moradores e o vice-presidente, Amintas Maurício de Oliveira; a sede da associação montada em um campo na favela e os leilões realizados para arrecadar fundos para sua construção.

Fita 4 – Lado A

Os conflitos com Jardelina Bastos, secretária de Dom Hélder que desejava ocupar uma parte do campo onde seria a sede da associação; a compra de barraco na favela de Parada de Lucas, área que serviria para construção da associação de moradores; o apoio a Sérgio Magalhães nas primeiras eleições após a capital federal ser transferida para Brasília; reunião convocada por Carlos Lacerda com líderes das favelas após vencer as eleições para governador do Estado da Guanabara em 1960, para entender as necessidades das favelas; comentários sobre os conjuntos habitacionais construídos em Cidade de Deus, Cidade Alta, Vila Kennedy e Vila Aliança para abrigar os moradores das favelas removidas da cidade; criação de comitê de favelas feito por Carlos Lacerda.

Fita 4 – Lado B

Contato com Flexa Ribeiro candidato à governador da Guanabara e as demandas da favela, o envio de material para obras e melhorias dentro da favela; a ida do depoente para São Paulo para participar de um comício com intuito de lançar Carlos Lacerda como candidato a Presidente da República;a eleição para governador da Guanabara, em 1965, e a vitória de Negrão de Lima, que concorria com Flexa Ribeiro, o que prejudicou a continuidade das obras de melhorias na favela; as acusações de comunismo por parte de grupos que também exerciam ações na favela de Parada de Lucas impediam a continuidade de melhorias; o processo de remoção de favelas de Brás de Pina promovido por Dom Hélder Câmara para construção de indústrias.

Fita 5 – Lado A

O momento em que foi detido no ano de 1951; a reunião agendada com Dom Hélder Câmara para tentar conseguir que as reivindicações da favela fossem atendidas; denúncias de que Dom Hélder Câmara era comunista; a herança que recebeu em 1957, de sua falecida esposa, e o bar que adquiriu localizado próximo a sua residência; comentários sobre uma compra de autofalantes para auxiliar a comunidade; crítica aos funcionários públicos quando estava em atividade.

Fita 5 – Lado B

As ações de serviço social realizadas na favela em 1959, pelo SESC, e coordenadas por Dom Helder Câmara; em contrapartida, as salas de aula e os consultórios eram oferecidos pela favela; posteriormente a obra social se tornou um depósito de doações para a comunidade; a interferência de Jardelina, secretária de Dom Helder, e o proveito indevido a partir de obras e bens para a comunidade, para o povo; a proteção de Dom Hélder a respeito das acusações imputadas a Jardelina; interferências da cruzada São Sebastião, organização que buscava construir conjuntos habitacionais e acabar com as favelas, o que ocasionava em intervenções da cruzada em ações sociais da comunidade; comenta que em função de defender ações ligadas ao bem estar e conforto do povo em geral, sempre foi acusado de comunista sem nunca ter sido membro do Partido Comunista; comentários sobre as interferências e problemas causados aos movimentos para melhorias na comunidade por conta das acusações falsas que

sofreram; comentários a respeito da corrupção que acomete pessoas que deveriam prestar auxílio ao povo.

Fita 6 – Lado A

Ajuda do professor Lúcio Alves, diretor da União Nacional dos Servidores Públicos (UNSP), no período em que esteve preso; comenta que sempre foi perseguido por lutar pelos direitos da comunidade; sobre as bicas de água que inaugurou em outras comunidades, em Vigário Geral; a parada em suas atividades sociais após o início da ditadura militar, pois já imaginava que seria preso caso tentasse exercer algum ato que fosse considerado político; o cerco ao seu barraco e o convite para se apresentar na delegacia no mesmo momento em que seu amigo e parceiro Amintas Maurício de Oliveirafoi preso;a prisão pela polícia municipal de ambos que foram levados pelo DOPS para a polícia central comandada à época por Cecílio Boré; a permanência na prisão por três dias e a transferência para a Casa de Detenção na Rua Frei Caneca; a prisão por 29 dias até ser convocado para depor e questionado sobre suas atividades políticas; a casa da família foi invadida pelo DOPS e vários objetos roubados; no interrogatório sofrido noDOPShouve perguntas sobre livros que tinha em casa a respeito dos direitos dos trabalhadores, que eram considerados subversivos e sobre as acusações de comunismo.

Fita 6 – Lado B

Comenta sobre as conquistas dentro da favela de Parada de Lucas e a união da comunidade para trabalhar em prol da mesma, promovendo limpeza e melhorias; foi presidente da associação de moradores por oito anos e sócio fundador da Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG) em 1963, que começou na favela do Catumbi; afirma que todos os moradores de favela no estado eram visto como marginais, que não era possível nem mesmo tirar o título de eleitor por conta do endereço; comenta sobre os direitos e os apoios adquiridos através da Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro (FAFERJ); fala sobre a chegada do Movimento de Rearmamento Moral, movimento de ideologia de centro ligado ao protestantismo norte americano, para executar serviços comunitários na comunidade antes de 1964.

Data: 13/01/1987

Fita 1 – Lado A

NL: Entrevista com o senhor Anfilófio, hoje é dia 13 de janeiro [de 1987], estamos em Parada de Lucas na casa do seu Anfilófio para conversar sobre a história do movimento dos favelados do Rio de Janeiro. Seu Anfilófio, primeiro eu gostaria de saber do senhor, dados sobre a sua pessoa, onde é que o senhor nasceu, como é que o senhor veio aqui para Parada de Lucas, o senhor falasse um pouco sobre a sua história de vida.

AF: Bom, eu tenho 70, vou fazer 75 anos agora em março. Eu nasci no dia 23 de março de 1914. Então eu sou carioca, nasci no Rio de Janeiro, não é? Agora, eu passei com esse problema de favela a partir de 1932, tinha 18 anos, eu trabalhava na Campanha da Febre Amarela, na Campanha da Febre Amarela, não é? E eu então fazia o trabalho nesses morros, nessas favelas, no Morro do Salgueiro, Morro do Querosene, morro lá na Tijuca, Morro do Borel, então eu trabalhei nesses morros, no Serviço de Guarda da Febre Amarela. E por ali eu comecei a conhecer os problemas dos favelados. Era um problema horrível, um problema muito cruel, não é? Então os favelados naquela época eles viviam nas favelas sem água, sem esgoto, existia fossa, eles faziam fossa, não tinha esgoto, não tinha água, iluminação elétrica não havia, era lamparina e aquela iluminação de bambu, de antena, antena de..., não é? Era a iluminação das favelas. Naquela época o favelado vivia completamente desamparado, sem apoio nenhum, considerado como marginal, fora da lei. Era proibido a entrada de ambulância, era proibida a entrada de qualquer material de compra, loja, material eletrodoméstico, tudo era proibido entrar lá. Era ordem, nenhuma dessas coisas podia entrar nas favelas, nada disso. O favelado então vivia completamente isolado, abandonado. Nós não tínhamos direito nem de tirar o título de eleitor. A gente para tirar o título de eleitor naquela ocasião tínhamos que dar o endereço lá de fora, ele não era considerado, não era considerado aqui uma habitação modesta, nós éramos considerados clandestinos, compreendeu? Então tudo isso acontecia na favela naquela época. Ah, e as famílias, as famílias da favela...

INTERRUPÇÃO

AF: Então acontece que as famílias das favelas moravam em grande quantidade, número de familiares e eles dormiam, dormiam muitos no chão, dormiam no chão. Quando existia cama dormiam tudo em cima da cama, dormiam quatro, tudo junto, agarrado um com o outro; se a pessoa estivesse doente dormia junto com o são. Quer dizer, então vivia numa situação miserável, numa situação triste mesmo. Eu então trabalhando na saúde pública comecei a observar isso no favelado.

NL: E isso foi... Só interrompendo só um minutinho, em isso foi em 1932, que o senhor está falando?

AF: É, 1932, quando eu comecei a tomar conhecimento do favelado.

NL: O senhor morava aonde?

AF: Eu morava, nessa ocasião eu morava em Niterói, eu morava em Niterói, tinha a minha família, não é? Eu tinha a minha esposa, fiquei viúvo depois, tinha minha esposa, meus filhos, morava em Niterói e trabalhava aqui no Rio.

NL: É que eu trabalho lá na Fundação Oswaldo Cruz também, eu trabalho na Fundação Oswaldo Cruz também.

AF: Ah, a senhora trabalha lá, não é?

NL: É, esse trabalho que eu estou fazendo não é de lá, mas eu trabalho lá fazendo história da saúde.

AF: Trabalha, é funcionária de lá.

NL: É, eu trabalho com história da saúde lá, então me chamou atenção quando o senhor falou da febre amarela, o senhor trabalhou muito tempo na Campanha da Febre Amarela?

AF: Trabalhei na campanha. Trabalhei na Febre Amarela desde 1930, quando começou a Revolução, antes da Revolução. Meu pai era político, não é?, e meu pai era chefão lá, ele me colocou lá, eu era menor.

NL: Ah, seu pai era político, é?

AF: Meu pai era baiano, não é? Ele era... Tinha muito conhecido político, compreendeu? Mas ele não foi candidato a nada não, ele era, tinha muitos amigos políticos. E ele era um sujeito, ele era inteligente, estudou vários idiomas. Ele então tinha aquele plano de conhecimento e tal, e ele então era chefão, ele era o pessoa de confiança do médico, do dr..., esqueci o nome dele agora..., paraibano.

NL: O nome do seu pai qual era?

AF: Do meu pai? Era Sebastião Francisco do Araújo.

NL: E na Bahia ele fazia trabalhos políticos?

AF: Não, a situação do meu pai é uma situação triste, sabe? Ele ficou abandonado, mas ele se interessou, força de vontade e tal, então ele estudou, se esforçou e estudou lá no meio da Bahia junto com o J. Santiago que foi senador, Otávio Mangabeira, que foi deputado, então ele conhecia essa turma toda, não é? Então ele se meteu na política, quer dizer, se meteu no meio desse pessoal, então ele era um cabo eleitoral, era uma pessoa esforçada, mas nunca foi candidato, não. Então devido ele ser um homem dessa luta, eu então passei também a participar da luta.

NL: O senhor desde cedo também já?

AF: É, então o negócio é o seguinte, aí eu então naquela Campanha da Febre Amarela nós tínhamos uma ordem severa para ser cumprida contra esses moradores, porque naquela época nós usávamos uma picadeira que era uma espécie de um martelo com uma ponta, pontiagudo, não é? Todo depósito que a gente encontrasse o foco de mosquito a gente era obrigado a destruir. Se fosse latão a gente era obrigado a furar, para (TI); se fosse uma vasilha quebrava. Então era uma ordem absurda, uma ordem horrível. E nós tínhamos até apoio da polícia militar para nos garantir, por causa do perigo. Mas eu com a minha consciência e justiça humana eu fazia o seguinte, eu não cumpria tal ordem, com pena do pessoal. Porque a senhora já pensou?, as mulheres carregando lata de água na cabeça lá de baixo do asfalto para cima do morro do São Carlos, aquele morro do São Carlos, trabalhei ali, as mulheres subindo lá debaixo com lata d'água na cabeça lá para cima, e aí eles até cobrando água, depois a gente destruir aquela água era uma coisa horrível, não é? Então eu procurava... Aí as pessoas da favela não gostavam da gente por causa disso, nós éramos mal vistos pelo pessoal de favela, aquelas *marias navalhas* que existiam naquela época, não é? Aqueles homens que lutavam capoeira. Porque naquele tempo esses elementos que eram valentes não eram igual hoje não, não usa isso não, ele resolviam no braço, na capoeira; as mulheres também, não é? Então acontece que a gente chegava nas favelas para fazer o nosso serviço a gente era recebido muito mal pelos moradores, eles recebiam a gente muito mal, por causa dessas ordens. Mas eu então como humano, e tudo isso, aquele espírito de luta, eu fazia o seguinte, quando eu chegava no barraco da família que ela recebia eu fazia: “Minha tia, dá licença, saúde pública e tal”. Aí ela recebia mal, aí eu então fazia o meu trabalho, examinava, quando eu encontrava o foco na água, compreendeu? Quando eu chamava a dona para olhar ela já vinha com, já sabia que tinha problema ali. Eu então procurava mostrar a ela as larvas, compreendeu? Por intermédio do sol, com espelho, ou com lanterna, para ela ver. Então aí eu fazia ver a ela que o nosso serviço era esse, que a gente estava ali para trabalhar para cumprir essa ordem, mas como era humano eu não ia fazer aquelas arbitrariedades. Agora pedia a ajuda dela, não é? Para ela me ajudar. Então mandava ela arranjar outro depósito, uns panos limpos e eu coava água, junto com ela. Por exemplo, um latão, a gente botava o pano em volta do latão, amarrava, aí então coava aquela água que estava com as larvas pelo pano, não é? Aí botava a água completamente sem larva e aí então ensinava a ela como é que ela tinha que fazer,compreendeu? Para colaborar como a gente, para não deixar aquelas vasilhas destampadas, usar sempre tampada para evitar essas coisas, pedia o apoio e tudo. Então eu fazia tudo isso pelo pessoal e procurava fazer tudo para dar conta do trabalho, não é? Porque perdia tempo. E aí no fim acabava ela me agradando, me chamando para tomar café, arranjava amizade. (se emociona e chora) Arranjava amizade, fico emocionado, sabe? E aí...

Voz de pessoa não identificada: Ele fica relembrando o passado, não é?

AF: O pessoal ficava gostando de mim, compreendeu? Por causa de eu fazer aquele ato humano. E aí então eu trabalhava assim com pena, fazendo por esse pessoal, não é? E aí eu vendo essa situação, aquilo começou a entrar na minha cabeça que era uma coisa desumana e tal. Bom, aí quando eu saí da febre amarela em 1933, depois de 1933, eu saí, não é? Aí fui trabalhar na...

NL: Quantos anos que o senhor era guarda sanitário?

AF: Hein?

NL: Na febre amarela o senhor era guarda sanitário.

AF: Cheguei até a ser guarda chefe, não é? Em Niterói, mas depois por causa de injustiça eu fui rebaixado, sem nenhum motivo, perseguição, não é? Perseguição de um perseguindo os outros, não é? Aí me transferiram para Niterói, fui lá combater uma epidemia lá em Niterói com oito guardas, então o doutor que me transferiu para lá, gostava muito do meu trabalho e acontece então que ele me mandou com uma recomendação. Cheguei lá em Niterói me apresentei com os outros guardas para fazer a campanha contra aquela epidemia que estava havendo em São Gonçalo, município de São Gonçalo, São Fidélis. E aí o doutor de lá devido à recomendação que eu levei que apresentou os guardas, o doutor então achou, ele queria saber de mim o que ele deveria fazer para melhorar a situação em Niterói. Então eu fui, achava que era ruim eu dar uma informação para um médico, não é? Ele disse: "Não, você tem obrigação de conhecer o serviço melhor do que eu no campo". Aí eu fui e falei com ele. Então ele achou que estava certo o meu problema, então ele fez o que eu falei, então ele me promoveu a chefe, fui promovido em Niterói. Mas o doutor foi para Bahia, ele era baiano, dr. Guilherme da Silva e queria até me levar para Bahia, mas eu não pude porque não havia garantia. Bom, aí veio um outro doutor, um outro doutor para lá que costumava para onde ele ia levava os afilhados dele. Chegou lá aí queria botar os afilhados no lugar dos outros, começou a fazer injustiça com a gente. Aí fizeram injustiça comigo, eu fui rebaixado, aí eu saí fora. Não me sujeitei à humilhação, aí saí do serviço. Aí fui trabalhar na Light, trabalhei na Light sete anos. Depois voltei em 1944 para malária, em 1944 eu vim para malária, fui trabalhar em São Paulo, não é? Na campanha da malária. Porque a malária até 1944 não era nacional, cada município, cada estado, trabalhava do jeito dele. Aqui no Distrito Federal, no Rio de Janeiro, o serviço era feito por um sistema e nos estados e municípios já era outro sistema. Então dr. Mário Pinotti, que era o diretor na época passou a ser então o Serviço Nacional de Malária, pelo Getúlio, a partir de 1944. Então o Mário Pinotti passou a ser o diretor geral, ele era o diretor da malária no Rio. Então ele passou a ser o diretor geral do Serviço Nacional de Malária. Então ele queria adotar o mesmo sistema do trabalho aqui, nos estados, então aproveitando essa oportunidade eu consegui entrar para malária. Entrei para malária, mas nunca tinha trabalhado com malária, trabalhava na Febre Amarela, o serviço é diferente um pouco, não é?

NL: Qual é a diferença?

AF: Bom, só era diferença no mosquito, na larva. Então eu fui trabalhar, aí ele foi e me perguntou se eu queria ir para Santos, São Paulo. Eu morava em Niterói então eu fui e disse para ele que dependia da situação, estava no tempo da guerra, era tempo da guerra, não é? Eu lá não tinha parente, não tinha conhecimento, era diferente daqui, aqui estava perto da minha família, eu conhecia aqui. Então ele me ofereceu, ele fez uma proposta de eu ganhar 450 de salário, que era guarda de primeira, tinha a guarda de segunda. E além dos 450 ele ia me dar uma folha suplementar mais 150 de ajuda de custo, não é? Era 600 cruzados, era quanto ganhava um guarda chefe. Bom e aí... E ele disse: "Você vai para lá, vai ensinar o pessoal lá a trabalhar no campo. E quando for organizado o trabalho lá as primeiras promoções a chefe você será promovido a chefe". Aí eu fui com essa incumbência, deixei a minha família aí, fui

para lá, lá para Santos, não é? E me apresentei lá. Aí fui trabalhar lá, mas infelizmente aconteceu o que eu não esperava, o doutor que era o chefe de lá, ele era português naturalizado, um sujeito que não valia nada, ele não conhecia nada de malária, ele era cego. Então eu cheguei lá me apresentei a ele e tudo, aí fui trabalhar com ele, então a minha finalidade lá era ensinar o serviço do campo, do campo. O pessoal, por exemplo, ia trabalhar no serviço então eles entregavam a mim para eu levar para o campo para ensinar o trabalho. E aí então eu procurei a pior zona que tinha lá, onde trabalhava que era na IV Base Aérea, na Bocaina. Era uma lagoa, toda aquela zona era uma lagoa, quando a maré enchia a lagoa subia e era cheia de anofelino, o mosquito da malária. Então era assim, então era uma lagoa. A gente entrava naquele mato, naquela lagoa e sumia lá, a água vinha até aqui em cima. E nós então trabalhava dentro d'água, compreendeu? Então o pessoal que apresentava para trabalhar no serviço, anunciado pelo jornal, pensava que o serviço era bom, mas quando eles iam trabalhar lá no campo comigo, a maioria ia embora, desistia, não queria entrar dentro da água, que o problema era brabo. A gente usava peneira, usava culote, não é? E a gente usava aquele material todo; usava pó de (TI), usava óleo e muito material que a gente carregava. Então a gente ali entrava naquela lagoa e despejava aquele latão de óleo, 30, 40 litros, e depois tinha que espalhar o óleo com uma vassoura de piaçava.

NL: Era o óleo que acaba com as larvas?

AF: É. Para poder dar efeito, senão não matava, não é? Era para poder intoxicar as larvas. Então tinha que espalhar aquele óleo todo. E a gente se queimava com o óleo, a nossa pele, isso aqui para baixo andava sempre mudando, porque o culote ficava preto do óleo, não é? E a gente saía, o dia todo naquela umidade, cobra, tudo aquilo, a gente estava arriscado a tudo isso. Então ia, por exemplo, dez praticantes comigo, chegava na hora só ficava um, dois, ou três, porque tinha necessidade, mas o resto tudo ia embora: “Não, o serviço é esse?” “É esse”. Então ia embora. O serviço era brabo. E eu então comecei a ensinar o pessoal a trabalhar até o meio dia, da parte da tarde eles iam aprender lá na escola, ia para escola. Eu ensinava no campo e de tarde eles iam receber instrução.

NL: A escola era no Serviço de Febre Amarela... A escola era mantida pelo Serviço de Febre Amarela?

AF: Era, eles assistiam à instrução lá, não é? Então tinha que fazer um exame para poder... Então eles ficavam aprendendo como praticante, não é? Então quando era no final fazia prova, aqueles que fossem aprovados passavam para guarda, guarda de segunda, não é? Passava de praticante para guarda, e tudo. E depois então quando organizasse o serviço, a sessão e tudo isso, então fazia as promoções, não é? E eu pela lei, que o Presidente da República na época era o general, ele morreu; de cabeça quadrada, general...

NL: Era o Dutra já?

AF: É o Dutra. Então o Dutra tinha botado uma lei sobre promoção: Só poderiam ser promovidos os guardas por antigüidade ou merecimento. E eu tinha direito pelas duas coisas, não é? Eu lá era o guarda mais antigo, era novo no serviço, mas eu fui para lá ensinar, o resto tudo era novo. E aí quando vieram as promoções, o negócio era o dinheiro. O encarregado do

pessoal... Aí começou a haver bagunça lá, o doutor está... E eu notando tudo, e eu fazendo a minha obrigação. Então acontece que quando foi nas promoções, houve isso...

DEPOENTE DIRIGE A FALA A UM TERCEIRO

AF: Bom, então houve as primeiras promoções, não é? Aí eu não fui promovido, não fui promovido a chefe. Aí eu achei ruim, não gostei daquilo. Outra, quando veio, naquele tempo o pagamento atrasava, atrasava, três, quatro meses, não é? O pessoal devia pagamento, vendia o ordenado, não é? E o sujeito que comprava com vantagem, não é? E aí...

NL: Vendia o pagamento?

AF: É, por exemplo, atrasava o pagamento, três meses, não é? O sujeito precisava de dinheiro, vendia para o português, o idiota, ele comprava o pagamento para receber na data, na ocasião, não é? E ele tirava o dele, por exemplo, 300 cruzeiros, ele dava 200 e pouco, saía ganhando. Então o sujeito vendia até o ordenado, compreendeu? Por necessidade. Então o primeiro pagamento que surgiu quando eu fui trabalhar foi em abril, mês de abril, saiu três meses, janeiro, fevereiro e março, saiu três meses. Quando eu fui receber o pagamento, faltou uns 150 na folha suplementar. Eu estava hospedado num hotel, a minha família aqui em Niterói. E eu procurei então quarto, cama e comida, mais barato, era 260 cruzado, 450, era descontado 25. E eu contava com os 150. Quando eu fui receber o pagamento não veio aquela folha suplementar para mim. Aí eu fui procurar o doutor no hotel onde ele estava hospedado, fui falar com ele, ele era o meu chefe. Aí cheguei lá ele veio me atender na porta do hotel, eu falei: "Doutor, eu vim aqui falar com o senhor porque eu recebi o pagamento e me faltou dinheiro". "Que dinheiro?" Faltou a folha suplementar que o dr. Mário Pinotti prometeu". E aí ele falou, invés dele resolver o problema ele foi com a maior ignorância, ele foi e falou para mim: "Quem mandou o senhor vir para aqui? Quem mandou o senhor vir para aqui?" Com essa ignorância. Aí eu falei: "Doutor, eu não pedi para vir para aqui não, senhor, eu vim para aqui para agradar o dr. Mário Pinotti, que é o diretor, conforme eu faria para o senhor também, para ser agradável ao senhor. O dr. Mário Pinotti me perguntou se eu queria vir para aqui, eu então aceitei para agradar a ele, e ele então me explicou o que ele ia fazer aqui e quais foram as propostas que ele me fez, que era eu ganhar 150 mil réis e uma folha suplementar todo mês para ajuda de custo, compreendeu? E quando acaba eu vim nessa situação". Aí ele não quis resolver o assunto. "Eu vim procurar o senhor, porque o senhor é meu chefe, eu tenho que procurar é o senhor para resolver esse problema". "Não, não vou resolver nada, não". Me tratou com a maior ignorância. Eu aí então falei para ele: "Bom, doutor, então o senhor vai me dar permissão eu vou escrever para o dr. Mário Pinotti". A senhora acha que isso foi ofensa? Ele achou que era uma ofensa. Aí ele foi e falou: "Você vai escrever quando?" "Vou escrever amanhã". "Então eu vou telefonar para ele hoje". Ia telefonar naquele mesmo dia para o dr. Mário Pinotti. A senhora veja só, não é? Aí ele foi e telefonou para o dr. Mário Pinotti, me envenenando, me sujou a minha barra, o meu trabalho. Quer dizer, me sujou, não é? Aí quando eu escrevi para o dr. Mário Pinotti, escrevi no nome da minha falecida esposa, porque eu não podia escrever, não é, sem autorização dele, não é? Aí eu fiz uma carta em nome da minha esposa, a falecida esposa, reclamando ao dr. Mário Pinotti. O dr. Mário Pinotti aí mandou uma resposta para mim alegando, e agradecendo a mim o meu procedimento lá em São Paulo, ele não esperava de mim eu fazer o que eu estava fazendo lá. Eu não estava

fazendo nada demais. Então ele me sujou, a minha situação. Aí veio as promoções, ele não me promoveu nem nada. Aí eu fui lá na presença dele e falei: "Dr., eu vim aqui cobrar uma coisa que me pertence. Houve as promoções, eu não fui promovido, eu queria saber do senhor porque eu não fui promovido". Ele falou para mim assim: "Quem que manda aqui sou eu ou é o senhor?" Aí eu fiquei, aí me inflamou: "Bom, nem eu, nem o senhor manda aqui, quem manda aqui é o Presidente da República e de acordo com a ordem do Presidente da República eu estou no meu direito, que as promoções só podem ser feitas por antigüidade e merecimento, por isso então eu tenho direito à promoção". E depois: "Bom, o senhor vai reclamar com quem o senhor quiser, eu não vou..." Não me promoveu. Aí criou o maior problema comigo. Começou por aí. Aí eu fui trabalhando, não é? Aí aconteceu um negócio com a minha esposa aí, não é? Bom aí depois organizou lá o serviço e tal, aí me transferiram, me tiraram da IV Base Aérea, fui trabalhar no forte de Itaipú, lá no município de São Vicente, lá era praça de Guerra. Fui trabalhar lá, eu morava no hotel em Santos, a minha família em Niterói e eu pagava 270 do hotel, não sobrava quase nada, não é? Ainda pagava roupa para lavar e tudo isso. Aí então acontece que lá no Forte, o comandante de lá, coronel, era o coronel do Exército, ele era irmão do falecido João Pessoa, ele era considerado Peito de Aço, chamavam ele de Peito de Aço. Ele era uma boa pessoa, uma belíssima pessoa. Tem uma coisa, soldado com ele tinha que andar na linha, se andasse fora da linha ele dava até no soldado; na estrada ele dava até carona ao soldado, agora ele queria ver o soldado na linha, a barba feita, cabelo cortado, limpo. Era uma bela pessoa. Então eu caí na simpatia dele. Então todos dias ele chegava: "Como é que é o Curi". Me chamava de Curi, chamava de Chico (TI)... Chamava de anofelino. Enfim... E eu levava quase brincando com ele, ele era um senhor de idade e a esposa dele era uma menina novinha. Eu entrava na casa dos oficiais, fazia captura domiciliar pela manhã, fazia captura noturna, fazia captura com isca animal. Tudo isso eu fazia lá no Forte, eu fazia todo o trabalho lá no Forte. Então aí como ele era meu amigo, me considerava. Muitas vezes de noite eu estava com uma égua lá no campo, ele chegava de pijama, morava lá. Ia conversar comigo, tudo isso. Então, aproveitando a situação, compreendeu? Eu falei com ele se ele podia me arranjar eu morar lá no Forte, para evitar despesa. Ele mandou preparar um quarto para mim: "Não, você é soldado, você é soldado". Então: "Você aqui dentro é um soldado e fora um militar. Você trabalha para nós e tal". Aí arranjou um quarto para mim lá, independente, cama, e tudo. Aí mandou preparar tudo para mim lá. "E você tem direito aqui, você almoça, janta". Tinha todo direito. Aí fui morar lá no Forte. Aí eu fui morar no Forte, já não estava pagando mais o hotel, aí, não é? Então aí eu procurava fazer amizade com o pessoal todo lá do Forte. Aí..

DEPOENTE DIRIGE A FALA A TERCEIROS

AF: Minha filha, prepara o... O café está quente, é só botar aí na bandeja e biscoito. Café e biscoito.

AF: Então acontece que ele era meu amigo. Aí eu trabalhando de noite, fazendo uma isca animal, uma captura com animal, o guarda chefe que eu estava sobre a ordem dele, era um sujeito que não valia nada, não valia coisa nenhuma, aliás, ele não vale mesmo nada. Ele apareceu lá de noite me procurando e não me encontrou, encontrou a égua lá amarrada no campo e não me encontrou, eu estava tomando mate, oito horas dava mate lá eu ia para lá tomar mate. Deixei a égua lá amarrada e fui tomar mate. Quando ele chegou lá, ele não me

viu, esperou. Quando eu vim: "O senhor estava onde?" "Eu estava tomando mate". "Eu vou dar parte do senhor". Aí começou a me ameaçar dar parte de mim. Eu naquela hora fiquei nervoso, botei ele para correr. Eu andava com facão de campanha, não é? Aí eu passei para o facão ia dar uma lambada com facão nele, aí botei ele para correr. Aí fiz aquela violência. (risos) Ele me irritou, ele ficou me ameaçando, trabalhando... Botei ele para correr. Aí ele deu parte de mim. Aí quando foi no outro dia de manhã eu contei ao coronel, fui ao coronel e contei a ele o que aconteceu de noite. Aí foi lá o fulano lá para fazer o inquérito, ele deu parte de mim que eu ofendi ele. Aí ele foi, fulano foi lá para tomar informação, a mandado do doutor, para me punir. Eu fui contei para o coronel, o coronel foi e mandou chamar o camarada lá. Aí o camarada foi no gabinete ele falou: "Olha, quem manda aqui no quartel sou eu, eu que mando no quartel. Esse moço aí está a serviço do quartel, ele é um soldado igual militar. Eu não aceito, não admito que bote ele com essa..." Aí foi a meu favor, foi a meu favor, se meteu no assunto e o doutor acabou relaxando aquilo. Aí cada vez a minha barra ficou mais suja, foi ficando suja. Aí acontece que com o tempo eu passando necessidade, passei fome em São Paulo, levei a minha família para lá por necessidade, eu passei muita fome e miséria, não é? Aí acabou que eu resolvi por intermédio do Presidente da República que era o dr. José Linhares, José Linhares foi quem me salvou. Eu mandei uma carta para o Getúlio Vargas, em nome da mulher, o Getúlio Vargas mandou uma carta para lá mandando providenciar minha transferência, mas eles apanharam a carta de Getúlio e abafaram a carta. Depois o Getúlio saiu, veio o José Linhares provisório, não é? Aquela ali é a foto. Eu fui e escrevi outra carta para o José Linhares em nome da mulher e aproveitei e disse que era a terceira carta com aquela, era duas, eu disse que era três, se por acaso ele atendesse a carta que providenciasse. E aí então ele foi, mandou um telegrama, do Palácio do Presidente da República, dando ordem para me transferir e cumprisse a ordem com urgência, "Cumpra-se essa ordem com urgência". Aí não tinha jeito. Aí me chamaram lá na repartição, o doutor, disse que eu ia ser punido. "Vou ser punido por causa de que?" "O senhor manda comunicante com o Presidente da República, o senhor sabe que é proibido, não pode". "Eu!?" Aí eu banquei o (TI) "Eu, não senhor".

NL: O senhor ainda estava no Serviço... de Febre Amarela?

AF: É. Aí então, na malária.

NL: Na malária.

AF: Na malária. Aí então ele foi e queria me punir, aí eu fui e disse que não sabia de nada, que não era eu. Aí eu cheguei em casa e contei para mulher, a minha falecida esposa: "Olha, veio a resposta". Aí ele amostrou o telegrama... "Olha, está vendo o telegrama de lá?" Mas ele não sabia quem tinha escrito para lá, eu botei em nome da mulher. Aí ele não sabia. Aí depois ele falou: "Olha, já veio uma carta de Getúlio Vargas aí..." Eu disse: "Ué, e como é que os senhores não me avisaram nada?" Eles abafaram. "A carta do Getúlio não foi providenciada porque ele pediu que se fosse possível providenciasse, não foi possível..." E aquela como era ordem para cumprir então eu ia lhe punir. Aí eu cheguei em casa, avisei a mulher: "Olha, veio a carta, veio um telegrama do Palácio" e tal... Eu avisei, preveni a mulher, mas não estava sabendo...

Fita 1 – Lado B

AF: O professor Souza Pinto foi lá procurar a mulher, começou a tratar meus filhos e tal. "A senhora escreveu para o Presidente da República?" Aí ela já sabia: "Escrevi, sim senhor". "Ah, mas não precisava, não sei o que..." "Não, mas o meu marido está sofrendo aí, está havendo uma porção de injustiça...", e tudo isso, não é? Aí foi: "Não, pode deixar, vocês vão ser transferidos..." e tal. Aí foi quando eu vim transferido. Bom, cheguei aí...

NL: Antes do senhor falar sobre a sua vinda, antes do senhor falar sobre a sua volta para o Rio, o senhor falou que foi através do dr. Mário Pinotti que o senhor foi para o Serviço da Malária, foi para São Paulo.

AF: É.

NL: O senhor já conhecia o dr. Mário Pinotti?

AF: Ah, sim, mas antes de eu vir para o Rio eu respondi a um inquérito administrativo lá. Sabe por quê? Porque o meu filho mais velho que hoje está casado, trabalha na CEDAE, está com quarenta e tantos anos. Ele observava tudo o que se passava lá, eu morava numa casa da Aeronáutica, passei a morar numa casa da Aeronáutica. Aí o meu filho observava tudo o que se passava no posto. O posto da malária era jogo de ronda, o pessoal jogando dinheiro no posto; as mulheres iam lá tirar sangue, o guarda chefe sujo que eu botei para correr com facão, conquistava a mulher dos outros. A pessoa ia tirar sangue, ficava lá ele abusava da mulher dos outros. Abusou da mulher de um sargento da Aeronáutica, e das tropas, tanto da filha, como da mãe, não é? Negócio de bilhete, mandar bilhete. O marido descobriu aquilo, foi lá para matar ele, deitou ele no banco, só não atirou nele porque os guardas impediram, deu processo, uma bagunça danada. Então o administrador de lá era primo do professor Souza Pinto, criava porcos, tinha uma chácara, compreendeu? E tinha guarda trabalhando para ele, guarda do serviço trabalhando para ele, não trabalhava no serviço, fazia boletim mentiroso, boletim mentiroso. E o meu filho observava tudo isso, o guarda estava à disposição do administrador. Ia lá na Aeronáutica, ele trazia lata de vinte quilos de resto de comida para criar os porcos. E aí foram fazer um serviço lá em Ribeirão Preto aí apanharam das famílias, porcos, galinha. Levando do povo lá, não é? Roubando. Isso a bandalheira toda, então eu fiquei por dentro de tudo isso. Aí quando eu vim aqui, antes de eu ser transferido por José Linhares, eu vim aí e falei com o dr. Mário Pinotti: "Dr. Mário Pinotti, eu vim aqui para cobrar o senhor aquilo que o senhor me deve, o senhor não cumpriu com a palavra". Aí ele foi: "O senhor..." Aí ele começou a me destratar, disse: "Olha, tem uma coisa, o senhor vai voltar para lá, e vai cumprir ordem e tal..." Ele me ameaçando. Eu fui e disse: "Olha, eu vou avisar uma coisa ao senhor, eu vou voltar para lá com a minha família lá..." e tal... A minha família estava de férias. "Eu vou voltar, mas vou avisar uma coisa ao senhor, uma coisa vai acontecer das duas, ou eu vou para a cadeia pública ou eu vou para o necrotério, mas eu vou matar gente lá, nos meus direitos. Eu vou me apresentar ao juiz e o senhor vai ser responsável pela minha família". Falei na cara dele assim. "O que você está falando, você está me ameaçando?" "Não estou lhe ameaçando, estou falando a verdade". Então ele queria saber o assunto, aí eu fui e falei para ele: "Lá está acontecendo isso..." Comecei a falar. Jogo de ronda, guarda chefe que abusou das mulheres, a

cria de porcos, (TI) guarda... Aí ele foi e falou, aí o dr. Mário Pinotti em vez de me apoiar, se ele fosse sujeito direito ele ia me apoiar porque eu estava ajudando a eles, estava querendo moralizar, não é? Mas como ele era um bandido, era safado, era acoitador dos ladrões, era um bandido. Ele foi e falou: "Olha, o senhor vai voltar para lá e vai trabalhar, eu vou mandar abrir um inquérito administrativo". Eu naquele tempo não era amparado pela lei, era contratado. Naquele tempo eu não tinha nenhum... "Vou mandar abrir um inquérito, se o senhor não provar o que o senhor está dizendo aqui eu vou lhe botar na rua. Eu falei para ele: "Olha, doutor eu estou lhe falando a verdade, agora vai depender da maneira como o senhor mandar abrir o processo, o inquérito, a verdade é essa". Aí sabe o que ele fez? Chamou o doutor aqui no Rio, contou para o doutor: "O Anfilófio esteve aqui contou isso, isso... Vou mandar abrir o inquérito, você vai presidir o inquérito". Mandou o doutor presidir o inquérito. Naquele tempo eu era cego, não conhecia o estatuto do funcionário público, compreendeu? Então eu não sabia como que era o...

NL: O inquérito, não é?

AF: Aí fizeram o inquérito tudo do jeito deles. O doutor foi o chefe do inquérito e jogou... Aí faziam reuniões, aí me suspenderam, fui suspenso para inquérito administrativo, me afastaram do serviço para inquérito, então eles faziam reuniões com os trabalhadores e guardas, eram cento e tantos guardas e trabalhadores, e prometiam a eles um aumento para eles tudo, para eles não falar, negar tudo. Ficou todo mundo contra mim, todo mundo contra mim. O administrador no dia, na hora do ponto, para o pessoal: "Olha, Jesus ficou nas mãos dos da terra, no meio dos seus discípulos e apóstolos, foi traído, ele sabia quem era o traidor. E nós temos um traidor aqui, o traidor é seu Anfilófio". Foi dizer que eu fui lá no Rio, estive no Rio para acusar todo mundo. Ia ser feito um inquérito, se eu provasse o que eu tinha dito, ia todo mundo para rua, jogou todo mundo contra mim, aí eu fiquei isolado, não é? Bom, aí então eu estava vendo que a situação minha estava ruim, eu esperava ir para a rua, não é? Aí eu dizia para a mulher: "Olha, ora por mim, pede a Deus por mim porque se eu for perder essa parada..." Eu já estava perdido, vou para rua. "... Eu vou fazer justiça com as minhas próprias mãos, vou fazer justiça com as minhas mãos e vou me apresentar ao juiz e vou alertar tudo ao juiz. Eu já estava preparado para fazer a justiça. Aí saí com o punhal, saí com o punhal aqui do lado, preparado para dar o que viesse. Estava desesperado. Aí quando foi no dia que foi resolvido o inquérito, um dia de tarde, sabe como é que fizeram? Chamou todo mundo lá no distrito da malária, compreendeu? Todo mundo reunido lá do lado, e eu do outro lado defronte, isolado, sozinho. Aí está todo mundo lá, tudo contra mim, tudo controlado contra mim. Eu estou só pedindo a Deus, não é? Aí de repente dois guardas daqueles que também estavam no erro, o meu caso era o guarda chefe, era o responsável, não ia dar parte dos dois guardas. Aí dois guardas vieram para o meu lado, veio para o meu lado: "Anfilófio, você está triste..." Não sei o que. Eu falei: "Você quer que eu esteja alegre com uma situação dessa, você não está vendo minha situação?..." e tal. Aí que ele falou: "Não, você pode estar certo que se você for para rua nós também vamos, porque nós vamos falar a verdade". "Não, mas vocês não têm nada a ver com isso, isso fui eu..." E tal. "Não, mas nós não vamos deixar você sozinho, não". Dois guardas, mas eu estava desconfiado deles, não estava acreditando, não é? Eles aí então falaram comigo e tal. Então o pessoal de lá vendo aquilo, quando eles chegaram lá, perguntaram a eles: "Você está do lado do Anfilófio?" Ele: "Não, não estou do lado de ninguém, estou do lado da verdade, da verdade. Na hora eu vou falar a verdade". Aí ele

dizendo isso estava contra eles, não é? Aí ele foi e ameaçou os dois guardas e eu. Disse: "Olha, se nós perder essa parada vocês vão levar uma coça de cipó, vocês três". Que era eu e os dois guardas. Os guardas então se afastou de lá, por outro lado, foi andando, não é? E fez um sinal para mim lá de longe, fez um sinal para mim, aí eu fui lá ver o que eles queriam, mas eu estava desconfiado deles, fui lá. "Anfilófio, você, olha, vou avisar você, nós estamos ameaçados, estamos ameaçados de levar uma coça. Eu estava preparando o punhal mas... Você está armado?" "Eu não estou armado, não". Aí então eu aproveitei, o Getúlio nesse dia estava falando. Então eu aproveitei e falei: "Ó, vamos fazer o seguinte: Vamos na delegacia, na cadeia pública, vamos registrar uma queixa lá". Aí fomos para cadeia pública, chegamos lá estava o delegado escutando o Getúlio falando, não é? Ouvindo o discurso. Aí o delegado veio atender, eu disse: "Doutor, nós viemos aqui para o senhor registrar uma queixa aí". "Qual é?" "Garantia de vida, nós estamos ameaçados". Aí pedi para registrar lá, aí o comissário foi lá e registrou lá, nós três estava respondendo a um inquérito, nós três estava ameaçado, então ele registrou lá, registrou e tal: "Como é o nome das pessoas?" Aí eu dei o nome de oito, era o chefe e o administrador e tudo, que eu estava acusando. Aí dei o nome, ele foi e botou tudo lá. Aí um policial que estava observando, quando foi na hora: "Pode ir embora". Aí eu perguntei para o comissário assim: "E agora?" "Agora vocês se defendam, (risos) se defendam". Aí o polícia cá fora falou: "Ó negócio agora, fizeram um arranjo aí, eles vão te enfiar revólver lá..." O polícia. Aí eu estava com o punhal, não é? "Vocês agora estão com garantia de vida aí, fuzila uns dois ou três aí e pronto". O polícia também... (risos) Aí a gente está... (TI) Agora já tem uma garantia, não é? A gente estava com uma idéia mesmo de fazer justiça. Bom, aí quando foi na hora estava o doutor chamando um por um lá: "Você sabe alguma coisa a respeito disso assim?" "Não senhor". Ninguém sabia de nada, todo mundo corno. "Então assina aí". O doutor era o chefe: "Assina aí". Todos tinham que assinar. Todo mundo corno. Quando foi na hora dos dois guardas, que foi por último, todos dois foi a meu favor. E eles também estavam no meio, eles jogavam. Aí o doutor perguntou: "Ué, o senhor estava trabalhando como é que o senhor podia saber que estava..." "Ué! Eu estava no meio". "Ué, o senhor estava..." "O chefe me chamava, eu ia contrariar o chefe? O chefe me convidava, me chamava para jogar, me chamava, aí eu ia". Aí não teve jeito: "Tem uma coisa, só vou assinar depois que eu ler isso aí". Aí foi a meu favor, aí ganhei a questão, os dois, não é? Aí quando foi na hora que eu fui lá: "Pode ir embora, pode ir embora". Aí eu fui embora. Então o que aconteceu, aconteceu que o inquérito não podia ser feito do jeito que foi, porque de acordo com o estatuto tinha que ser feito por uma outra repartição, não é verdade?

NL: Não podia ser feito pelo diretor de lá mesmo, não é?

AF: Mas eu como não conhecia o estatuto bobeei, então eles fizeram tudo errado, mas eu graças a Deus venci. Fui para casa mais aliviado. Quando é no outro dia lá foi um funcionário lá na minha casa: "Anfilófio, o doutor mandou chamar o senhor". Aí eu fui, fiquei lá, o encarregado do pessoal foi e falou: "Anfilófio, o doutor mandou lhe perguntar se o senhor não quer ir trabalhar". "Eu não estou suspenso para inquérito?" "Não, você pode ir trabalhar". Aí mandou eu me apresentar no serviço. Aí eu fui e falei bem alto para o doutor escutar: "Soldado, o senhor diz ao doutor que eu vou trabalhar lá no serviço, não quero assunto com ninguém, não quero conversa com ninguém, vou fazer o meu trabalho, a minha obrigação, agora tem uma coisa, não quero que se meta comigo, não, se me chamar de bonito ou de feio eu vou fazer o que eu tenho que fazer, eu já estou preparado". Eu falei: "Já estou preparado".

Aí quando eu falei aquilo, o doutor escutou, não é? Aí chamou o encarregado do pessoal lá dentro. Chamou e mandou ele bater a máquina um aviso. Aí ele vai, vem: "Se apresenta com isso lá" Aí aquele papel era avisando a todo mundo para não se meter comigo, para não se meter comigo. Então eu passei a trabalhar, não queria mais conversa com companheiro, nem nada. Aí foi quando eu vim transferido, depois com carta do José Linhares, não é? Com a ordem do José Linhares... (TI) Aí me apresentei aqui no Rio na véspera, foi na quarta-feira de cinzas, eu vim no carnaval. Quarta-feira de cinzas me apresentei no serviço. Aí eu então aproveitei junto com a minha família, não é? Aí eu disse para ele: "Não, eu não quero ter, eu não tenho casa". "Eu não tinha casa..." Já tinha casa preparada, mas eu aproveitei: "Eu não tenho casa e tal, eu quero licença para..." Aí me deram um mês, me deram um mês para eu arranjar casa, ganhando, não é? Mas o doutor quando me mandou para cá, tinha que apanhar a passagem, não é? Ele não quis me dar passagem, o que ele foi pagou um mês adiantado, eu vim com uma verba de lá, não é? Um mês adiantado para eu pagar as passagens e eu não ia receber aquele dinheiro. Então eu aproveitei e pedi para ele, compreendeu?

(Interrupção) Minha filha quer o... Bota aí, cadê o biscoito? Eu não quero. Ela: Não, quer não? Ele: Cadê o açúcar?
Ela: – Eu acho que caiu lá. Ele: Traz um biscoito.

AF: Aí então acontece que o dr., aí quando eu me apresentei no serviço...

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

AF: Aí então acontece que eu falei para ele: "Não, não tem importância não, quando chegar no Rio eu vou receber esse dinheiro todo". Aí vim me embora com a minha família. Aí tomei nota de todo dinheiro que gastei. Hotel, estive hospedado em São Paulo uma noite com a minha família. A minha senhora veio de lá de São Paulo com uma tosse, veio de lá com uma tosse, quando chegamos aqui no Rio, para Niterói, aí a mulher estava esperando neném, não é? Quando ela esperava neném as veias dela ficavam grossa, não é? Com aquela tosse rebentou uma veia por dentro, interna, aí deu hemorragia nela. Aí eu fui e levei ela para o médico, quando foi ver, ela estava com uma galopante, ela estava contaminada com a galopante. Tudo é rápido, não é? Galopante. Eu já tinha comprado até seis vidros de Bromil para dar a ela. Aí o dr. quando viu... O dr. quando viu... Eu levei ela pro dr.... O dr.: Nós vamos fazer, tirar uma chapa.

PAUSA

AF: Então o doutor aproveitou, mandou separar as vasilhas todas dos garotos, tudo isso, já sabia, mandou tirar uma chapa e deu positivo. Já estava com os dois pulmões afetados. Estava com tuberculose galopante. Aí ele me preveniu para eu me afastar. Aí acontece que eu procurei hospital, nessa ocasião estava em construção o hospital nosso na Sacadura Cabral, Hospital dos Servidores, não é? É exatamente nessa ocasião que estavam construindo o hospital... Foi 1945, 46, não é?

NL: 1947.

AF: Estavam construindo. E não houve jeito de eu arranjar internação para ela.

NL: Não teve jeito?

AF: (TI) e tudo, não arranjamos internação, fui para o jornal, fiz apelo pelo jornal e tudo isso.

NL: Porque era difícil conseguir?

AF: Aí tive que manter ela em casa, aí então eu estava licenciado. Aí procurei fazer todo o possível que eu podia fazer com ela, não é? Aí acontece então que os garotos ficavam em casa sob os cuidados da avô e da minha cunhada, não é? Da minha sogra e da minha cunhada, mas a minha sogra e a minha cunhada não procurou limitar, deixava os garotos em contato com a mulher, tudo isso. Comia até resto. Era... Aí eu lutando para arranjar internação para a mulher. E o meu sogro também avisou: "Anfilófio, você separa da mulher, se separa porque você não pode ter contato, porque você tem que olhar os seus filhos". Mas é que nós tínhamos tido uma conversa antes, de marido e mulher, quando a gente era novo, não é? Quando a gente era casadinho, novo. Coitada ela falava: "Se você tiver amanhã ou depois uma doença eu não separo de você". Essa conversa boba, não é? "Eu gosto de você, eu amo você" E eu aí eu acabei: "Não, a mesma coisa..." e tal. E houve aquela conversa e aconteceu aquilo. Então eu procurei, procurava me afastar, ela começa a chorar, não é? sofrendo. "Está vendo eu não falei, eu não falei que se acontecesse comigo você não me amava". Aquilo começou a me doer o coração. Eu para não ter remorso mais tarde, eu me arrisquei. Aí falei com o meu sogro: "Sr. (TI) eu não posso contrariar ela cada vez, quanto mais eu contrariar é pior, então eu... Houve essa conversa e tal" "Mas você não pode, rapaz". Mas eu com pena dela, para não ter remorso mais tarde, eu dormia do lado dela, e arrisquei, seja o que Deus quiser, não é? Aí que eu me considerava também que eu ia ficar doente. Aí acontece que ela morreu, aí morreu cinco filhos um atrás do outro, os menores, eu enterrei seis pessoas em três meses, em três meses eu fiz seis enterros.

NL: O senhor tinha cinco filhos?

AF: Foi ela e cinco filhos em Niterói, tudo por causa do serviço, o serviço foi culpado disso, a miséria que eu passei em São Paulo, aborrecimento, e tudo aquilo, não é? Ela quebrou o resguardo, não é? Resguardo da criança, não é? Tudo aquilo arruinou, aí morreu ela, morreu os cinco filhos, enterrei seis pessoas, fiquei endividado...

NL: O senhor perdeu todos os filhos, então?

AF: Hein?

NL: Foram todos os seus filhos que morreram? Todos os seus filhos morreram?

AF: Eram seis filhos, eram onze filhos, não é?

NL: Ah, o senhor tinha onze?

AF: Perdi cinco, os mais novos.

AF:O senhor perdeu os menores?

AF: Teve um que ficou internado no São Sebastião, mas esse não chegou a morrer, não, estava só com uma sombra no pulmão, salvou. Aí arruinou a minha situação, arruinou a minha vida, aí fiquei só. Aí a...

NL: Isso foi em que ano seu Anfilófio?

AF: Hein?

NL: Em que ano foi isso?

AF: Isso foi...

NL: Mais ou menos.

AF: Foi no ano que terminou a guerra, não é? Depois que terminou a guerra, porque nós viemos de lá em 1946, a guerra terminou em 1946, não é?

NL: Foi.

AF: Aí chegou aí, ela já estava contaminada, de repente. Aí perdi a família, não é? Fiquei só, não é? Fiquei só. Bom, fiquei trabalhando... Aí fui me apresentar para trabalhar depois do prazo, aí já tinha uma carta de mal recomendação para mim. Quando eu me apresentei ao doutor lá em (TI) para trabalhar aqui no Rio, o doutor falou assim — Ele era surdo, então ele ficava assim. Você tinha que falar alto com ele. Então o doutor foi, estava com outro médico em Vigário Geral, que trabalhava em Vigário Geral, ele era paulista, então o dr. falou para mim assim: “Olha, você vai trabalhar com esse médico, com esse médico aí, lá em Vigário Geral, mas não vai fazer com ele o que você fez em São Paulo, não. Falou para o médico ouvir. Aí o médico falou: “O que ele fez em São Paulo, ele veio de São Paulo?” “Veio”. “O que ele fez?” “Ele veio de lá como mau elemento, pinta braba, mal elemento”. O doutor falou para o outro, me sujando a... Aí eu aproveitei, pedi licença a ele: “Doutor, o senhor me dá licença de eu falar duas palavras?”, aí então ele me deu a licença: “Eu fui e falei bem alto para ele escutar e todo mundo escutar: “Doutor, eu quando vim, quando eu recebi ordem para vir para cá, eu já sabia que eu ia trabalhar com o senhor. Eu também tive más informações do senhor, que o senhor era mau elemento”. Aí eu sacaneei logo. “Também tive más informações que também o senhor é mau elemento, se o senhor é mau elemento como eu sou, está de parabéns, eu sou mau elemento, mas eu não sou corrupto, e não sou aproveitador da verba da nação, nem nada, compreendeu? Então eu vim de lá como mau elemento porque não apoio bandalheira, não apoio bandalheira. Não estou mancomunado com bandalheira”. Então eu falei para ele isso, aí eu falei para ele isso. Aí eu falei para o doutor de Vigário: “Doutor, eu vou pedir um favor para o senhor, vou trabalhar para o senhor sem medo nenhum, eu cumpro com o meu dever, minha obrigação, o senhor pode estar certo de que eu vou cumprir com o meu dever, com a minha obrigação lá, agora não quero ser humilhado, não aceito

humilhações, nem humilho ninguém, nem sou humilhado, não quero ser humilhado. Eu quero justiça. O senhor pode me fiscalizar, se eu estiver errado o senhor me puna, só não quero perseguição comigo". Falei para o doutor assim. Aí me apresentei a ele de Vigário Geral, me apresentei de Vigário Geral. Aí fui trabalhar, aí o doutor foi e mandou eu me apresentar para trabalhar em Parada de Lucas numa sessão que tinha, aí quando eu chego na sessão aí o guarda chefe...

NL: Era sessão de malária também ou?

AF: Na malária. Aí vim trabalhar numa sessão aqui de Parada de Lucas, eu era guarda, não é? De primeira. Aí o guarda chefe era amiguíssimo (sic) meu, trabalhou comigo naquela Maré lá na Ilha. Então ele foi me apresentou: "Oh, seu Anfilófio, como vai?" Aí fui trabalhar, me botou numa zona lá na Penha, uma zona descoberta, estava descoberta, então estava andando lá um tal de, uma epidemia lá, tifo. E os guardas da Febre Amarela mandavam anofelinos lá para o serviço, que lá não era feito o trabalho, era descoberta, uma zona descoberta. Então os guardas da febre Amarela mandavam para o serviço e o mosquito da malária, o doutor resolveu, me botou naquela zona descoberta, número 329. "Anfilófio, você vai trabalhar naquela zona". Aí fui trabalhar. Então o pessoal lá não conhecia o nosso trabalho, a gente usava peneira, usava culote, capacete, parecia um escoteiro, sabe? Facão... E o pessoal estranhava a gente. Então eu entrava naquele comércio todo na Penha, vai de Vicente de Carvalho até o Grotão. Então eu entrava naquelas casas de loja, não é? Açougue, padaria... Então: "Saúde pública..." Aí os donos da loja me acompanhavam, os portugueses: "O senhor fuma?" Nesse tempo eu fumava. "O senhor fuma?" "Fumo". "Qual é o cigarro?" "O senhor bebe?" "Bebo".

NL: É, estava... corrompendo.

AF: Ver se eu bebia, para se certificar... Mas eu infelizmente, talvez, porque eu banquei o otário, sabe? (risos) Eu queria ser direito, com moral, é por isso que eu estou nessa situação hoje, não aproveitava. Aí pega, quando era na hora, quando era irregularidade eu tirava a nota. "Qual é o nome do responsável aí?" "ham!" "Qual é o nome?" Aí tirava intimação para todo mundo, todas as irregularidades que eram descobertas tirava intimação. Aí eu dizia: "Olha, meu chefe, eu fumo, eu bebo, mas tem uma coisa, se eu resolver tomar um café aí, eu faço questão de pagar, se eu comprar um maço de cigarro eu faço questão de pagar, porque o governo me paga para eu fazer o meu trabalho, o meu serviço". Não aceitava um tostão de ninguém. Aí eu trabalhava honestamente pelo serviço. Tirava intimação para todo mundo. Mas de acordo com a minha consciência, quando eu entrava na casa de uma família pobre, compreendeu? Era aquela tal coisa, todas as irregularidades, usava o caderno de bolso, anotava: Rua tal, número tal, anotava todas as irregularidades, isso era problema meu, problema meu, anotava todas as irregularidades e chegava perto da dona e dizia: "Dona, quem e o responsável?" "É meu marido". "Ele trabalha em que?" Trabalhava de dia para comer de noite, filho e tudo isso. Se eu intimasse aquele camarada para fazer o trabalho, isso ser intimado para fazer em oito dias, ele não ia poder fazer, perdia um dia de serviço para ir lá no doutor, perdia dois dias. Eu para favorecer a ele para não perder dia de serviço nem nada, porque o doutor dava noventa dias de prazo, mandava fazer um requerimento mandava ele assinar, noventa dias. Então eu resolvia o problema no campo, eu mesmo resolvia então não

tirava intimação, compreendeu? Eu estive lá e: "Ó, seu marido vai fazer esse trabalho". Agora eu vou fiscalizar, se não tiver aparado, não fizer eu vou intimar. E eu fiscalizava, eu tenho caderno de nota, mas o dr. não sabia disso...

NL: O trabalho era...

AF: Hein?

NL: O trabalho era eliminar foco, quer dizer, que trabalho vocês tinham que fazer?

AF: Era negócio de galho de árvore, tudo desses canos de ferro, na seca cheio d'água, mandava tampar, botar cimento, galho de árvore, tudo aquilo todas as irregularidades...

NL: Tudo isso era o morador que tinha que fazer?

AF: Hein?

NL: Tudo isso era o morador que era visitado que tinha que fazer, não é?

AF: É, que tinha que fazer, o responsável, então invés de tirar a intimação, mandava fazer e eu ia lá olhar. Acontece que aquela turma que foi intimado por mim ficaram com raiva de mim, porque eu não me vendia a eles. Então eles viram várias irregularidades daquele pessoal que não eram feitas e fizeram uma comissão, fez. E foram dar parte de mim. A senhora veja só. Aí foram dar parte de mim. Aí eu estou trabalhando. Aí o chefe geral foi lá, o guarda: "Anfilófio, guarda o material e vamos lá no distrito". Eu cheguei lá estava a comissão lá. O doutor foi e disse: "Anfilófio, eu recebi uma denúncia contra o senhor, mandei chamar para o senhor me explicar". "Pois não, estou aqui para isso". Aí o doutor Eles não esperavam por aquela, eles foram fazer mal a mim, mas fizeram bem. Aí o dr. foi: "Como é que você vai explicar?" "Isso é fácil. Qual é o endereço aí?" Aí a rua e o lugar. Aí o camarada... Aí eu meti a mão no bolso, foi a surpresa, tirei um caderno. "rua tal" Está aqui. "Número tal" "Está aqui". Mas o doutor queria saber porque é que estava ali e eu não tinha tirado intimação, ele não sabia, não é? Aquilo era idéia minha, guarda nenhum fazia isso não, eu até abri caminho para eles, não é? Aí então ele queria saber. Eu disse: "Dr., o problema é o seguinte, o senhor é meu chefe". Eu falei para ele: "O senhor é meu chefe, eu sou guarda de campo, eu sou seu auxiliar de campo..." Eu falei para o dr.. "Eu me considero auxiliar do senhor no campo, o senhor trabalha aqui dentro, eu trabalho no campo e o senhor não sabe o que se passa no campo, quem sabe sou eu, eu sei o que se passa no campo, se eu intimar uma pessoa para fazer o trabalho e a pessoa não puder fazer vai perder um dia de trabalho, perde dois dias, vai fazer falta à família, vai tirar o pão dos filhos, não é? Vem aqui, o que o senhor faz? O senhor não dá 90 dias de prazo? O senhor não vai ter trabalho de fazer o requerimento, mandar bater a máquina, o senhor não vai assinar, não vai dar? Então eu resolvo isso no campo, não dou trabalho ao senhor, não dou despesa e favoreço a família e eu mesmo fiscalizo, está aqui, está anotado tudo aqui, todas as irregularidades está aqui, pode ver qualquer ela". Aí o doutor foi e olhou, aí falou: "Está certo, está certo". Porque ninguém fazia isso não, eu é que fui abrir os olhos dele aí.

NL: E o serviço dava orientação de intimar de qualquer maneira, a orientação do serviço era essa, não é?

AF: Então o doutor foi e... Aí eu fui e aproveitei: "Doutor, agora quem vai dar parte deles sou eu, o senhor sabe porque eles vieram dar queixa de mim aqui? Porque eles me oferecem cigarro, me oferecem cerveja, me oferecem café até dinheiro e eu não apanho, estou aqui para cumprir com o meu dever e a minha obrigação, o governo me paga é para isso, compreendeu? Então eles têm raiva de mim porque eu intimei eles, eles foram intimados, conforme o senhor já falou, eles cumpriram a intimação. Mas eles podiam fazer, tem o dinheiro, podia fazer. Eu tenho que apresentar meu trabalho, agora essas famílias pobres, compreendeu, eu acho que é uma injustiça. Aí então o doutor foi... Eu nunca fui mais para o campo não, me botou para tomar conta de sessão, passei a chefe. Trabalhei dois anos de guarda chefe, inteirinho, como guarda, então eu passei a tomar conta de sessão, então eles me promoveram. Mas esse doutor teve consciência, porque ele viu que eu estava certo, não é? Foi um sujeito consciencioso.

NL: O senhor lembra o nome dele? O senhor lembra o nome?

AF: Lembro, dr. Guilherme da Silva, ele era perseguido pelo dr. Mário Pinotti. Porque o dr. Mário Pinotti tinha uma política, ele apoiava um e perseguia outros. Todo sujeito direito ele perseguia, ele era só a favor de quem não prestava. Então havia uma política do doutor com o Mário Pinotti, compreendeu? Então eu fui e tomei conta da sessão como guarda. Quando eu passei a tomar conta de sessão, eu reunia os guardas todos, que eram nove guardas. Eu fui e falei com eles: "Companheiros, olha, eu era novo aqui, vim de São Paulo..." Porque o pessoal não queria me aceitar como guarda chefe, eles diziam que eu era quinta coluna, era leva e trás. Não era nada disso, com inveja. Aí eu falei: "Olha, o problema é o seguinte, eu estou no lugar de guarda chefe, mas vocês podem considerar que eu sou o mesmo homem, sou o mesmo guarda. Agora tem uma coisa, vou pedir a vocês..."

Fita 2 – Lado A

NL: O senhor pode contar essa novela com calma que eu não tenho pressa.

AF: Então continuando. Ele veio para aí, eu reuni os companheiros para dizer a eles, pedir a eles para colaborar, apoiar, mas eles aí não queriam colaborar comigo, não quis me ajudar. Então eu fazendo a fiscalização, pegava eles na falta, aí eu tinha que chamar a atenção. Então eu vendo que eles estavam querendo me prejudicar. Eu fiz o seguinte, reuni eles no posto e disse: "Olha, eu vou lá no doutor, vou pedir ao doutor para me botar na minha zona, botar outro no meu lugar, que eu não estou aqui para isso não, que eu não quero fazer mal a ninguém. Mas também não vou aceitar vocês fazerem troço errado. Então para não fazer mal a vocês, eu vou pedir ao doutor para me botar na minha zona, eu não estou ganhando nada". Aí fui no doutor, cheguei lá no doutor: " "Dr., será que o senhor não podia arranjar outro para chefe?" "Mas por quê?" Eu disse: "O senhor sabe, eu sou novo aqui, vim de São Paulo, já

tinha os guardas antigos aí, quando o senhor me pôs no lugar deles, o pessoal não quer aceitar, estão me acusando, e tudo isso, eu me sinto mal com isso, e não estou aqui para fazer mal a ninguém. E depois eu sou guarda". "Não, senhor. O senhor está cumprindo ordem minha. Se o senhor, por exemplo, não quiser aceitar, eu vou lhe transferir para outro lado". Ou aceitava ou então, não é? Aí eu então... "Então o senhor faz uma ordem do dia aí". Para mim fazer a ordem do dia. Ele mandou bater a máquina. Aí eu voltei: "Olha, tem uma coisa, eu fui ao dr., pedi para voltar, ele disse que não vai, ou eu cumpro ordem ou eu vou ser transferido. Eu não vou me prejudicar por causa de vocês. De hoje em diante quem não achar certo, peça transferência, é melhor vocês pedirem transferência, porque eu não vou tolerar, eu cumpro com os meus deveres, a minha obrigação, sempre andei certo, como é que agora eu vou ser prejudicado..." Aí me (TI) problema, está vendo? Aí eu cai nas (TI). Dois anos. Depois de dois anos fui promovido a chefe, em 1948, e anos fui promovido a chefe em 1948. Promovido a guarda chefe em 1948, viu? Por trabalho prestado. Então acontece que a minha vida era essa, não é? Trabalhei, aí eu sempre cumpri com os meus deveres e obrigação, sempre colaborando com morador, roubavam areia do rio, não é? Era proibido. Nós na malária tinha um regulamento, o sujeito para tirar areia do rio, tinha que tirar com autorização da repartição. Então na minha sessão todo rio, todas as valas que davam areia, eu arranjava uma pessoa que tinha necessidade de areia, mas ele tinha que colaborar com o serviço. Limpar... ele tirava areia mas colaborava com o trabalho. E aqueles que roubavam areia e na hora de aparecer fugiam eu apanhava aquela areia, apanhava e espalhava nas poças da água... Tinha um trabalhador que tinha um carrinho, mandava ele apanhar e espalhar nas poças d'água, nas cavidades, aproveitava para o serviço, não é? E acontece que meu trabalho sempre foi a benefício da repartição, nunca procurei fazer nada de mal, sempre fazia trabalho para o bem. Aí trabalhei aí, não é? com esse doutor, então acontece... Eu acho que eu não vou poder contar mais nada, não é? Eu acho que a praia é favela, não é?

NL: Não, antes do senhor chegar tem algumas coisas, que é até para entender melhor.

AF: Bom, então aí eu vou seguir. Acontece que o doutor, esse doutor que me promoveu a chefe, o tal que fui apresentado como mau elemento, tiraram eles daí. Aí veio um outro doutor, que era pernambucano, o pai dele foi comprador de escravo, era um sujeito safado, ele era carrasco. Diz que lá em Porto das Caixas onde ele trabalhava, ele usava uma [pistola] 45, ele punia os trabalhadores, guardas, até guarda chefe, e quando ele podia ele botava a esparadela em cima da mesa, a esparadela, metido a valente, metido a bravo. E ele apanhou a esposa de um guarda chefe que era amante dele, foi a secretaria dele, trabalhava com ele e era amante dele, uma moça nova e ele era um velho, então o guarda chefe até saiu da repartição e veio apanhar, o marido da mulher. Um sem vergonha, não é? Então quando ele veio para aí, o outro saiu, e já estava informado quem era ele, eu tinha informação do que ele fazia lá em Porto das Caixas. Era corrupto, safado, eu com a minha moral... Mas ele em termos quando veio para aí, já veio para fazer política. Perseguir todo o pessoal que o outro botou, perseguir. Aí quando ele veio para aí, então ele começou a fazer transferência de todo mundo aí, para Jacarepaguá, eu morava... Nessa época eu morava em Caxias. Aí eu estou vendo que ele está... Aí quando eu vi que ele ia me transferir também, que ele falou que ele ia me transferir, aí eu procurei uma dona lá no Ministério da Saúde, dona Maria Ferreira Pinto, eu me dava com ela, assim eu falei com ela, e ela se dava com o doutor, ela foi e pediu a ele por mim. Ele prometeu a ela, mas depois ele falou na repartição, no posto, que não tinha Maria, não tinha nada. E eu fui

pedir, ela disse que ele ia me transferir para Jacarepaguá. Então eu soube disso, me transferiu lá para Jacarepaguá. O maior sacrifício, saía de madrugada, chegava de noite, trabalho longe, despesa de passagem. Aí fui trabalhar. Então esse doutor que me transferiu para lá, o tal do dr. Francisco Porto, ele não valia nada, ele era safado, então ele aí... Aí eu fui para o Luthero Vargas, que era o próprio filho do Getúlio, não é? Eu me dava muito com ele, não é? Então eu fui a ele, contou a situação a ele. Ele foi e mandou uma carta para o Mário Pinotti, o Mário Pinotti não atendeu. Então o Luthero Vargas arranjou um jeito de me transferir. Mas aí o dr. Mário Pinotti se reuniu com esse médico daí, lá na diretoria, Melo e Souza, e então lá na reunião eles trataram de complicar minha situação. Eu fui alegar que eu morava em Caxias, que era longe, gasto de passagem. O doutor aí falou na reunião que não me queria mais aí, ou eu ou ele, ou eu ou ele. O dr. Mário Pinotti tinha o rabo preso na mão do outro, então resolveu o seguinte, me mandaram para a Cidade dos Meninos, a Cidade dos Meninos, lá em São Bento, lá em cima, para trabalhar lá. A Cidade dos Meninos fabricavam um tóxico, um inseticida, não é? Então me botaram para trabalhar lá, então aí eu recebi o recado que eu ia trabalhar lá porque não ia gastar passagem, tinha ônibus para levar gente, caminhão, lá tinha almoço, tinha tudo isso. Então eu morava em [Duque de] Caxias, então.

NL: Onde fica?

AF: Na Cidade dos Meninos, em Caxias.

NL: Caxias.

AF: São Pedro, é Caxias, Aí então me deu um ofício para eu me apresentar ao diretor, mas na reunião o camarada que agora é o diretor, ele era meu amigo, então ele observou tudo então e aí me deu o serviço. “Anfilófio, fizeram uma reunião lá, cuidado que eles vão te atrapalhar lá”. Arrumaram a minha cama lá. Então quando eu me apresentei lá no diretor de lá, que era o subdiretor do dr. Mário Pinotti, era um cearense safado. Quando eu me apresentei a ele, com aquela roupa de guarda chefe, o meu emprego é de guarda chefe e tal, a roupa de serviço, eu era guarda chefe, tinha sido promovido pela lei, ele aí chamou lá um verba obra, verba três, ele só gostava de trabalhar com verba três.

NL: Verba três é o que?

AF: É verba obra, verba... É o pessoal sem garantia. E eu não, eu já era amparado pela lei, eu já amparado, era mais do que os outros, mas ele gostava de trabalhar, ele era vingativo, ele era safado, então aí me apresentei a ele, me chamou o responsável pela fábrica de inseticida era uma verba três, que era um alagoano, igual a mim, tinha mais direito, chamou ele e disse: “Olha, leva o seu Anfilófio lá para fábrica, ensina a ele lá e tal”. Aí me levou para fábrica, eu fui, não é? Aí o camarada falou: “Olha, o senhor vai para lá, o senhor não pode fumar lá...” Aí chegou lá me apresentou ao guarda quatro, que também era verba três, era verba obra. Aí o serviço que estava lá não servia para mim. Tinha que trabalhar com soda cáustica... Trabalhar no depósito de gelo, pedra de gelo, que tem aquela friagem. Então para mim não dava... O sujeito usava máscara, usava luva, assim eu estou lá. No outro dia foi e disse: “Oh, o senhor traz outra roupa para trabalhar, porque essa roupa aí serve para o senhor ir para o trabalho, para casa”, não sei o que...” “Sim, senhor”. Mas eu não dei atenção a ele, não, a minha roupa

era aquela mesma, a minha função era guarda chefe. Aí não dei atenção. Quando foi no dia que eu fui... "Ah, o senhor não trouxe outra roupa, não?" "Não, senhor, a minha roupa sempre foi essa". "Então o senhor vai trabalhar". "Qual é trabalho que o eu vou fazer?" O senhor vai tirar pedra de gelo do depósito, vai para o britador. Aí eu olhei para ele. "Eu vou entrar de sapato e meia lá dentro?" "Não, o senhor vai lá arranjar uma bota lá". Aí mandou eu procurar a bota. Estava tudo, não prestava mais, bota tudo lascada, luva toda furada, máscara toda contaminada. "Ah, não tem nada que sirva". "Ah, então o senhor entra assim mesmo". Aí eu de safadeza mesmo, de maldade, fui e entrei dentro do pote de gelo de sapato. (TI) gelada... Aí eu tirei as pedras de gelo para cima. "Bom, o senhor agora vai carregar balde de soda cáustica, com a mão livre, sem luva. Soda cáustica..." Aí eu procurei carregar com cuidado para não queimar minha mão, não é? Aí fica mais difícil. Se de repente escapuliu o cloro, escapuliu o cloro lá, e aí o pessoal correram, correram, eu corri, mas eu respirei um pouco do cloro, porque eu estava sem máscara, eu respirei porque não deu tempo. E aí como eu também estava trabalhando sem luva, a minha mão ficou toda contaminada de inseticida e deu aquela coceira, queimou isso tudo, queimava tudo isso aqui. Aí eu vim para casa, eu fui tomar banho piorou, passei mal, aí fui e não cumpri mais aquela ordem. (TI) Aí eu fui... Ah, eu fui almoçar, na hora do almoço, no primeiro dia almocei, quando é no outro dia eu vou para mesa lá do pavilhão o garçom veio disse: "Anfilófio, você não tem direito de almoçar aqui". "Porque que eu não tenho direito?" "É ordem do doutor". O doutor tinha dado ordem para não dar almoço a mim". Me tirou o direito de almoçar. Porque lá só tinha direito de almoçar quem trabalhava lá no pavilhão, era guarda, guarda chefe, trabalhando naquela função, agora trabalhadores não tinham direito, não, quer dizer, eu estava como trabalhador. De guarda chefe para trabalhador. Aí eu me levantei, fiquei envergonhado, me levantei lá da mesa, não é? Esperar o doutor. Quando o doutor veio de volta eu falei: "Doutor, o senhor deu ordem para me tirar a refeição?" "Dei". "Por quê?" "Porque o senhor está trabalhando como trabalhador". Mas eu não sou trabalhador, eu sou guarda chefe. Quando eu me apresentei ao senhor o ofício vinha dizendo, o ofício vinha dizendo qual era a minha qualificação, guarda chefe, amparado na lei, tudo isso e acontece que eu não aceito isso". "Bom, é ordem do diretor". Aí começou a jogar para cima do dr. Martins Jorge. "Bom, então o senhor faz o seguinte, o senhor me dá uma autorização para eu..." "O senhor pode falar com o Mário Pinotti". Chego lá o Mário Pinotti empurrou para cima dele. Um jogo de empurra. Assim foi para onde então criou o problema. Aí eu arranjei... Aí eu fui para o dr.: "Doutor, o senhor pode dar uma licença para eu tratar da minha saúde". "Eu não vou dar, não". "Não vai dar por quê?" "E o senhor sabe se eu estou doente ou não?" "Mas eu lhe consultei". "E o senhor sabe? O senhor é médico, mas é médico de saúde pública, eu não considero o senhor como médico de doente, não". Aí... não me examinou. Aí eu gritei logo com ele, esculhambei logo com ele: "O senhor não me examinou, nem nada, como é que o senhor sabe que eu não estou doente ou não? O senhor não quer dar não, não é?" Aí eu procurei o Luthero Vargas, falei com ele, ele falou: "Você faz o seguinte, você faz uma carta, comunica ao dr. Mário Pinotti que você pediu e ele recusou, e você deixa que eu vou lhe arranjar um atestado médico particular, reconhece a firma, e eles vão se dar mal, se dar mal porque eles recusaram. Aí começou a dar problema, dar problema. Aí o resultado de tudo isso... E o doutor lá, quando fez trinta dias eu não trabalhei mais não. Deixei o serviço. O doutor vai e pega... Eu ia todo dia para lá, saia meio dia, trabalhava só meio dia. Trabalhava, ia embora, ia embora, ia embora. Aí estava zerando os meus dias, quando fez os trinta dias ele fez um ofício pedindo minha exoneração por abandono de emprego, mas aí

mandou para o dr. Mário Pinotti, pedindo a minha exoneração, mas o Pinotti ficou com medo, com medo dos podres, não é? Ele estava vendo que eu estava amparado por alguém.

NL: Que era o Luthero Vargas, não é?

AF: É, o Mário Pinotti, Mário Pinotti.

NL: No caso estava vendo que o senhor estava amparado pelo Luthero Vargas, não é?

AF: É.

NL: Como é que veio essa tua relação com o Luthero Vargas? Era de família?

AF: É porque eu pendia para o lado do PTB, não é? Fazia parte do PTB, e conheci o Luthero Vargas de lá, trabalhei para ele, me dava com ele, então eu aproveitei e fui a ele, e ele também não gostava do Mário Pinotti, tinha raiva do Mário Pinotti, porque o Mário Pinotti também sacaneou ele. Então ele queria ir ao meu favor. Tanto que arranjou até uma senha, para eu entrar no Palácio, no Palácio do Catete, nesse tempo aqui era federal. Então eu tinha direito, arranjado por ele, o secretário particular de Getúlio, toda vez que eu precisasse entrar lá no Palácio eu tinha direito a entrar, com aquela... não é? Então ele arranjou para mim. E falou com o secretário particular do Getúlio: "Olha, você faz o que puder por esse rapaz aí". Aí mandou ele me proteger lá, o secretário particular do Getúlio, não é? Bom, aí eu sei dizer que por causa desse problema todo, eu passei, todo dia eu ia lá, na Cidade das Meninas, todo dia. Lá tinha oficina de tapeçaria, tinha várias oficinas, então eu estava observando todas as bandalheiras que eram feitas lá. Então esse doutor de lá, o diretor, morava nas Laranjeiras, então ele estava fazendo uma casa nas Laranjeiras às custas do Serviço, com os funcionários do Serviço, mandava o caminhão apanhar areia lá em Bangu para levar para Laranjeiras, rua Gago Coutinho, tudo lá. Então ele estava fazendo construção para ele às custas da repartição, mão de obra da repartição, caminhão usado para apanhar areia lá em Bangu, e o Mário Pinotti, que era puxa suco da dona Darcy Vargas, mulher de Getúlio, ela era presidente, do pequeno jornaleiro. Ela era... Então ele beijava a mão dela, o Mário Pinotti, então ele arranjou para fazer obra no Pequeno Jornaleiro. Então ele foi para lá fazer obra e todo o material que ele arrecadava lá ele roubava, ele fazia obra lá, ele roubava o material... Cimento, pedra e tudo isso, o Mário Pinotti. Aí dava como para este doutor. Esse doutor levou cimento, pedra, tudo lá para Laranjeiras, eu estava observando isso. Porta, janela, tudo feito na carpintaria. Eu estou tomando nota. Aí eu estou lá, o doutor então na hora que ia para o refeitório, ele ia almoçar, ele me viu lá na porta da carpintaria, ele parou o carro e me chamou: "Oh". Ele estava (TI) que ia para o refeitório. "O senhor não pode estar aqui não, o senhor não está trabalhando". E eu falei: "E o senhor manda aqui, isso é seu, o senhor manda alguma coisa aqui?" Ele disse: "Eu mando, eu sou é chefe", "Mas isso aqui não é seu, não é sua propriedade, eu sou funcionário da repartição". "Mas o senhor não pode, o senhor não está trabalhando". Me proibindo, estava com medo de eu ver... "Doutor, não adianta, não, que eu já estou por dentro de tudo, já está tudo tomado nota". Falei mesmo na cara dele: "Todas as bandalheiras que o senhor está fazendo aí já tem tudo tomado nota, caminhão tudo, os operários tudo, não adianta". Eu falei na cara dele, na frente do outro médico: "Tudo o que o senhor está fazendo aí de errado, todas as bandalheiras que o senhor está fazendo, já está tomado nota". Ele aí ficou vermelho, ficou

vermelho e tal. Aí eu fui esperar ele na volta, quando ele veio na volta, eu estava na estrada, eu falei: "Doutor, vou lhe avisar uma coisa, o senhor não se meta comigo não, hein, senão eu vou para o jornal vou contar toda a verdade que está acontecendo aqui". Falei na cara dele, mas falei na moral, porque eu estava com raiva. "O senhor está pensando o que, eu sou um homem que tenho a minha moral, entendeu? O senhor para mim não tem moral, não tem autoridade moral, não. O senhor não se meta comigo não, que eu vou para o jornal e meto o pau". Aí ele ficou assim... Aí o pessoal do refeitório viu... Pô... Não, é o... (TI) Aí fui logo falando a verdade, entendeu? Eu sei dizer. O resultado. Tive seis meses fora do pagamento. Me tiraram fora da folha de pagamento, sem receber nada. Aí então eu fui, peguei o negócio, o Luthero foi e mandou o secretário voltar com (TI) de Getúlio. Aí então eu fiz eu documento relatando para o Getúlio as bandalheiras que estava havendo na repartição, roubalheira, agora eu só poderia provar se ele me desse um secreto, eu não disse aonde era, nem nada não, não dava o serviço. Eu tinha muita bandalheira para provar, mas eu só podia provar se eles me dessem um secreto com uma máquina fotográfica para poder bater a chapa e provar as bandalheiras, (TI) eu podia provar. Aí o secretário particular, ele levou para o Getúlio. Eu ficava na copa e cozinha lá, do Catete, a tal da copa e cozinha, eu ficava lá, eu já tinha conhecimento lá, eu era considerado lá. Aí ele levou para o Getúlio, o Getúlio leu aquilo e mandou dizer a mim que ele ia me dar o secreto, se eu topava. Topo, mandou dizer que ele ia me dar o secreto para eu fazer tudo isso. Ele ia me dar, mas sabe o que aconteceu? O Pinotti era compadre do Amaral Peixoto. (risos) Era compadre da Alzirinha Vargas, filha do Getúlio, eles eram compadres, compreendeu? Aí quando o Mário Pinotti soube que ia acontecer isso, ele soube, soube que ia acontecer isso. O Pinotti não saía do Palácio... (TI) Com a Alzirinha Vargas, e a Alzirinha Vargas não saía debaixo do tapete de Getúlio, pedindo ao Getúlio pelo Mário Pinotti, aí o Getúlio ficou naquela. Aí o Getúlio para não contrariar a filha nem nada, aí mandou me avisar que não ia fazer o que ele me prometeu para não contrariar a filha e tal. Aí... Mas disse que não tinha problema, não, que ia resolver o meu problema, aí deu ordem ao secretário particular para resolver o meu problema. "Você chama o Pinotti aí..." Ele disse: "Não quero nem ver a cara dele" Ele disse: "Não quero nem ver a cara dele. Você vai resolver isso. Você chama o Pinotti aí na frente do rapaz, resolve isso aí, ele tem que dar o direito ao rapaz, respeitar" . Aí deu toda a ordem. Aí o secretário particular veio: "Anfilófio, olha o Getúlio resolveu isso". "Está bom". "Mas eu vou resolver o teu caso, daqui a três meses você passa a receber o dinheiro". Mas eu tinha comprado, mas eu tinha comprado um revólver, o tal que me levaram aí, então ele estava esperando, mas eu estava a fim... Então aí eu tinha apanhado um empréstimo no (TI) Aí comprei um *Taurus* lá em Caxias, registrei. (TI) mas tem minha justiça. Se eu perder essa parada com o Pinotti eu vou matar. Eu já tinha, era meu plano já, eu ia matar o Pinotti e ia matar o outro, os dois juntos. Eles se reuniam junto, eu ia matar os dois, ia fugir e ia me apresentar ao juiz, contar toda a verdade. Mas graças a Deus não foi preciso, não é? Aí quando foi, aí chamou o Pinotti, o Pinotti não estava na repartição, aí o contínuo foi falou para o (TI). "Procure ele onde ele estiver, diz a ele para comparecer com urgência aqui no Palácio, no gabinete particular do Palácio de Catete, no setor", aí mandou eu esperar. Meia hora ele estava lá, meia hora ele apareceu lá, eu estava na copa e cozinha, não é? Aí quando ele vinha entrando, aquela cabeleira, não é? Quando ele me viu, ele sabia, ele já me conhecia. Quando ele me viu, aí um camarada falou assim: "Aí o homem com a boca mais larga do Brasil". Aí eu falei bem alto, para ele escutar: "Essa boca (TI)... Quer uma arara eu vou apanhar lá em Campo Grande, eu vou lá em Campo arranjo uma arara lá. (TI) ". Falei bem alto para ele escutar. Aí o doutor foi e mandou ele entrar, me chamou, fechou a porta, eu e ele, eu, Pinotti e

o secretário. Aí o secretário falou: "Dr. Mário Pinotti, o Presidente da República mandou eu resolver essa parada, esse problema. Esse senhor aí ele é funcionário da sua repartição, não é? Ele vem reclamando, vem reclamando desse problema que acontece com ele, não sei o que e tal... E vem reclamando um monte de coisa, e vai em justiça. E além disso, além dele reclamar, ele tem provas, tem provas de corrupção, roubalheiras, e tudo". Falando isso para ele, não é? "E acontece que o dr. Getúlio Vargas, o Presidente da República, mandou resolver essa parada, como é que vai ser, como é que nós vamos resolver isso?" Ele aí falou: "Não, com ele não é nada não, não tem nada, não. Ele não quer trabalhar". (risos) Não sei o que... Foi o que ele falou. Quando ele falou assim, aí eu falei: "Doutor, você me dá licença para eu falar a verdade aqui?" "Pode falar, pode falar". Aí eu virei para ele: "Dr. Mário Pinotti, o senhor para mim é considerado, o senhor é considerado pelos jornais, pela imprensa, o maior sanitarista do Brasil, para mim o senhor não é sanitarista de jeito nenhum, o senhor é um aproveitador das verbas da nação, o senhor é um sanitarista feito pela imprensa com o dinheiro das verbas que o senhor paga". Que lá vivia cheio de repórter apanhando dinheiro, as verbas. O senhor vem enganando os Presidentes da República. Enganou o marechal Dutra que ia acabar com a malária em cinco anos. O senhor acabou com a malária? Vive enganando o povo aí. O senhor além de ser corrupto o senhor apóia a corrupção, apóia a bandalheira, roubo..." Falei na cara dele assim mesmo: "O senhor não tem autoridade moral. O senhor não está falando a verdade, o senhor está me perseguindo, fazendo injustiça comigo, está querendo me rebaixar de minha função, eu sou guarda chefe e quero respeito na minha função. O senhor não pode me rebaixar, compreendeu? Eu fui promovido a chefe por lei e não admito, não aceito, o senhor me botar com os trabalhadores, o que há?" Aí ele foi e ficou caladinho, não falou nada, não teve coragem de falar nada, aí o homem viu aquilo, o secretário foi e piscou o olho para mim, aí pediu para eu me retirar, deixou ele lá dentro aí... Deve ter dado uma cipoada nele lá, não é? Aí depois ele abriu a porta... Aí ele saiu. Quando ele saiu lá de dentro, saiu todo tonto, tropeçou no tapete, quase caiu, errou na porta. (risos)

NL: O senhor se sentiu vingado, não é?

AF: Aí o chefe foi e disse: "Pinotti, está resolvido, você vai voltar para lá, vai tomar conta da sessão, aí recebi ainda os atrasados todos, seis meses, aí continuei trabalhando aí, continuei trabalhando aí. O doutor aí que diz que não queria ver eu, ou eu ou ele, aí no fim falou: "É, o Anfilófio... Ele pode vir, por mim ó, ele cumpre com o dever dele, a obrigação dele". (risos) Aí quando eu vim para aí sabe o que aconteceu? Ganhei uma bicicleta nova, toda equipada para eu tomar conta de um distrito, a metade do distrito. Botou para tomar conta da metade do distrito.

NL: O senhor (TI) enormes, não é?

AF: Aí o dr. Mário Pinotti brigou com o dr. Jair, brigou lá na... O contínuo me levou: "Está vendo o que você arranja, o culpado disso é vocês, vocês se metem com um homem desse, um elemento desse, no fim sou eu que sou acusado lá". Aí brigou. O doutor nem ia receber mais pagamento lá, mandava o secretário lá. Então as coisas foram assim. Bom, então me aposentei com 39 anos de serviço. Me aposentei com 39 porque eu não queria sair do serviço para não ficar abandonado, não é? Mas aí me obrigaram a me aposentar, eu me aposentei, com 39 anos.

Tem sete... (TI) Me aposentei porque me obrigaram, não é? Fui jogado fora, não é? Aí o problema da repartição é isso. Agora vou entrar no assunto da favela.

NL: Antes do senhor entrar eu queria que o senhor falasse como é que foi essa sua entrada no PTB, porque o senhor citou...

AF: Ah, o PTB é o seguinte, eu era getulista, não é? Era trabalhista, não é?

NL: Seu pai também, não?

AF: Não, meu pai era PP pela parte do Washington Luís, era contra o Getúlio. Depois com o tempo ele virou para o lado de Getúlio. Meu pai era da velha guarda. Ele foi até capitão daquela Guarda Nacional, meu pai foi capitão, usava aquela farda. Capitão da Guarda Nacional, a guarda que tem aí do Presidente da República, não é? Depois acabou, não é? Ele era capitão da Guarda Nacional. Cavalaria, capitão de cavalaria.

NL: Tinha uma boa situação financeira a família de vocês? Porque o senhor já falou do seu pai, que ele tinha uma boa posição, era boa a situação da família?

AF: O meu pai foi homem de... Entende de... Ele era negociante, a minha falecida mãe era peixeira, ela era muito trabalhadeira, ela ajudou meu pai. Aí quando foi com o tempo ele tinha uma casa de (TI) na rua Senador. Agora é Presidente Vargas, naquele tempo Senador Eusébio. Tinha ali um restaurante, e esse restaurante foi condenado para fazer obra, e meu pai então procurou aproveitar a obra, não é? Guardou toda aquela peça que ele ia precisar, para continuar depois da obra toda. Tinha muitos vizinhos, muitos amigos, ele aproveitou e foi a Portugal, a minha avó era espanhola, não é? Ele estava em Portugal, ela era peixeira lá em Portugal. E meu pai então aproveitou e foi com a minha mãe, levou os filhos, eram seis irmãos, não é? Éramos seis, fomos a Portugal, eu tinha oito anos de idade. Fomos a Portugal de navio e lá em Portugal então... E aí ele quis trazer a minha avó para cá, aí teve que ir na Espanha para legalizar ela, aí foi à Espanha de trem, de trem, foi lá e legalizou tudo, nós passamos uns meses lá em Portugal, fomos muito bem tratados pelos portugueses lá, aí viemos embora, nossa volta foi que aconteceu um desastre. Meu pai veio, se meteu numa padaria, foi vítima de um conto do vigário. Depois comprou um restaurante na [Rua] Sacadura Cabral, depois tomou (TI) um restaurante ali. Então a minha mãe ajudava a ele, a gente ajudava, mas aí apareceu uma mulher na vida dele, foi o estrago. Apareceu uma mulher lá em Niterói, na rua São Pedro, era amiga dele, aí a minha mãe começou a desconfiar, minha mãe tratava ele bem, ele saía...

Fita 2– Lado B

NL: Pode falar.

AF: Ela já estava prevenida, não é? Aí arruinou tudo, aí a minha coitada, não é? Aí acabou que houve a separação, aí foi a desgraça nossa, aí nós tínhamos uma mágoa, nós ficamos com uma mágoa, um cara bom, mas foi tudo por água abaixo. Arruinou a vida dele, a minha mãe... Separaram, a minha mãe, coitada, ficou abandonada com seis filhos, não é? Aí eu fiquei largado na rua, na Saúde, eu morava na Saúde. Lá o ambiente era... O pior ambiente do bandidalismo (sic) era lá na Saúde. Então eu fiquei jogado, a minha mãe coitada não podia tomar conta, aí eu fiquei jogado lá no meio do... Jogado, aí eu vivia no meio dos marginais, o dia todo no futebol, jogava bola, de noite com medo de apanhar da mãe, não ia para casa, dormia nos trens da Leopoldina, Maria Fumaça. Passava a dormir nos trens, viajando à noite toda nos trens. Nesse tempo o trem funcionava a noite toda. A minha mãe pensava que eu podia apanhar, me bater. Aí acontece que eu ficava misturado em más companhias, mas graças a Deus, meu anjo de guarda me salvou, me tirou dessa situação, entendeu? Aí o meu pai tomou conhecimento disso, soube que eu estava nessa situação aí veio me procurar, aí ele era presidente de centro espírita, lá em Niterói. Ele era presidente de sessão espírita, lá na Federação Espírita do Estado do Rio, em Niterói. Eu sei que ele me levou, me levou para morar com ele, fui. Aí me levava para a Federação... para a Liga Espírita do Brasil, nos domingos, comecei a acompanhar a sessão espírita, recebi aquelas aulas, não é? Conselho, aí fui, ele já me colocou na saúde pública. Isso foi, mas aí tarde, me colocou na saúde pública.

NL: Ele ainda mantinha contato com os políticos, não é?

AF: Aí ele... Aí graças a Deus eu fiquei livre, não é? Dessa situação, não é? Aí dessa situação, dessa separação, estudei na escola até a idade de 14 anos, até o terceiro ano primário. Naquela época o primário era até o quinto ano, não é? Eu só estudei até o terceiro ano primário, só. Só até o terceiro ano primário, não pude estudar mais, aí fui trabalhar, não é? Fui trabalhar, antes do meu pai me botar na saúde pública, eu trabalhava em armazém, armazém, trabalhei em botequim. Então eu fui trabalhar, não é? E foi indo, foi até que mais tarde fui para a Campanha da Febre Amarela, meu pai arranjou, eu fui para lá. Aí com 18 anos me casei, fazer família, não é? Casei com 18 anos, constituí família, fui pai de 11 filhos. A minha falecida esposa era mineira, uma boa mulher, nós vivia muito bem. E acontece que fui morar em Niterói com a minha esposa, a casa era dela, ela tinha duas casas, o meu sogro deu, não é? O meu sogro era um paraibano muito bom, era o meu pai, não é? Foi um pai. Ele era comunista.

NL: Era comunista ele?

AF: Eu gostava muito de (TI) porque ele era socialista. (TI) Ele e a mulher dele, a mulher dele era gaúcha, ela era mulata e ele era branco. (TI) Então, essa minha esposa era branca, e eu tinha uma cunhada que era escura, então havia uma política... Ele era separado da mulher em casa, ele morava num quarto separado da mulher, mas vivia com a família, era separado. Ele não gostava da mulher dele, viviam juntos, mas... Então havia uma coisinha, lá. Quando eu

namorei essa que foi minha esposa, quando eu conheci ela, ela já era mãe, entendeu? Tinha acontecido um problema com ela, quando eu conheci ela foi no carnaval, estava com os companheiros no carnaval, lá em Niterói, Ali no Fonseca, não, ali onde tem aquela igreja, num o que dos... (TI) É em Niterói, não é? que vai para Fonseca...

NL: É posto do Vintém, não é?

AF: Para aqueles lados que vai para Ladeira...

NL: É, é Vintém, tem um negócio de Vintém.

AF: Então eu e arranjei uma batalha por perto, aí eu estava com os companheiros, aí eu comecei a perceber essa que foi a minha esposa, ela estava com a irmã dela, aí percebi, percebi. Aí até que na hora dela ir embora, eu acompanhei ela, fui para o ponto do bonde, ela morava lá no parafuso. Ela tomou o bonde do Fonseca eu fui, acompanhei aí ela perguntou para mim: "O que que o senhor quer?" "Aí eu falei, tenho boas intenções com você". Aí ela foi e falou assim: "Olha, o negócio é o seguinte, eu não sou mais moça, eu sou mãe, tenho um filho, agora tem uma coisa, eu quero casar, eu quero casamento. Eu não sou moça, mas o meu pai é responsável por mim." Aí contou a situação dela, o que aconteceu, ela foi noiva, o camarada se aproveitou, abusou dela, o pai fez tudo para ele casar com ela. Ele era barbeiro, não é? Era barbeiro ele. Mas ela deu uns tapas nele na hora que ele ia desrespeitando ela, não é? Ele foi ficou doente, aí não teve mais jeito, foi piorando, piorando. Aí foi para São Paulo, tratou lá em São Paulo...

NL: Quem que levou o tapa? Ela bateu em quem? Ela bateu em quem? No noivo?

AF: No rapaz, o rapaz se aproveitou, depois ela viu o resultado, aí ela foi e ficou com raiva dele aí deu uns tapas nele, aí passou a ficar doente, e o meu sogro estava preparando para ele se casar, casamento. Aí não deu jeito, ele foi piorando, piorando, acabou deixou para lá, em São Paulo... Aí eu estou sabendo da história toda, aí eu achei que isso já era importante, ela foi sincera, não é? Aí eu acompanhei até perto de casa e falei: "Você fala com o seu pai..." "Eu tenho que falar com meu pai, falar com o meu pai." Aí... "Bom, você fala..." Ela deu onde era a casa que ela morava. "Você fala com o seu pai que amanhã eu vou vir aí falar com ele". Gostei dela. Aí no outro dia eu fui lá, ele já sabia, não é? Ele veio me receber no portão, aí eu falei com ele: "O senhor que é seu Rodrigo?" "Sou eu mesmo". "Eu vim aqui falar com o senhor a respeito da sua filha, eu estive com ela ontem, não sei se o senhor já está por dentro, mas ela..." "Espera um pouco aí". Mandou eu esperar no portão, eu já estava até com medo de me botar para correr, não é? Mas não ele foi avisar a família. Quando ele veio: "Pode entrar". Me recebeu, mandou eu entrar. Começamos a conversar. Aí quando ele começou a querer contar a história dela: "Não, não precisa contar não, eu já sei tudo". "Já sabe de tudo, como?" "Ela mesma contou para mim. Ela contou?" "E o senhor acha que dá certo?" "Não tem problema, vai depender dela, não é isso que vai trazer felicidade, não é? Vai depender dela". Aí ele: "Olha, aconteceu isso com ela, mas acontece que eu estou... Ela está em casa, ela não sai sozinha. O senhor não viu ela lá, ela estava com a irmã dela?" Sai com a mãe dela, com a irmã, mas na rua sozinha, não". Aí acontece que eu estava namorando, mas aconteceu que eu namorando ela... Ele "Oh, o namoro é dentro de casa, é até dez horas, não é namoro de portão,

não é? nada". "Tudo certo, isso não tem problema, não." Aí namorava na sala. A mãe dela e a irmã não aparecia, ficava escondida olhando a gente. Quando eu ia embora a irmã dela ia fazer veneno, ia dizer, ia inventar, dizer as mentiras contra ela, namorava com todo respeito ela, mas a irmã chegava lá e envenenava ela com mãe, a mãe dela aí, judiava dela, judiava dela, batia nela e não gostava de mim. A mãe dela não gostava de mim, metia o pau em mim, ela me defendia, aí batia nela, a mãe dela era braba. Aí o resultado, vim aqui no Rio com ela, com os pais dela visitar a minha família, a minha falecida mãe, também. Aí chegando lá nós fomos dar um passeio naquela praça do Jardim, na (TI) um jardim que tinha ali. Fomos passear e no meio do passeio ela foi e perguntou para mim: "Você gosta de mim, você tem amor a mim?" Ela. "Tenho". "Deixa eu ver quem é você, eu quero fazer um pedido a você". E ela me fez o pedido que era para eu fugir com ela, me convidou para eu fugir com ela. Como é que eu ia fugir? Trabalhava em Niterói na Febre Amarela, era chefe, aí era Febre Amarela em Niterói, trabalhava lá, morava num quarto lá, como é que eu ia fugir? Não podia fugir, não é? Aí ela contou que não podia mais, que a mãe dela batia nela, judiava dela por causa minha, a irmã dela envenenava ela. E começou a me contar tudo. Aí eu falei: "Não, isso eu não vou fazer, não, eu vou fazer o seguinte, eu vou falar com o seu pai", "Ih, vai ser pior, vão brigar..." "E brigavam". Dava tiro... Eram brabos, os dois. E ela sabia: "Ih, eles vão brigar..." Eu digo: "Não, eu vou conversar com ele". Aí quando é um dia, particularmente eu falei com ele: "Seu Rodrigo, tem uma problema aí. Estou namorando sua filha, com boas intenções, tudo isso, mas tem um problema, a sua esposa maltrata muito ela, bate nela, faz muita malvadeza a ela, por minha causa, e não quero isso, eu não vou poder me casar já, porque estou me preparando, e acontece que o se senhor não der um jeito nisso eu vou me afastar". Aí o velho foi e ficou satisfeito comigo, não é? Porque eu fechei o assunto. "Não, eu vou dar um jeito". O velho, o velho, ele também era de opinião. Aí um dia que estavam os dois bem, não é? Um com o outro ele foi tocar no assunto, para que: "Margarida, o que você diz a respeito do nosso futuro genro?" "Lá vem você tocar no nome desse homem, não sei o que..." Aí começou a gritar, só porque falou no meu nome, aí ele foi, tomou raiva. "O negócio é o seguinte, quem manda aqui sou eu, eu sou chefe da casa, você queira ou não queira, se ele quiser casar com ela e ela quiser casar com ele, eu vou fazer o casamento deles". Aí tomou a pinimba. Aí foi e perguntou a ela: "Está disposta a casar com o rapaz?" Aí quando foi a minha vez falou: "Escuta aqui, você gosta da minha filha? Você está disposto a casar com ela, quer casar com ela? Bom então faz assim, aí só tem um jeito de acabar com isso é vocês se casarem e ficar livre". Aí preparou o casamento, fez tudo, gastou sete contos naquela época. Comprou tudo. Aí tinha duas casas, deu duas casa para ela, uma para alugar e outra para gente morar, não é? Eram quatro casas numa avenida e ele repartiu, duas para cunhada, para outra filha... Deu logo, porque... Aí foi e preparou o casamento. Ele ia pagar, mas ela achou dinheiro para comprar terno. Ele me deu um revólver para me prevenir, não é? Por segurança no lugar. Aí casei, casemos, fui morar na casa... preparou a casa toda e aí foi um pai para mim. Depois de casado, teve o casamento, tudo isso, depois de certo tempo ele veio lá em casa. "Como é que está?" Aí perguntava à filha, como é, como é que está com ele? Está tratando você bem? Eu quero que trate você bem". Eu tratava bem. Quando era a minha vez: "Anfilófio, Anfilófio, eu vim aqui para falar com você. Olha, eu fiz esse casamento de vocês para tirar dessa situação. Eu fiz, tenho uma relação de toda a despesa que eu fiz no casamento, deu sete contos e pouco, móveis..." Tudo, não é? Tem seis cômodos a casa. Agora tem uma coisa, a metade eu vou dar, você vai me pagar a metade, você vai me pegar conforme você puder, não é? Conforme você puder. Está bom?" "Está, está bom. Quer, eu pago tudo". "Não, metade eu, doutor.". Uma casa é para

vocês alugar, e a outra casa é para vocês morar". Aí me deu uma rádio vitrola, comprou uma vitrola grande. Ele perguntava à mulher: "Como é, está tratando você bem? Está bem, ia e perguntava para filha dele". Era um pai, mas havia esse conchavo da mulher dele, a mulher dele não havia jeito nenhum... E a mulher ia na casa da mãe, pedir a benção a ela, ela começava a falar mal de mim, ela brigava com mãe, a mãe aí brigava... Aí ela... "Deixa para lá, deixa ela meter o pau". "Não, mas não posso, você não faz mal nenhum a ela, não se mete com ela". Ficava braba. Aí então foi o meu passado.

NL: Sua vida, não é? E a entrada no PTB, porque eu interrompi o senhor quando o senhor ia falar de como é que o senhor entrou para o PTB.

AF: Ah, o PTB? O PTB foi isso, minha filha, é que eu tinha que procurar o partido que era do lado dos trabalhadores, não é? E o único partido daquela ocasião que era o partido considerado por todos os trabalhadores era o PTB, o partido do Getúlio, não é? O Getúlio, aliás eu estive preso com ele, na ditadura, não é? No Estado Novo.

NL: O senhor esteve preso?

AF: Fiz a mandado da Light. Isso que era o problema, não é? Eu era complicar tudo, não é? Eu fui preso pelo Light, ela que mandou, me acusou a polícia, mandou a polícia me prender, por causa de eu ter lutado pelas leis trabalhistas. A senhora dá licença de eu ir ao banheiro, estou com o nariz entupido.

AF: Posso falar? Falo também?

NL: Fala.

AF: A Light é o seguinte, quando eu fui trabalhar na Light não havia leis trabalhistas no país, o Getúlio, quando veio em 1930 existia leis, mas estava tudo engavetado, o Getúlio então quando veio pela revolução, foi recebido pelo povo, então o Getúlio botou as leis trabalhistas para fora. Criou o ministério do Trabalho, carteira profissional, criou sindicato, tudo isso foi criado pelo Getúlio, não é? Eu então trabalhava na Light, eu fui condutor de bonde, fui fiscal, foi despachante, na Light, trabalhei sete anos na Light. Então quando eu saí da Febre Amarela fui pra Light, não é? Saí da Febre Amarela em 1933, não é? Fui para Light. Fui para Light, quando eu saí de lá é que eu fui para a Malária. Então acontece que nós éramos escravos na Light. A companhia que mais escravizava o povo era a Light. Nós trabalhávamos dezesseis horas por dia, e nós não podíamos reclamar, se nós reclamássemos a gente ia para rua. Então a Light ela é uma companhia que tinha um policiamento pago por ela. Polícia federal mesmo, a Light pagava para competir com os trabalhadores, então como não havia leis trabalhistas nem nada ela se aproveitava. Então nós éramos escravos. Quer dizer, que então havia na Light secreta, havia as maiores injustiças. Por exemplo, condutor de bonde. Eles eram obrigados, mesmo que eles não quisessem, era obrigado, a roubar, lá no serviço dizia, por causa da fiscalização. Então todas as passagens que eles pudessem aproveitar ele não registrava. Então os empregados da Light que quisesse fazer mal a um condutor ele se tornava um secreto. Por exemplo, a senhora era empregada da Light, viajava no bonde, a senhora não ia com a cara do condutor, ou lá o que é, a senhora dava parte dele pelo número, (TI) que ele deixou de

registrar duas ou três passagens, era válido, a sua nota era válida. Ele não era chamado nem nada para justificar não, ele era punido sem saber. Trabalhava o dia todo, de noite estava demitido. Então era considerado Nossa Senhora. Nossa Senhora era, Nossa Secreta, Nossa Secreta é uma senhora, então era admitido Nossa Senhora, porque era a maior perseguição, a maior injustiça. Os fiscais... A Light dava uma gratificação a todo o fiscal para perseguir, a Light mandava os fiscais perseguirem os condutores, e aqueles que não apresentassem notas eles eram censurados, eram chamados, pouco interessante, e não tinha aquela gratificação. E aqueles que apresentaram muitas notas tinha uma gratificação no fim do mês. Então a Light fazia isso para poder perseguir. Interesse dela. E eu então como eu fui condutor e passei por essa situação, quando eu fui para fiscal eu também não ia fazer com o condutor o que eu não gostava. Então eu agia certo. Por exemplo, eu trabalhava honestamente, era fiscal, quando eu pegava o condutor na falta, eu chamava ele no bonde e fazia ver a ele, olha você está na falta, as passagens. Ele me tratava bem, não tratava mal, era o que eu queria, não é? Era obediente. Eu dizia: "Olha, pela primeira vez eu não vou dar parte não, você toma cuidado" Aí não dava. Mandava puxar as passagens, não é? Que estava em falta, puxava e não dava falta. Então arranjava amizade, quer dizer, eu era um camarada bem quisto pelos condutores, mas não era porque eu me subornava, eu era um camarada que gostava de fazer justiça, quando eu chamava atenção do condutor que ele virava valente, porque tem muito condutor que virava bicho contra o fiscal, chamava atenção dos passageiros, para jogar os passageiros contra o fiscal. Então tinha muito condutor disse tipo, não é? E eu não tolerava isso, de jeito nenhum. Então quando eu chamava o condutor, lá na... "Vai me chamar atenção?" Ele começava a fazer escândalo para chamar a atenção do passageiro, não é? Esse é que eu dava parte. "Olha, eu não ia dar parte do senhor não, mas como o senhor está chamando atenção dos passageiros, eu vou dar parte do senhor, eu vou dar parte porque o senhor tornou-se inconveniente". Aí dava parte dele, mas só nesses que não sabiam respeitar. Então era um camarada que eu trabalhava honestamente, mas também não procurava situação ruim para os condutores, entendeu? Era um camarada bem visto. Aí trabalhei durante aquele tempo todo na Light, quando o Getúlio criou essas leis, compreendeu então eu aproveitei e passei a lutar pelas leis trabalhistas, foi o meu mal. Aí eu passei a lutar pelas leis trabalhistas, entendeu? Aí criamos o tal de Setrim que era o tal sindicato, que era da Alfredo Maia, onde é a Rodoviária. Ainda está lá.

NL: Era um sindicato?

AF: É lá perto.

NL: Como que era o nome do sindicato?

AF: Era um Centro, não é? Agora está, agora funciona na rua Maia Lacerda no Estácio. Ainda continua lá. Então e eu com esse sindicato, começou a haver direções, e eu me meti naquele negócio. Aí a Light, tinha os secretos para observar, então ela sabia tudo que se passava no campo, então as empresas americanas, sei lá, aquela Mister... Eles sabiam de tudo que se passava, então eles perseguiam esse pessoal. Então acontece que eu passei a lutar junto com outros pelos nossos direitos. Aí eu fiquei mal visto na Light, eu já era até candidato a inspetor nessa ocasião, eu era candidato a inspetor, trabalhava de despachante. Aí passei a ser mal visto devido às nossas... O pessoal sabia... Aí eu obedecia... Eu já era cabo eleitoral daqueles que

estavam do nosso lado e tal, que a Light também tinha uns candidatos que eram a favor dela, mas nós derrotávamos eles. Então o que acontece, eu fui vítima de um acidente, era rua Sete de setembro, trabalhando numa tabela de fiscal, e eu ia, depois de dez horas da noite eu ia ao encontro do bonde, na rua Sete de setembro após a direção da Praça Quinze, e eu ia pela rua sempre olhando para chão porque a gente sempre encontrava plaquinha no chão, que o motorista deixava cair. Então quando chegou na esquina da rua Uruguaiana com Sete de Setembro, o carro veio com toda a velocidade na rua Sete de Setembro, a rua Uruguaiana para entrar na rua Sete de Setembro, fez aquela curva violenta e eu para não ser pego pelo carro, me joguei na passeio. Mas eu levei uma trombada no carro, (TI) aí eu fui vítima do acidente do carro, o primeiro bonde que veio, me pegou o motorneiro, me pegaram, botou. Aí chegou na Praça Tiradentes, comunicou o despachante o acidente e eu fui para o Hospital Souza Aguiar. Fui lá, o bonde parou, me levaram para o hospital. Foi registrado no hospital e tudo. Aí devido a esse acidente, eu fiquei com o braço direito paralisado. Paralisado, engessado, não é? Aí então a Light tinha o serviço dela, feito por ela e o médico que trabalhava lá era o médico que trabalhava a serviço do interesse da Light, então a gente era obrigado a ir ao médico da Light. Então quando eu fui ao médico da Light, lá no boletim estava lá considerado acidentado, o primeiro boletim. Mas quando eu fui ao médico da Light chegou lá o doutor me examinou e tal, a mão não agia, não tinha força. Então ele queria que eu apertasse a mão, a mão não funcionava então ele achava que eu estava tapeando. “Aperta a mão”. “Não...” Aí então ele deu como resultado de exame como uma paralisia ou sei lá. Ele foi e não considerou como do acidente, para me tirar o direito, então me tirou o direito do acidente e passei a ser considerado como doente, aí tive 60 e tantos dias de licença me tratando, não tive nada, fui prejudicado, aí fui para a justiça de trabalho.

NL: A Light não tinha caixa de pensão, nada disso?

AF: Queria empatar o direito, queria empatar o acidente. Doente. Era doente. Aí eu me vi prejudicado, fui para o Ministério do Trabalho, primeiro caso que eu criei com a Light. Aí o Ministério do Trabalho, a Light fazia isso, a Light tinha as autoridades nas mãos dela, por exemplo, eu ia receber dez contos da Light, ela dava vinte, trinta contos para autoridade, não dava dez na minha. Ela preferia dar o dobro ou mais para autoridade, para não dar... para não perder a razão. Então o que acontece, quando o Ministério do Trabalho foi no Hospital Aguiar para apanhar o registro, desapareceu de lá, até o registro que estava anotado ela tirou de lá, ela comprava todo mundo, estava tudo na mão dela, eu que podia a ela... Ela não ia me dar... Então me dá isso. Então acontece, eu perdi a razão. Perdi a razão. Aí veio as primeiras eleições. Não, minto, o José Américo de Almeida era ministro da Aviação, eu não conhecia ele, era um paraibano, não é? Ele era getulista, ele veio pela Revolução. Ele era ministro da Aviação. Naquela época quando a Light queria aumentar o preço de luz, telefone, gás e bonde, tinha que depender do Ministério da Aviação. Aí ela procurou o Ministério da Aviação para aumentar o preço das coisas e mandou um cheque em branco para o José Américo de Almeida pedir o que ele quisesse. Mandou um cheque em branco para o José Américo de Almeida, para ele pedir o que ele quisesse que ela dava para poder aumentar, o José Américo de Almeida como homem honesto foi e denunciou a Light à imprensa, falada e escrita, denunciou e respondeu à Light que brasileiro da qualidade dele não se vendia por dinheiro nenhum, ainda mais de uma companhia estrangeira. Aí denunciou ela e fez ela abaixar o preço, foi o único brasileiro, até hoje eu vejo falar que foi ele. José Américo de Almeida. Então José Américo de

Almeida passou a inimigo número um da Light, não é? E ele era uma intermediação. Então o José Américo era o homem da situação. Isso que o povo falava. Então os paraibanos que conheciam ele, que conheciam ele lá da Paraíba diziam que ele era igual ao Zarur lá, distribuía sopa para os favelados. Então entrou no meu coração, não é? Também era do Partido Trabalhista, do Getúlio. Então o Pedro Carvalho Braga, O Pedro Carvalho Braga era um mulato, era da cor da minha senhora aqui, ele era motorneiro, ele era comunista, então eu e ele fizemos a campanha do José Américo de Almeida para presidente da República na Light. Então entrei na luta, e nós gastamos 200 mil reis naquela época para fazer o prospecto para distribuir na Light. Então nós fomos fazer uma manifestação do José Américo de Almeida na rua onde ele morava, era na rua Getúlio das Neves 25, ele morava lá, no Humaitá. Nós fomos lá fazer uma manifestação, eu tenho até aí um troço aí dele. Aí comecei a ser perseguido, perseguido. Aí já começaram a me dar nota de (TI). Como a empresa não quis resolver aí eu resolvi na raça. Enfrentei o camarada lá dentro, peguei ele, dei soco nele, quebrei dois dentes dele, quando eu puxei o revólver para atirar nele ele correu atrás do outro, aí não pude atirar. Aí fugi, fugi e aí fizeram um processo, aí me livrei do flagrante e tudo, aí resultado, arranjei trabalho lá na malária, mas não era o Mário Pinotti, era um serviço urbano aí e o diretor era o dr. Lafayette de Freitas, um pernambucano também. Fui apresentado a ele por um jornalista, um repórter, e ele até me disse que um mês depois me promovia a chefe, também, aí ele vai e me botou para trabalhar na Ilha do Governador, a primeira vez que eu fui trabalhar em malária, fui para o Ministério. Aí chego lá na Ilha do Governador, conversei com o homem, para trabalhar no lugar do guarda que é esse indivíduo da rua, que eu me confundo todo em bonde na Ilha, então quando eu chego na Ilha do Governador com o ofício para me apresentar, o guarda chefe que trabalhava lá era que nem um irmão meu, matei a fome dele, comprei roupa para ele, ele tinha sido condutor, quando eu fui demitido da Light eu levei mais ou menos uns tempos lá doente e tal, e ele andava lá desempregado, sem recurso, então comprei camisa para ele, matava a fome dele, porque o pessoal me ajudava, o pessoal da Light ajudava. Estive um ano e tanto com isso aqui doente, fui operar, não podia trabalhar, não é? E pessoal ia lá almoçar na hora de recolher o bonde me dava dois cruzados, dois mil réis, e ele vivia lá e o pessoal me ajudava e eu ajudava ele, então ele desapareceu, e acontece que ele era chefe lá na malária. Quando eu chego lá ele estava lá no ponto do bonde das Oliveiras, de boné, fumando: (saudação) Comecei aí a malária... Ele ali: “Cadê o ofício?” Pegou o oficio...

Fita 3 – Lado A

AF: Então aí acontece que ele aí era o chefe lá, me devia aquelas obrigações. Aí quando eu me apresentei, ele disse assim: “Olha, você vai ser meu afilhado”. Eu não conhecia o Serviço de Malária, não é? eu falei: “Não, Cosme...” Ele chama-se Cosme Damião. “Oh, Cosme, olha eu vou pedir um favor a você, eu vou trabalhar nossa zona que está descoberta, que o doutor mandou, ele me prometeu me promover a chefe aqui dentro. Eu como nunca trabalhei na malária, é a primeira vez, você vai me ensinar o serviço aí, que eu quero trabalhar como chefe, tem que conhecer, não é?” Aí ele me apresentou aos companheiros lá e tudo. Mas você sabe o

que aconteceu? Veja só, acontece cada uma. Ele, o posto lá tinha sido uma fábrica de inseticida que tinha sido falida. E essa fábrica que estava falida, pertencia ao Padre Anero e quem morava ali de favor era uma afilhada do padre Anero, era casada e morava com a mãe dela e marido lá. Então a repartição tinha um posto lá da malária e pagava o aluguel, quem recebia o aluguel era a dona que morava lá. Então esse camarada que era o chefe, compreendeu, conseguiu dominar a mulher, que era casada, com filho, tinha um garoto. Então ele como me considerava uma pessoa, um irmão, não é? Ele me arranjou lá eu morar no quarto com ele, no quarto que ele morava, que eu morava em Niterói, não é? Eu só ia para casa no sábado, só vinha segunda-feira. Então arranjou eu morar com ele, me arranjou lá um restaurante para comer, eu morava lá. Então ele me contava toda a situação dele e eu não queria nem saber. Contava, entrava por aqui, saía por aqui. Tudo o que ele fazia com a mulher ele contava para mim, tudo que ele fazia com ela. O marido saía de manhã para ir trabalhar aqui no Rio, era na Ilha; a mãe dela também trabalhava fora. Depois que eles saiam para trabalhar, ele dava o posto para o pessoal, nós saía para o campo, ele ficava lá, dominava a casa da mulher, tomava café, dançava com a mulher, botava disco para tocar, dançava com a mulher. Tudo que ele fazia com a mulher, estava pensando que ninguém estava vendo, mas estavam vendo, que a casa tinha vidraça e depois da vidraça tinha um morro. E naquele morro morava um investigador que estava afastado da Polícia central e ele estava tomando conta da casa do chefe dele. E ele tinha um binóculo e ele caçava, caçava e pescava. E lá de cima ele observava tudo o que acontecia dentro de casa, na cama, tudo, ele via tudo aquilo. Então ele aproveitou aquilo e foi conversar a mulher. A mulher negou, ele se aproveitou, mandou uma carta para o marido dela, fez uma carta anônima. E eu sabia de tudo, ele contava tudo para mim, tudo que ele fazia com a mulher contava. Eu digo, eu sabia daquilo, ele contava, eu não tinha nada com isso; estava errado ele e a mulher, não é? Ninguém sabia disso, ele dizia que ninguém sabia disso, só quem sabia era eu, mas o outro estava vendo, não é? E ele também não sabia disso. O camarada foi, mandou uma carta para o marido dela como se fosse do Rio para lá e botou embaixo do nome, não botou, botou: "Do seu colega e companheiro". (risos) Que azar danado. (risos) Aí quando o correio foi entregar a carta quem recebeu a carta foi a própria mulher. A mulher apanhou a carta e abriu, quando ela viu tudo na carta foi sorte dele. Aí então ela abriu a carta, olhou aquilo e guardou a carta. Quando ele foi para lá, que de manhã ele ia para lá, ela chamou ele, esculhambou com ele, maltratou ele: "Você é safado, você é cínico". Esculhambou com ele. "Você anda dizendo para o seu colega, para o seu companheiro, que anda fazendo isso comigo". E aí ele, para ele era eu e eu inocente. Amostrou a carta, ele pegou a carta, rasgou e botou fogo. Aí ele convenceu ela: "Não..." Até que continuou, continuou a safadeza, não deu certo. Não deu certo. Aí continuou. O camarada está olhando lá, continuando, não deu certo. Ele foi e telefonou para mãe dela, no Rio. Procurou onde a mãe dela trabalhava, telefonou para a mãe dela contando tudo pelo telefone. Quando é na hora da mãe perguntar: "Quem que está falando?" "Companheiro, colega dele". Bom, quando ele viu a carta, ele veio contra mim, eu já estava trabalhando. Então acontece que ele continuou na safadeza dele, e eu inocente. Aí ele foi logo direto a mim. Trabalhava com facão, não é? Foi direto a mim; eu estava trabalhando, ele foi mesmo e me observou: "Você é safado, eu pensei que você fosse outra pessoa... Não sei o que...". "Que é que há, qual é o assunto?" "Se você tivesse intenção na mulher você cantasse ela e tal, mas..." Aí estava dizendo que era eu que tinha escrito aquela carta. E aí eu disse: "O que é isso, está me estranhando?..." "É". Aí começou. Aí ficamos de mal um com o outro. Aí ele deixou de falar comigo. Aí ele continuou, aí então a mãe dela soube pelo telefone, chegou cedo em casa,

chamou a filha, sentou ela na cadeira: "O que está acontecendo aí?" E falou para ela: "Recebi um telefonema". Aí ela levou a surra, a mãe deu. Aí ela acusou um motorneiro que tinha lá, que era amigo da família, também andava atrás dela, (risos) desconfiaram do motorneiro, o motorneiro inocente. Aí desconfiaram do motorneiro, coisa e tal. Aí o resultado: o resultado foi que ele foi e pensou que tinha sido eu e aí deu parte de mim, deu uma parte de mim injustamente. Aí deu parte de mim para o doutor, que tinha me encontrado eu dormindo na hora do serviço, debaixo de uma mangueira, tudo mentira. Aí o dr. Mesquita era assim meio louco, sabe? E o doutor protegia ele, o doutor protegia ele, não é? Por causa de uma mulher amante dele, amante do doutor. Então o doutor foi, aí no outro dia na hora do ponto ele foi e falou para mim assim: "O senhor não vai trabalhar, não". "Por que eu vou trabalhar?" "O senhor vai saber lá no distrito". Aí eu peguei a barca e vim direto, cheguei aí o doutor não queria me receber. "Eu quero saber o que está acontecendo". O doutor aí falou alto: "Eu não quero ver ele, não quero conversa com ele não. Diz a ele que está suspenso três dias..." No mês de Natal, não é? "Três dias e da outra vez vai para a rua". Eu estava participando da festa... "Mas eu quero saber o que está acontecendo, quero saber o que houve comigo". Aí então ele foi e veio falar comigo: "O senhor foi encontrado dormindo na hora do serviço debaixo de uma mangueira, o senhor ainda vem aqui saber o que?" Eu falei: "Doutor, isso é mentira, isso não é verdade, não". "Não quero ouvir explicação. Está suspenso três dias...". E da próxima vez eu ia para rua. Aí o que faço? Apanhei uma folha de papel almaço e fiz uma justificativa. Aí fiz uma justificativa, dei para o doutor, o tal pernambucano. Fui a ele, fui a ele, entreguei a carta a ele, ele foi e mandou o doutor me atender. O doutor me atendeu. Aí quando foi no dia de pagamento, nós estamos trabalhando, no dia de pagamento ele foi e diz: "Cadê o Cosme?" Ele não tinha chegado ainda. "Espera aí que nós temos uma conversa aí". Quando o Cosme chegou, na hora de assinar a folha de pagamento: "Oh, Cosme, o problema é o seguinte, seu Anfilófio fez uma denúncia contra o senhor e eu quero que ele fale na sua cara". Eu falei: "Seu (TI), companheiro". Aí ele negou, que era mentira, que era mentira, mas aí eu apresentei provas. Esse tal Manassé, que era aqui de Lucas, eu trabalhava com ele, não é? Ele trabalhava nessa época lá. Ele veio: "Não, não aconteceu nada com você não, eu tenho família, estou com medo de ir para rua". Ele era medroso. "Não, mas é verdade, o que seu Anfilófio está falando é verdade". Aí ele foi, não teve jeito: "Bom, doutor, é verdade mesmo, eu quero a minha exoneração". Na mesma hora pediu exoneração e confessou a verdade. Aí o doutor: "Não, você vai trabalhar, eu vou resolver isso". O doutor protegia ele por causa de uma mulher. Essa mulher que era amante do doutor, foi quem arranjou trabalho para ele lá, por isso que ele era guarda chefe. Então aí o doutor mandou ele aguardar. O que ele fez, o doutor? Transferiu a mim de lá da Ilha, vim trabalhar aqui em Lucas, nesse tempo o posto era aqui na chácara. Vim trabalhar aí, e o tal rapaz ele transferiu e rebaixou ele, ele era guarda chefe passou a ser guarda e botou para trabalhar no Irajá. Aí arruinou a vida dele e a minha, não é? Aí eu estava respondendo processo da Light, morava em Niterói, não é? A Light forneceu todos os dados para a polícia, a Light é danada. Aí a Light botou que eu trabalhava na repartição, os cara disse que eu trabalhava na coisa... A polícia foi me esperar na Leopoldina. A Light facilita tudo para polícia... Quando é um dia que eu vou saindo da Barão de Mauá para ir para Niterói de modo de pagamento, no BANERJ. Tinha um retrato da Light, a Light forneceu o retrato a eles, dois investigadores, um de cada lado. "Oh, faz favor," Aí . "Como é o seu nome?" "Fulano de tal". Como é nome do seu pai?" Fulano de tal" "O nome da sua mãe?" É ele mesmo. "O senhor está convidado para ir até a Polícia central". Eu não estava nem mais lembrando daquele caso, tinha mais de ano. Quando eu chego na Polícia central com

aquela roupa da repartição, não é? Eu era contratado, não é? Aí quando eu chego na polícia, aí um sujeito que estava lá: "Está o homem aí". Estava com um mandado de prisão, prisão preventiva, não é? Eu tinha... Eu estava processado, mas não compareci ao julgamento, então foi considerado à revelia, não é? Eu fui condenado a sete meses de prisão no artigo nove, artigo (TI). Pena décima, pena máxima... Aí quando eu cheguei lá, me entregou lá na sessão de captura, aí vira o chefe para mim: "O senhor é funcionário público?" "Sou contratado". "O senhor agora vai ficar aí até amanhã e amanhã o senhor vai para penitenciária". "Por quê?" "Ué, o senhor não sabe o que o senhor fez?" "Não". "Ah, o senhor não sabe, não se lembra mais, o senhor não ofendeu o homem lá da Light?" "Mas é isso?" "É, o senhor foi condenado à revelia", Aí me deu o mandato de prisão. "Está aqui ó". "Está condenado, feito pela décima terceira vara. O senhor agora vai ficar hoje aí, amanhã o senhor vai tirar as fichas, ficar e vai para a Detenção. O senhor é primário?" Eu: "É" "Ah, então não tem problema, não, o senhor chega lá tem, compra uma folha de papel, o senhor faz uma carta, manda para o juiz, o senhor requerer o serviço público, aí ele vai te beneficiar da lei do serviço público". Aí no outro dia... E a minha família? A minha esposa, minha falecida mãe, não é? Não sabia de nada. Aí no outro dia fui direto para Casa de Detenção, na [Rua] Frei Caneca. Aí fui para uma galeria aonde tinha quatro camas, quatro camas. Tinha dois sargentos presos lá e eu, não é? O que você (TI) tinha dois sargentos, um do Exército e outro da Marinha (risos) e eu guarda da saúde pública, Ministério da Saúde... Não era Ministério da Saúde, não. Aí eu fui para lá. Aí aquele sargento da Marinha ele era um sujeito sabido, estavam todos dois presos por exploramento (sic), exploramento (sic), dívida de explorador, se deram mal. O meu caso era aquele. Aí o sargento perguntou, conversou comigo e tal, ele então sabia das leis. "Ah, eu vou requerer para você aqui". Ele que fez a minha defesa lá, eu dei papel e aí ele fez. Assim quando ia os presos lá na vara, ele chamava: "Ah, você vai lá na vara? Então faz favor, leva isso, quebra nosso galho" Aí os presos levaram e a carta chegou lá. Aí então o escrivão lá da vara comunicou-se com o juiz. O juiz então mandou providenciar a minha liberdade. Mas o escrivão na hora lá, não sei que atrapalhada arrumaram, erraram no meu nome. Eu era Anfilófio Francisco de Araújo, na hora ele errou, botou Anfilófio Francisco da Silva, aí deu confusão aquilo. Quando foi na hora, devido esse erro, tinha que justificar, tinha que ir lá na presença dele, tive que ser identificado outra vez. Aí em vez de levar uns oito dias mais ou menos, levei uns quarenta dias lá.

?: Errou de propósito.

AF: Aí fui chamado em juiz. Então fiquei, fui posto em liberdade posteriormente, por dois anos. Durante dois anos eu não podia ser preso por nada, estava devendo à justiça. Aí custou a entender quer dizer, aí eu perdi o emprego. O doutor se aproveitou disso, botou outro no meu lugar. Não perdeu tempo, (risos) saí da malária, não é? Aí o meu colega, o tal colega, o tal que deu parte de mim, o chefe, também foi para rua. Foi para Irajá, não queria obedecer ordem do chefe, porque ele também tinha sido chefe, andava passeando de trem para lá e para cá, o chefe deu parte dele aí o doutor foi e botou ele na rua. Aí fui eu e ele. (risos) E nós dois inocentes por causa daquele investigador, não é? Mas ele continuou indo lá, aí botaram ele para correr na bala. Depois mais tarde ele foi saber de tudo, ele foi saber de tudo, que nem eu fui saber de tudo. O motorneiro sabia, o motorneiro que ficava lá se dava com o investigador. O investigador contou tudo para ele. Eu um dia eu fui na Ilha: "O Anfilófio! Vem cá!" Aí eu... "Vamos tomar cerveja. Você sabe aquele negócio do Cosme? Você sabe quem foi que

denunciou ele? Foi o tal do Severino (?)" Aí me apresentou até o até ao investigador. "Por causa do senhor eu fiquei mal, me prejudicou". "Não, mas não tem problema, eu vou ..." Mas não adiantava mais nada. Então botaram ele para correr, então eu fui saber da verdade, depois ele também soube, junto comigo, dois inocentes. Aí o resultado, nunca mais eu vi ele. Aí mais tarde eu fui para malária, não é? Eu era guarda chefe. Aí um dia na rua lá eu andando na rua lá vi ele, ele não me viu. Aí eu vi ele, então eu queria que ele me visse para saber qual era a intenção dele, eu não queria falar com ele, queria ver qual era a intenção dele. Aí eu via ele, eu passava na frente dele, parava na frente dele assim nas lojas, para ele me ver, para ele me ver, não é? Até que ele me viu, não é? Aí eu vi qual era a intenção dele. Ele me viu aí disse: "Pô, você está atrás de mim?" Eu virei para ele, banquei o.... "Oh, você por aqui?" "Posso apertar a tua mão?" Ele: "Posso apertar a sua mão como amigo?" "Como amigo, pode." "Vamos tomar uma cerveja". Aí me levou lá para Central do Brasil, nesse tempo a Central ainda era aquele edifício velho, antigo. Fomos lá tomar cerveja preta: "Anfilófio, eu ia matando você inocente". Ele ia me matar, quando ele pediu a exoneração, ele comprou uma faca para me matar, está vendo? É verdade que ele ia me matar, eu inocente. Aí o resultado: ele foi, pediu perdão: "Você me perdoe, você foi honesto para mim, comigo, você foi meu amigo, por causa daquela porcaria eu ia matando você, nós nos tornamos dois inimigos, eu arruinei você, arruinei a mim". Aí eu: "Isso é coisa da vida". Aí contou a vida dele. Aí ele não sabia que eu estava na malária não, eu sabia que ele estava na malária... Mas ele tem uma sorte danada, dava uma sorte danada. Aí ele falou: "Anfilófio, você está trabalhando?" "Estou" "Se você não tivesse trabalhando dava para ajeitar para você lá na Marinha". Ele era encarregado da Marinha, trabalhava como funcionário civil, não é? Ele era encarregado, queria me arranjar para trabalhar lá. "Não, eu sou guarda chefe da malária". "Ah, você trabalha lá?" "Sou guarda chefe, guarda chefe". Aí ele me falou que arranjou uma dona aí, uma dona aí que era ajudante (TI), então ganhava bem, morava num apartamento no Méier, morava com essa mulher no Méier, viu? Tinha uma filha, filha do marido, filha de outro, morava com essa mulher, viviam os dois, a mulher ganhava bem, ele ganhava bem. Mas nunca me deu o endereço, aí sumiu. Então foi o problema que houve lá na Ilha, na Malária. A senhora vê com que é são as coisas na vida alheia, não é? Então acabou esse problema. Agora, vamos entrar no problema da favela, não é? Você quer a favela?

NL: É, o senhor só tinha ficado de contar como é que o senhor entrou para o PTB, que depois o senhor começou a me contar sobre...

AF: Como é?

NL: O trabalho na Light... Sobre a sua entrada no PTB.

AF: Bom, o negócio do PTB, compreendeu? É que depois mais tarde, o negócio de política, por causa de política... Porque depois... Ah, depois do José Américo de Almeida, eu fui para rua, não é? Aí fui procurar o José Américo de Almeida, estava desempregado, com família em Niterói e doente, saí da Light doente, ninguém me dava trabalho.

?: porque de acordo com as injustiças que havia naquela época, ele entrou em contato com o José Américo de Almeida... com a (TI) Ele aí, foi que... A minha entrada no PTB foi devido esses acontecimentos.

AF: Aí então fui lá pedir ao José Américo. O José Américo de Almeida, aí falei com ele... Ele já estava contra o Getúlio. O Getúlio Vargas, ele já tinha sido candidato. Aí depois o Getúlio deu aquele golpe de estado, já ficado contra, não é? Aí tirou o José Américo lá da faixa da aviação, nomeou ele ministro do Tribunal de Contas. Aí o José Américo ficou contra o Getúlio, brigaram. Então o José Américo de Almeida, aí quando eu fui procurar ele, ele já estava contra o Getúlio, já estava mal com o Getúlio.

?: Ele devia ter saído, não é?

AF: Eu só vou entrar com problema dele, quando entrar na favela, não é? Então aí acontece que ele aí já estava mal com o Getúlio. Então ele aí para não fazer... Quando eu contei a história a ele que eu tinha ido para rua e tudo, ele meteu a mão no bolso, me deu dinheiro e tudo. Ele era assim "Eu queria era emprego".

AF: Então aí o (TI) falou: "O, Anfilófio vou fazer o seguinte, eu não vou te arranjar nada agora para você, porque eu me afastei da política do Getúlio, não tem condições. Você faz o seguinte, você vem aí eu te ajudo e tal, mais tarde quando você tiver de cima você me procura, o que eu puder fazer..." Aí foi quando eu deixei ele para lá, porque eu não ia lá para atrás apanhar dinheiro? Deixei para lá. Aí foi para a UDN, aí o José Américo foi para UDN, para UDN, foi para UDN, aí foi candidato e ganhou, foi eleito senador, foi senador da UDN. Quando ele era senador eu já era, eu já estava na malária como chefe, não é? Aí eu procurei ele, mas com essas perseguições que eu estava sofrendo do Pinotti e tudo isso, eu fui a ele. Então ele tinha um sobrinho que trabalhava no Ministério da Educação e Saúde, nesse tempo era Ministério da Educação e Saúde. Ele tinha um sobrinho que era chefe lá no edifício de Educação, mas o sobrinho dele não resolveu nada, depois deixei para lá. Aí acontece que depois dele... Por eu passar nessa política, aí foi indo. Depois veio o João Goulart, depois o... Depois eu fiz política com o Marechal Lott, eu fiz campanha para o João Goulart, aí foi mudando a política, não é? Aí depois que o João Goulart assumiu o poder na saída do governo do Vargas, aí foi quando eu vim morar aqui, em 1953.

Data: 26/01/1987

Fita 3 – Lado A (continuação)

NL: Hoje é dia 26 de janeiro [de 1987], entrevista com o senhor Anfilófio. Então o senhor estava me falando, o senhor me contou todo aquele seu problema na campanha da malária, que o senhor teve que sair daqui.

AF: Da febre amarela...

NL: É, e depois que o senhor teve que sair, o senhor esteve uma época trabalhando na campanha da malária, o senhor teve que sair para a Cidade das Meninas.

AF: Depois houve a campanha da verminose, eu também trabalhei na verminose.

NL: E o senhor ia começar a me contar como é que o senhor voltou então para cá, não é? Foi em 1953, não é, que o senhor estava me falando mais ou menos?

AF: Na saúde pública?

NL: Não, quando o senhor veio, que se não me engano o senhor me falou que o senhor trabalhou aqui uma época, não é, em Vigário Geral se não me engano, e depois o senhor foi afastado o chefe do posto e o senhor teve que ir para a Cidade das Meninas. Que o senhor sofreu uma série de injustiças lá e depois o senhor voltou, conseguiu voltar para cá. Então a gente podia começar daí, que o senhor contasse.

AF: Bom o problema é, eu vou contar a história da favela. Eu quando eu vim morar aqui na favela em 1953, a favela já existia há dois anos. Dois anos que ela começou a funcionar, em 1951. Eu encontrei a favela, foi um brejo, não é? Necessitando de..., precisando de água, esgoto, e de todos os melhoramentos necessários. Eu então, de acordo com os meus conhecimentos políticos, eu trabalhava na caravana do ex-vereador, o falecido vereador Mourão Filho, eu acompanhava a caravana dele, trabalhava com ele fora da favela e esses amigos... Então eu vim morar aqui na favela, encontrei a favela nas condições precárias sem conforto sem nada, então eu procurando fazer o meu cabelo e barba nas mãos do senhor Amintas Maurício de Oliveira, morador daqui do local e então eu conversando com ele, batendo papo com ele, então gostei das conversas dele, sobre os problemas da favela, e eu então perguntei a ele o que ele achava de a gente procurar melhorar a situação da favela com luz, água, esgoto, tudo isso. Então ele me prometeu e apoiou. E me prometeu me apoiar na luta. Então nós começamos a luta dessa época para cá, em 1953. Aliás, antes dessa época, antes dessa luta, eu já tinha começado a fazer os quatro valões, conforme eu já tinha citado, antes de eu morar na favela, pelo Serviço da Malária, não é? Quatro valões para abaixar as águas do brejo. Bom, aí procuramos fazer as reuniões com os trabalhadores, a primeira reunião feita foi na casa de um próprio morador, com doze trabalhadores. Nessa reunião, nós

tratamos então de se organizar para tratar dos problemas referentes a luz, água e outros problemas. Então, de acordo com o apoio que eu tive, eu procurei os meus amigos, os meus conhecidos, os políticos, para tratar dos problemas. Aí procurei então resolver o problema da luz, da luz elétrica que não existia. Aí a luz elétrica dependia do Departamento Nacional de Iluminação, o (TI). Aí procurei o departamento, fui requerer a luz, mas o departamento me informou que era difícil entrar luz aqui na favela, porque não passava alta tensão fora da favela, da entrada da favela, então estava dependendo da Light, então eu procurando o vereador Mourão Filho na Câmara...

NL: O Mourão Filho era do PTB?

AF: Hein?

NL: O Mourão Filho era do PTB?

AF: Ele era vereador.

NL: Pelo PTB?

AF: Era do PS, o partido do Adhemar de Barros... PST. Então o Mourão Filho, procuramos o Mourão na Câmara em comissão, o Mourão Filho nos atendeu e procuramos entrar no assunto, e como dependia da Light então nós fomos encaminhados à Light, fomos direto para a Light. O vereador Mourão Filho, por intermédio de um cabo eleitoral seu, que era chefe na Malária que dava aula de 23, ele hoje é o diretor do instituto Guanabarino, levou a comissão junto com o Mourão, à presença do chefão na Light para reivindicar a luz. O chefão da Light então, com era de conhecimento do vereador, ele para atender ao pedido nosso do vereador, ele chamou o engenheiro responsável pela luz do local para saber o assunto, então o engenheiro foi e explicou que para poder atender um pedido nosso ia depender de dois anos, ia levar dois anos para fazer esse trabalho. Então o chefão para nos atender deu ordem ao engenheiro para todo o trabalho que estava sendo feito, para nos atender. Então aí foi atendido logo a alta tensão para poder atender ao nosso pedido.

Fita 3 – Lado B

AF: Então foi colocado o transformador para usar a luz do transformador. Aí resolvemos o problema da luz, depois foi o problema da água. O problema da água era o seguinte: A água... Passava um barbará na localidade nossa aqui e ia direto para Marinha, o serviço da Marinha que era lá nos fundos da favela, não é? Então essa água pertencia à Marinha, ia direto para Marinha. Esta água tinha uma pressão, uma força danada, era um barbará de quatro polegadas. Então nós descobrindo isso, nós fomos em comissão conversar com o comandante da Marinha. Então nós fomos pedir a ele, para que ele nos ajudasse e deixasse nós botar uma bica, tirada do barbará, se ele deixasse a gente tirar água do barbará com uma bica, então ele nos cedeu, nos autorizou. Então nós aí colocamos uma pilastra e uma bica para atender às necessidades dos moradores, que não tinham a água e usavam a água lá de fora, arriscado a ser

atropelado pelo trem, pelos carros, rodoviários e tal. Então para evitar isso, então nós conseguimos botar essa bica d'água para atender às necessidades de todos os moradores. Mas com era uma bica só e muitas pessoas necessitando da água, então a água era ligada dia sim e dia não, não era todo dia, então fazia-se fila, fazia uma enorme fila para se apanhar água e os moradores, botava até três latas uma em cima da outra. Mas aí tinha os vendedores da água, as pessoas que vendiam água. Essas pessoas então se aproveitavam, tomavam conta da bica, e enquanto não vendesse a água aos fregueses, ninguém apanhava água nas bicas, e aí por causa disso, a falta de respeito, então havia briga, havia briga na bica, havia até sangue. E eu então diante dessas coisas, procurei botar ordem na bica, arranjei dois elementos para me ajudar e botei ordem na bica, nas minhas férias, eu estava de férias, tirei minhas férias toda tomando conta da bica e botei dois elementos fortes, dois elementos machões mesmo para tocar o negócio, e nós botamos ordem na bica. Todo mundo tem que correr a fila, compreendeu? Mas acontece que eu enfrentei punhal, nego queria me matar, queria... Então, mas como eu tinha apoio, tinha dois elementos e tinha o povo que estava do meu lado, então era difícil eles se virarem contra mim, não tinha força, o povo estava do meu lado. Mas criava esses problemas. Então tirei minhas férias todas organizando, o povo ficou satisfeito. Quando terminou as minhas férias, eu fui obrigado a ir trabalhar.

NL: Na época o senhor trabalhava ainda no Serviço da Malária?

AF: Eu era chefe da malária, eu era guarda chefe aqui no distrito de Vigário Geral.

NL: E o senhor..., está, depois eu falo.

AF: Então eu voltei para o trabalho. Quando eu larguei a bica, os aproveitadores tomaram conta novamente e o povo não reagia, veio me procurar, e eu não podia fazer nada, então eu estudei uma maneira para ver o que eu podia fazer para diminuir os... Então, essa água ela entrava o dia todo e a noite toda, era o dia todo e a noite toda o pessoal carregando água, era barril rolando, era balança com duas latas, era barril, e nossa ocasião a rua principal aqui, a rua Dom Hélder Câmara era cheia de sarjeta, cada casa, as fezes saíam de dentro das casas e saía pela rua afora pelas sarjetas, aquela imundice. E o sol, com todo sol quente com todo calor, a rua ficava enlameada, porque aqueles carrinhos, aquele transporte da água tornava, fazia lama, então era uma lamaceira danada. E aquelas fezes no meio da rua e tudo isso. Então eu aí como a água tinha uma pressão muito grande, a torneira não tinha condições de agüentar a pressão, estava sempre quebrando, eu estudei um meio de melhorar a distribuição da água, queria transformar a torneira comum por um bicão de manivela, aquele bicão antigo que se usava, mas não encontrei o bicão, porque o bicão tinha mais força a água, era mais fácil, não é? Mas como eu não encontrei o bicão, então eu resolvi transformar aquela torneira em três torneiras, numa distribuição de três bicas. Mas para fazer isso tinha que ir na Marinha, aí tornei a ir no comandante da Marinha. Conversei com ele, consegui a autorização dele para transformar a torneira em três, tinha água e tinha força. Eu chamei um bombeiro lá de fora, eu não conhecia nenhum bombeiro aqui dentro, trouxe ele aí é nós fizemos o trabalho, fizemos uma nova pilastra com três... Como que é o nome? Com três bancos para apoiar a lata, a vasilha, três torneiras, uma para cada lado, então aí fazíamos três filas para diminuir e acontece que aí foi melhorando. Aí nas campanhas eleitorais eu então fui à presença de um candidato. Fui levado, fui levado à presença de um candidato, que era o Rubens Cardoso, candidato local, fui à

presença dele e ele então queria o nosso apoio, então eu falei para ele que eu não daria apoio nenhum a não ser o apoio do povo. E para ele ter o apoio ele tinha que vir aqui no local, e tinha que resolver os problemas que nós precisávamos. Então ele tinha que se entender com os moradores, com o povo. Então eu convidei ele, ele veio aqui no local, eu reuni o povo, e nesta reunião, ele estava presente, o povo também presente, então eu apresentei as nossas reivindicações. Que era exatamente melhorar o encanamento da água, naquela época era só bica, mas nós queríamos distribuir a água na favela, então nós estávamos precisando dos materiais. Então o candidato a deputado ele nos prometeu de nos atender antes das eleições, mas prometeu que ia me dar duzentos metros de cano e no momento ele dava o cano para resolver o problema da água e depois se ele ganhasse as eleições ele ia resolver o resto das reivindicações transformando o local em cidade aberta. Então foi o compromisso que ele assumiu com os moradores.

NL: O que é cidade aberta?

AF: Hein?

NL: O que é cidade aberta?

AF: Ah, foi ele que falou isso, cidade aberta, foi o que ele prometeu.

NL: Como se fosse um bairro, não é?

AF: Transformar, transformar em cidade aberta, dando as outras reivindicações que a gente precisava, não é? Melhorar, posto de saúde, escola, esgoto e tudo isso. Então apresentou isso ao povo. Então ele foi apareceu aí de surpresa, eu estava até falando no aparelho, na aparelhagem do auto-falante quando ele apareceu de surpresa e eu estava falando para o povo que o meu compromisso com político era esse, era exigir deles, agora o povo é que ia apoiar aquele que merecesse. Ele apareceu de surpresa, aí quando eu tomei conhecimento eu anunciei a presença dele e pedi ao pessoal para comparecer à presença dele. Então ele veio me buscar para apanhar os encanamentos lá na CEDAE, lá em Ramos. Então nós fomos direto para Ramos, no carro dele, para apanhar as varas. Bom, mas quando ele prometeu os duzentos metros de cano eu convidei, ele para correr a localidade, e então ele no meio de correr a área ele parou e prometeu trezentos metros. Aí então veio me buscar para ir buscar os trezentos metros de cano. Aí eu fui lá com outro companheiro, chegou lá as varas já estavam em Lucas, na casa da bomba. Essa casa de bomba foi construída pelo Mourão Filho. Essas varas estavam aí na bomba, aí botamos no carro e veio trazer as varas, guardamos as varas. Então nós aí aproveitamos, colocamos as varas na rua, até onde ela pode ir, e aí eu coloquei doze torneiras, daquelas doze torneiras para atender ao pessoal. Quer dizer, invés de ter aquelas torneiras lá funcionando só, funcionava no correr das varas, facilitava o movimento, então era só para atender o pessoal na rua que estava apanhando água. Aí então tinha pessoas aí que queriam tirar proveito dessas varas que estava toda responsabilidade nossa, queria tirar proveito das varas para puxar para dentro de casa. Como não era possível fazer isso, não ia dar para isso, então criou-se um caso, então várias pessoas aqui foram lá acusar, foram lá no Rubens Cardoso me acusar que eu estava negociando água, cobrando taxa d'água, cobrando água, aonde eu nunca procedi dessa maneira, eu era e sempre foi contra isso. Aí o Rubens Cardoso

foi eleito, era dos primeiros secretários da Câmara. Quando ele... Foram dizer a ele que eu andava negociando a água, cobrando taxa, me caluniaram, ele mandou me chamar. Eu compareci lá na Secretaria, quando eu cheguei na porta da Secretaria ele fez cara feia, me mandou entrar e me recebeu muito mal. Então ele veio me ameaçando, começou a me ameaçar dizendo que ia me punir, que ia me processar, porque eu estava fazendo negociata, estava cobrando água, cobrando taxa d'água, tudo isso. Então aí começou a me ameaçar e disse que ele ia acabar vindo aqui na favela e ia levar os canos todos, ia retirar os canos todos da água, ia levar.
Eu então fiz ver a ele que não era verdade aquilo, que eu era contra essas coisas e que não era verdadeiro. Eu queria provas. Então ele disse que não, que era verdade, não quis acreditar em mim. E como ele me ameaçou de vir recolher as varas d'água, eu então falei para ele o seguinte: "Seu deputado, o senhor não me enganou, não. O senhor... Quando eu fui a sua presença, eu disse ao senhor que eu não assumia compromisso nenhum com senhor que o senhor fosse lá para assumir compromisso com o povo, porque eu não estava acreditando no senhor, e está o resultado aí. Agora tem uma coisa que eu vou dizer ao senhor, se o senhor tiver a coragem de ir lá para tirar os canos eu vou botar... O senhor vai levar uma corrida das mulheres lá, que eu vou botar o senhor para correr lá. E tem mais uma coisa, o senhor... Esse encanamento que o senhor deu lá para nós, o senhor não deu nada, o senhor roubou do estado, o senhor roubou esses encanamentos do estado em troca de voto. O senhor não tem autoridade moral para ir lá tirar, o senhor não cai na besteira de ir lá tirar porque o senhor não vai tirar cano nenhum, o que senhor vai levar é uma corrida. Eu estou pensando que o senhor tinha me chamado aqui para dar a cidade aberta que o senhor prometeu ao povo. O povo está esperando o senhor lá com a cidade aberta, e o senhor vem ameaçar tirar o cano da água. Que negócio é esse?" Aí então ele mixou, ficou aqueles canos aí mesmo com água, acabou. Bom, aí então resolvemos esse problema da água, não é? Bom, então nós começamos então a luta para outras melhorias, continuamos a nossa luta.

NL: Antes do senhor continuar, deixa eu só perguntar uma coisa. O senhor falou assim, ah, esse deputado Rubens Cardoso ele deu, ou tirou do estado, não é? Os canos de água em troca de voto. Nessa época como é que o senhor vê isso, que o senhor falou que o senhor participou da campanha do Mourão Filho, e também de certa forma fez campanha, não é? aqui na favela para esse Rubens Cardoso. Como é que o senhor via essa questão assim em termos de política, quer dizer, o senhor não achava importante as suas simpatias políticas; o senhor achava mais importante apoiar quem desse alguma força para a favela, como que era isso?

AF: Bom.

NL: Porque o senhor foi crítico em relação a isso. O senhor falou: "Ah isso que o senhor fez não é nada demais, o senhor estava trocando uma coisa por outra". Quer dizer, como que era o seu pensamento político assim?

AF: Então eu vou responder à companheira como é que nós agíamos. Por exemplo, quando veio as eleições, as favelas só conseguiam alguma coisa nas campanhas eleitorais, e na favela não se conseguia nada, a não ser por meio de política, não é isso? Então quando vinha as eleições os políticos apareciam nas favelas, de vários partidos. Comunista, até... Integralista, todos os partidos, apareciam nas favelas atrás de voto. Então eles me procuravam para querer

apoio. Então a minha resposta era essa: Nós precisamos disso, disso, disso, precisamos dessas reivindicações. Eu não tenho compromisso com ninguém, compromisso aqui é aquele que fizer pelo povo, aquele que fizer, atender os pedidos nossos, o povo é quem vai resolver. Está a critério do povo. Agora eu saberei como é que eu vou agir para o povo saber como é que vai votar. Agora, se o senhor tiver condições de atender ao nosso pedido, o senhor tem que fazer antes das eleições, não depois. Aí então o senhor terá o apoio do povo, fora disso, nada. Então aqueles que já vinham aí e não podiam fazer nada, nada feito, não é? Eu recebi um chamado do Geraldo Moreira, você já acompanhou lá e se lembra, Geraldo Moreira era do PTB, era um homem forte, o PTB, ele até era secretário.

NL: Foi secretário do Negrão.

AF: Foi secretário do Getúlio, não é? Foi secretário, eu acho que Serviço Social. Então ele tinha criado um problema aí com um tal de Tubarão, que morreu, traiu ele, então ele..., traiu ele. Então eu recebi um recado para comparecer lá na Secretaria. Eu fui à Secretaria, quando cheguei à Secretaria ele estava atendendo a uma porção de pessoas lá, uma porção de senhoras, quando ele recebeu a minha presença lá pelo guarda municipal, ele abandonou tudo e veio falar comigo no gabinete. “Ah, eu estou informado do senhor lá na favela, o senhor é um elemento de apoio do povo, não sei o que... Então eu chamei o senhor aqui para saber se o senhor tem algum apoio político, tem compromisso e tal.”. Então eu falei para ele que o meu compromisso era esse, era aquele que nos atendesse, então o povo daria todo apoio. Então, a iluminação elétrica que nós tínhamos colocado aqui dentro já não suportava, era pouco, precisava mais gato. Então tinha que arranjar maior número de... Maior força para cá para dentro, não é? Então eu aproveitei e apresentei... Então ele queria saber quais eram as reivindicações. Então eu falei com ele que nós precisamos de mais força elétrica, de maior quantidade de força, de isso, e tudo, então ele, como estava próximo às eleições então ele me prometeu e no momento ele ia resolver o problema da luz, da força, mas só para atender a mim, atender a mim só, não o povo. Então eu disse para ele que para mim eu não queria, não, eu queria para o povo. Para ele botar luz só para mim e não dar para o povo, para mim só eu não queria, porque eu estava tentando melhorar a minha situação. Se ele não pudesse atender para todos, nada feito. Então quando eu falei isso para ele, ele aí começou a me maltratar, dizendo que eu era um vigarista igual ao outro Tubarão. Aí começou a me maltratar aí eu chamei-lhe a atenção. Que eu não fui procurar ele, eu fui chamado por ele, eu compareci lá para atendê-lo, eu estava ali respeitando, então eu queria respeito também, que eu fui lá para ser maltratado, o direito que ele tinha de me maltratar, também eu tinha direito de também de revidar, eu não queria, não queria essas coisas, então aí eu me afastei, nada feito. Aí então por intermédio, por intermédio de nossas lutas, de nossas lutas, não é? Nós então conseguimos aquilo que nós podíamos conseguir, o apoio. Agora, tem uma coisa, a gente não podia, por exemplo, não podíamos conseguir aquilo que nós queríamos porque infelizmente aqueles que podiam nos atender não queriam atender como a gente queria, os outros que tinham vontade de atender, só depois das eleições, então não conseguíamos algumas coisas a mais por isso, quer dizer, houve as eleições e nós pedíamos nesse sentido, entendeu? Agora aí para frente continuamos a luta, aí fundamos a nossa associação que ficou até hoje, que era a pedido dos moradores, nas favelas não existia associações, nem em Lucas, nem em Vigário Geral, as favelas eram uma só. Então nós nos reuníamos aqui na localidade que é considerada favela do centro, na favela de Lucas, que era uma favela só, não é, mas então naquela época era uma

favela só. Então nós nos reuníamos com um outro elemento que era o Tubarão, sobre os problemas da favela, mas nós aqui, a nossa turma aqui na favela do centro, sempre fomos oposição ao outro, porque tudo que o outro apresentava não era favorável à comunidade.

NL: O outro era esse Tubarão que era o chefe de Vigário Geral?

AF: Era o Tubarão, era explorador, aproveitador. Então todas as propostas dele, todas as sugestões deles, compreendeu? Era só favorável a ele tirar proveito, não vinha resolver o problema. Então nós sempre éramos oposição, eu e seu Amintas Maurício de Oliveira. Então nós sempre se opunha a isso, mas ele tinha o grupo dele que apoiava ele e ele foi então e conseguiu o apoio, por essa turma, mas não o nosso apoio, nós éramos oposição, então como nós não conseguíamos aquilo que nós pretendíamos, então os moradores daqui do local, da favela do centro, resolvemos fundar uma associação, porque não existia associação, era só bate papo. Então foi aonde eu, em reuniões, apresentei então o estatuto; elaborei o estatuto numa reunião de moradores e foi aprovado o estatuto apresentado por unanimidade, foi aprovado, então nós escolhemos o nome. O primeiro nome que surgiu era União Protetora dos Moradores de Lucas e Adjacências. Foi o primeiro nome aprovado, mas, depois com o tempo houve críticas, houve pessoas que censurou o nome, que o nome não estava adequado por causa de protetora, achava que devia tirar a protetora fora. Então nós fizemos uma modificação no nome da associação. Botamos União dos Moradores de Lucas e Adjacências, para atingir toda a área. Então fundamos essa associação. Aí na diretoria, na escolha da diretoria, então eu fui escolhido por unanimidade, para presidente, para ser o presidente e eu então aproveitei e apresentei os companheiros de fé, competentes, para a diretoria. Apresentei o senhor Amintas para vice-presidente e fizemos a nossa diretoria de sete membros: presidente, vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, primeiro tesoureiro, segundo tesoureiro e o responsável pelo patrimônio. Então formamos a associação. Então como nós estávamos começando, então nós começamos sem uma sede própria, se reunia na casa de um, na casa de outro, até comprar uma sede, fazer uma sede, e registrar o estatuto. Aí então existia um campo de futebol, aqui no local, esse campo de futebol existia antes da favela, dirigido por uma diretoria lá de fora da favela, esse time tinha o nome de Rio, Rio Futebol Clube. Então criou-se a favela, e esse campo continuou e havia jogos aos domingos, havia também outros campos também aí dentro, havia o campo do (TI), campo de Lucas, na área. Então acontece que aqueles barracos que existiam em volta do campo, principalmente nas cabeceiras, eram vítimas de telha quebrada, a bola quebrava telha, dava prejuízo, então havia briga, havia esses prejuízos, então nós precisava de uma área, uma sede, fazer uma sede, precisávamos, tinha mais de trinta famílias aí encostadas querendo área para fazer um barraco, não tinha, não existia área, estava tudo ocupado, e todos esse pessoal me procurava, fiz uma relação. Então como havia essas brigas, esses prejuízos por causa do futebol, eu fui na Marinha, conversei com o comandante e pedi a ele se ele podia ceder uma área lá na Marinha, para tirar o campo daqui para Marinha, para mudar o campo para lá, ele depois cedeu, mandou que levasse a diretoria do clube lá para assumir um compromisso. Aí a diretoria do clube, quando eu fui falar com ele, eles até ficaram satisfeitos comigo, gostaram, eles também queriam ficar livre disso aí, não é? Então eu levei na Marinha, então mudaram o campo lá para a Marinha. Como essa área ficou desocupada, ficou desocupada a área, e eu então precisava de uma área para a gente fazer a nossa sede, eu queria fazer uma sede ampla, uma sede ampla que desse para fazer uma escola, uma área de lazer e tal, uma coisa boa. Então eu queria sessenta

metros por sessenta. Então devido àquela área do campo eles aproveitassem aquela área um pedaço para fazer a sede. Bom, nesta ocasião existia a Cruzada São Sebastião na favela, existia a tal escola, sede que havia sido fundada, depois eu vou dizer como é que começou, como é que foi fundada e tudo, não é? Então a diretora de lá, que era contra nós, e era secretaria do Dom Hélder Câmara, ela então querendo nos prejudicar, que ela não queria que a gente avançasse, ela era contra nós, a nossa luta. Então o que ela fez, ela procurou querer tomar a nossa área, queria trazer moradores lá de Brás de Pina, de uma área lá para colocar aqui nessa área do campo, entendeu, queria colocar área, tirando de lá para cá, ocupando a nossa área. Então aí estava trazendo os moradores de lá para mostrar aqui, quando eu notei que ela estava querendo tomar a área, nessa época eu estava apoiando o Marechal Lott, foi na campanha do Marechal Lott, então eu apoiava o Marechal Lott por intermédio de oficiais do exército, major e tudo. Então eu tinha acesso à turma toda. Então eu fazia leilões, fazia leilões aí sábado e domingo para arranjar dinheiro para a gente construir a sede, o pessoal dava presente, dava tudo, leiloava para arranjar dinheiro, fundo, não é? Para fazer a sede, para fazer um leilão na praça, ali mesmo na praça, no campo, botava iluminação e tudo, o pessoal, todo mundo colaborava. Aí então essa tal de dona Jardelina, secretária do dom Hélder, era diretora do colégio, começou a querer perturbar. Aí eu então vendo que ela estava querendo tomar a área, eu então para poder...

Fita 4 – Lado A

AF: Eu fui no depósito de material comprei quatro pernas de três com sete metros de altura. Fui e coloquei em cada perna de três em cada canto do campo. Aí botei lá "Praça Marechal Lott". Aí botei lá o nome de Praça Marechal Lott, para respeitar, não é? Quando ela tomou conhecimento que eu tinha feito isso, ela ficou com medo... E eu estava com o pessoal do Exército, que acompanhava do Marechal Lott, não é? Oficiais, um tal de coronel Canabarro, aquele general, coronel, era da Ilha, não é? Aí ela então foi no SERFA. O SERFA era uma espécie de uma prefeitura que dominava as favelas, não é?

NL: É, serviço de...

AF: Depois eu dar o... Serviço Especial de Favela, o tal do SERFA. Então aquilo é que mandava nas favelas. Estava nas mãos do dom Hélder aquilo. Então o dom Hélder é que escolhia o prefeito, ele que apresentava o prefeito. Então aquele tal de SERFA é que manobrava com as favelas, então ele fazia tudo de acordo com dom Hélder. Então a Jardelina foi lá no SERFA e procurou então me acusar, procurou colocar o pessoal do SERFA contra nós para querer me derrotar na área. Aí veio então o dr. Adauto, o dr. Adauto, que era pessoa ligada a dom Hélder também do SERFA, muito meu amigo apareceu aí de surpresa no campo com a dona Jardelina, e os cupinchas dela. E eu estava em casa e lá de casa eu vi pela janela onde eu morava, o campo, eu vi lá o dr. Adauto com a dona Jardelina, então eu pelo auto-falante, eu aproveitei o aparelho, liguei o aparelho e aí anunciei a presença do dr. Adauto. A presença dele, que ele estava nos honrando com a sua presença, ele representava o SERFA. Então eu convidava os moradores para comparecerem no campo para receber o dr. Adauto. A

Jardelina estava lá, e então em homenagem a ele eu botei o disco do Hino Nacional, para dar uma puxadinha, não é? "Então em homenagem ao dr. Adauto, eu ofereço o Hino Nacional". O dr. Adauto ele não gostava da Jardelina não, ele era meu amigo. Aí eu compareci no campo, aí chamei o Amintas, mandei avisar. Aí o pessoal vieram tudo, compareceram no campo, dando apoio. Aí, quando eu cheguei na presença do dr. Adauto: "o Anfilófio, como é que vai..." e tal. Aí ele perguntou para mim: "O Anfilófio, para que é que você quer essa área toda?" Então eu falei para o dr. Adauto que eu não queria área nenhuma, que o que eu queria era aproveitar a área para nós construir a nossa sede, que nós não tínhamos uma sede com capacidade ampla, uma escola, e coisa e tal, não é? E nós tínhamos uma relação de trinta pessoas necessitadas, estavam de favor morando aí de favor e precisava de uma área. Então eu ia dividir o resto da área para dar um lotezinho a cada um para eles fazerem seus barracos. E isso, quando eu falei isso, a dona Jardelina aí falou assim: "Anfilófio, o senhor que é um homem de bom coração, humanitário..." Debochando de mim, não é? "O senhor devia de ter... Esse pessoal que está de favor na casa dos outros, eles já estão localizados, de favor, já estão. Agora o senhor precisava ter pena desse pessoal que está lá em Brás de Pina e estão dentro da água, dentro do brejo, não sei o que, os barracos. Esse pessoal é que precisa mais, então o senhor tinha que ajudar mais esse pessoal". Então foi eu respondi para ela: "Dona Jardelina, existe outros campos aí na área, não existe só esse não, o mesmo que eu fiz aqui, a senhora procura fazer nos outros, não é? A senhora ocupa os outros campos..." Que era para juntar na conta dos outros, não é? Agora a senhora vem se meter com a gente, a senhora quer prejudicar a gente? E outra coisa, a senhora vem falar em bom coração, a senhora é que devia ter bom coração humanitário, a senhora não tem. Isso que está acontecendo lá em Brás de Pina é vocês que estão fazendo isso, que venderam lá a área por um bom dinheiro, uma área que o governo deu, vocês venderam para a indústria e agora querem botar os moradores de lá para fora e estão aterrando os barracos por meio de trator, estão jogando terra nos barracos lá, jogando o pessoal dentro d'água. É você que não têm coração...". Compreendeu? "a senhora vir com essa conversa de coração humanitário, eu tenho coração humanitário. A senhora é que não tem, vem com essa conversa". Aí o pessoal então, todo mundo me apoiou, não é? então o dr. Adauto aí foi e disse para mim: "Anfilófio, vamos fazer o seguinte, você vai fazer o seguinte, você vai separar a sua área, você separa os sessenta metros seu, para você fazer a sua obra, e você então deixa ela fazer seis barracos..." a Jardelina. "...Deixa ela construir só seis barracos, e você toma conta do resto". Falou na presença dela e do povo, não é? Contrariou ela, que não era isso que ela queria. Aí eu aproveitei a chance: "Bom, doutor, eu vou concordar com o senhor da seguinte maneira, ali no lago, onde hoje é a rua Anna Néry, tem um valão ali, eu quero que o senhor me arranje a manilha para manilhar aquela vala. O senhor vai me arranjar essas manilhas?" "Eu arranjo, eu arranjo as manilhas para você. Vê quantos metros tem a vala, vê quantas manilhas..." "Preciso de três". "Eu vou te arranjar as manilhas". "Ah, outra coisa, tem umas varas de canto... passa por aqui pelo campo, eu preciso mudar por outras varas de maior capacidade, não é? E eu então queria que o senhor me cedesse esses canos". "Você vê a quantidade que eu vou resolver isso para você." O dr. Adauto me prometeu tudo isso, me prometeu tudo isso. Mandou que eu comparecesse lá no SERFA dois dias depois. Então eu compareci no SERFA, concordei com ele aquilo tudo que ele combinou comigo. Então acontece que o Adauto, o dr. Adauto não podia entregar esse material na minha mão porque era ordem lá do chefe do SERFA e do dom Hélder Câmara que todo material para entregar nas favelas tinha que ir para a mão da Cruzada São Sebastião. Então na Cruzada é que distribuía. Então o dr. Adauto me explicou que todas aquelas manilhas, e aquelas varas de duas

polegadas que ele mandou para mim foi entregue a essa tal de dona Jardelina, que eu fosse lá procurar da mão dela, fosse e apanhasse o material na mão dela, compreendeu? E ela então ia construir os seis barracos. Eu fui e tirei as placas de Marechal Lott, foi tudo resolvido. Aí o dr. Adauto foi e falou para mim particular que ele não topava essa tal de dona Jardelina, mas que infelizmente ela era secretária do dom Hélder, só podia resolver dessa maneira, mas que ele tinha atendido e ia mandar, e mandou o material aí para a mão da dona Jardelina. Então ela apanhou esse material, para eu ir buscar lá na mão dela, foi o material que eu reivindiquei para nossa área. Aí nisso aí então o dr. Adauto, eu fui e separei a área, mas eu por falta de compreender as coisas, comprei um rolo de arame farpado, duzentos e cinqüenta metros e cerquei a área com mourão e botei arame farpado, e de noite o arame farpado não se vê, não é? E o pessoal que estava acostumado na área livre começou a machucar gente aí, a ferir gente, e era proibido arame farpado, não é? Então eu fui obrigado a tirar o arame farpado para não criar mais problema. Foi um prejuízo que eu tive. Bom, deixei os mourões, o dr. Adauto para me ajudar, a mim conseguiu uma verba e cedeu para a associação, para a União, material de um depósito de material do Méier, eu tenho até um cartão, que está aí nos documentos - Ele conseguiu nesse depósito material para murar a área, botar mourões de cimento e botar aquelas placas de cimento em toda a área do campo, e eu ia fazer a sucessão. Então ele foi, arranjou o dinheiro, foi no depósito e contratou lá no depósito de mandar o material para aí para a gente cercar aquela área toda por meio de muro, cimento armado. Tudo isso foi conseguido por intermédio do dr. Adauto, eu tenho documentação aí, guardado e tudo, não é? A dona Jardelina, por intermédio do dom Hélder, por intermédio de pessoas, dessas autoridades, conseguiu atrapalhar tudo, aproveitou as nossas manilhas, aproveitou os nossos canos, botou lá na localidade dela, aproveitou aquilo que era nosso para lá...

NL: Que era Brás de Pina.

AF: Para a Rádio Nacional, usou o nosso material para lá e tomou a área toda, encheu a área de barraco. Encheu a área de barraco. Então a área precisava de aterrar por causa da água, tudo isso, nada disso foi feito. Ela começou a construir barracos, não é? E aí não havia jeito mesmo de eu conseguir. Então havia as eleições, o marechal Lott não tinha conseguido se eleger e aí foi um fracasso, foi um fracasso. Mais um ano nessas lutas todas... Bom, então ela começou a fazer os barracos, mas aí eu comecei a perturbar ela um pouco, então todos esses moradores que veio para os barracos lá de Brás de Pina, que ela trouxe lá para cá, eu então não adiantava mais criar problema, então eu aí joguei esse pessoal contra ela, defendendo eles, dizendo a eles que eles não aceitassem os barracos sem um documento como eles eram donos, senão ia pertencer à Cruzada, eles iam lucrar, iam acabar fazendo aluguel, cobrando aluguel conforme fizeram lá na entrada lá na Praia do Pinto. Depois eles iam ser donos daqueles barracos, iam cobrar aluguel, tinha que dar um documento, não aceitassem o barraco sem um documento como era dono, sem luz e sem água, ela tinha que entregar o barraco completo, com documento como era, como a pessoa era proprietária, com luz elétrica, com água instalada e tudo. E tudo isso então ela foi obrigada a fazer. E os moradores daqui que estavam sendo prejudicados com essas obras botaram ela para correr, ajuntou uma turma de mulher aí com pedra, jogaram pedra nela com os capangas dela, botaram tudo para fora, ela pulou uma cerca dessa altura, botou ela para correr. Aí ela foi me acusar, dizendo que era eu que estava fazendo isso, telefonou para polícia, compreendeu, chamando a polícia, compreendeu? Mas infelizmente... Felizmente, graças a Deus, compreendeu? Deus é pai, não é padrasto, quando

ela chamou a polícia, a polícia ao invés de vir para aqui, foi para Brás de Pina, se enganou, não acertou vir aqui, não. (risos) Então ela foi e apareceu com uma turma de capanga aí tudo armado para me agredir, ela. Mas o pessoal não fizeram nada a mim, não. Então acontece que nós perdemos essa área e os moradores que eu ia localizar ali, ficaram no mesmo local. Eu então aproveitei botei o nome das ruas: Rua Anna Néry, Rua Botafogo, Rua Flamengo, Rua Vasco da Gama. Na rua Vasco da Gama, que é do lado direito, eu aproveitei e mandei o pessoal puxar a cerca para frente, para aproveitar a área, então o pessoal que tinha a cerca aqui eu mandei puxar um pouco para aumentar a área, para aproveitar a área, compreendeu? Favoreci o pessoal. Então acontece que nós continuamos a luta, continuamos a luta, aí então aquele local que ia ser feita a sede, a sede, foi tomada pela Fundação..., pela Cruzada São Sebastião, foi ocupada, nós perdemos a área. Aí eu consegui 50 contos, naquela época 50 contos, 50 mil réis, comprei um barraco, comprei um barraco e aí foi aonde nós começamos a nossa sede nesse barraco, e aí mais tarde construímos de alvenaria e ali então funcionava a nossa sede da união, era uma sede pequena, lá na praça, hoje é uma capela. Então acontece que aí nós fomos trabalhando, fomos trabalhando. Bom, aí... E o marechal foi derrotado. Aí aconteceu isso. Bom, mais tarde, continuando a política, veio as eleições, as primeiras eleições na Guanabara, a capital mudou para Brasília, então era a primeira eleição da Guanabara, do Estado da Guanabara. Aí nós lutamos pelo Sérgio Magalhães que era da época do Partido Socialista que era do PTB contra o Lacerda, contra o Carlos Lacerda. Aí nós então apoiávamos o Sérgio Magalhães. Aí o Lacerda era candidato a governo do estado pela UDN, não é? Aí o Tenório Cavalcanti que era o candidato da UDN também, e ele era o único candidato da UDN que tinha popularidade nas favelas, era o Tenório Cavalcanti, era o único homem da UDN que tinha o apoio popular, era o Tenório Cavalcanti. Ele penetrava nas favelas. Então o Tenório se candidatou também a governador para dar a vitória ao Lacerda, que era para tirar os votos do Sérgio Magalhães, para dar vitória ao Carlos Lacerda. Nós aqui na favela estávamos necessitando de muita coisa, aterro... Aterro para o pessoal da favela; o problema da água, que estava deficitária e outras coisas mais, não é? Escola, posto de saúde, tudo nós necessitávamos. Então o Lacerda foi candidato... Bom, o Lacerda como candidato compareceu aqui na casa de um Tubarão, ele estava a favor do Lacerda, eu era Sérgio e ele era Lacerda, aí eu botei o Lacerda para correr, eu no auto-falante, dentro de meia hora aí, eu juntei o povo contra ele por causa daquela morte do Getúlio, não é? Bom, aí veio as eleições, Lacerda ganhou as eleições por causa do Tenório, fomos derrotados. Bom, aí o Lacerda pega, como governador do estado, fez uma reunião do Palácio Guanabara convidando todos os representantes das favelas para essa reunião. Eu então achei como presidente aqui da favela, eu achava que eu devia participar dessa reunião, mas a minha diretoria não foi de acordo comigo. O Amintas, por exemplo, se opôs. Eu fiz uma reunião na diretoria e quando nós fizemos a reunião eu falei que eu ia comparecer nessa reunião para saber o que Lacerda ia falar e qual era o assunto. O Amintas se levantou e foi contra, me falou... Disse que não queria traição, não queria traidores aí. Então eu procurei fazer ver a eles que não se tratava de traição, trava-se de problemas nossos. O governador eleito era ele, não adiantava mais, não é? E nós tínhamos que explorar, cobrar era dele. Então o que nós tínhamos que fazer era estar participando dentro para ver o que a gente podia arrancar dele para a favela. Aí então eu fui e fiz ver isso ao Amintas, mas o Amintas não quis compreender isso de maneira nenhuma. Então o Amintas foi contra, eu não tive apoio da diretoria, foi quatro a três, eu perdi por um voto, era sete, era dois a meu favor e eu, e ele era três ele quatro, os contra. Eu tentei fazer outra reunião na minha casa, a mesma coisa. Não consegui convencer ele, então eu achava que

não devia de perder essa reunião, eu achava que era prejuízo para nós, eu peguei e fui na reunião por minha conta. Fui à reunião por minha conta. Quando cheguei na reunião estava cheio de representante de favela. Então eu fui o único daqui, então o Lacerda falou o seguinte: "Essa reunião que eu estou promovendo aqui, com representante de favelados é para eu saber de vocês qual é o problema de vocês das favelas. Apesar de que eu não tive apoio dos favelados, nem dos trabalhadores, eu não tive apoio de trabalhadores e de favelados..." Ele sabia, não é? "...Mas não tem importância, mas eu fui eleito e sou governador de todos. E eu quero ajudar vocês, tenho meu programa de governo e eu também tenho meus programas nas favelas. Então eu quero ajudar os favelados e eu quero então que vocês me ajudem também. Eu quero fazer tudo de acordo com vocês. Por exemplo, eu vou fazer obra, eu tenho necessidade nas obras que eu vou usar, no Maracanã e outras mais... Eu vou ter que mexer em algumas favelas para essas obras, mas eu quero garantir a vocês que eu não vou mexer com favelas, com favelados. Eu vou procurar tirar o favelado do barraco, vou botar em casa de alvenaria. Eu só vou mexer em algumas favelas que tiver que remover, eu só vou tirar da lama, de lá para casa quando eu tiver casas prontas para eles morar, então eu quero que vocês, eu não moro em favela, moro em apartamento, vocês é quem sabem as suas situações, as necessidades de vocês. Eu quero que vocês me apresentem a relação dos problemas então para eu estudar, estudar para resolver o problema. Vocês quando saírem daqui vão para a favela e vão estudar por lá, e me manda todos os problemas para eu estudar e resolver. Por exemplo, quando eu tiver... A outra coisa, não vou botar polícia contra favelado; não quero polícia contra favelado, não quero perseguição contra trabalhador favelado, só contra marginal, fora da lei. Eu só pretendo ajudar o favelado. Agora, com respeito a essas favelas que eu vou ter que mexer nelas, eu vou ajudar a esses moradores, vou mandar fazer a mudança, fazer o transporte, vou tirar dos barracos, vou botar em casa de alvenaria. Não vou dar casa não, vou fazer as casas, construir com preço mais barato e os favelados vai pagar 15% do salário mínimo para o governo, 15% e depois de tantos anos...". Parece que dez anos, não é? "...Será dono da casa, receberão o título de proprietário. Então vocês podem acreditar, podem tratar que isso eu vou fazer, vocês previnam a todo favelado, a todo trabalhador, para usar documento, carteira profissional, que eu vou mandar a polícia bater nas favelas para perseguir os marginais, fora da lei, todo trabalhador favelado que tiver carteira profissional quando a polícia..., apresenta a carteira e eu quero respeito, a polícia tem ordem, vai ter ordem minha, para respeitar todos os trabalhadores. Eu não admito que a polícia faça qualquer violência com os trabalhadores". Compreendeu? Então tudo o que ele falou foi exatamente aquilo que ele cumpriu, procurou cumprir, a verdade é essa. Agora, aí eu vim para favela, não é? então eu achava, eu achei aliás que o programa do governador estava certo, eu falei: "Ah... eu acho que estava certo." Então a minha finalidade era essa, eu tinha que procurar os interesses da favela, dos favelados. Não é isso? Não era traição, era tirar proveito, aproveitar dele. Aí o Amintas foi, ficou contra mim, colocou o pessoal contra mim. Então eu passei por traidor, por traidor. Aí comecei a lutar, por essas coisas que nós precisávamos, eu lutava, mas não tinha apoio da associação, porque o Amintas foi contra, atrapalhou tudo, atrapalhou, não podia reivindicar porque tinha que apresentar a diretoria e tudo. O Amintas foi contra, atrapalhou, mas procurei fazer tudo o que foi possível. Aí o Lacerda construiu Vila Kennedy, Vila Aliança, Cidade de Deus, Cidade Alta, tudo foi obra do Lacerda. Então ele cumpriu a palavra dele. Então aí ele queria que as associações das favelas onde ele transferiu para esses lugares, a associação apoiasse a ele nesse trabalho, mas sabe o que aconteceu? As associações eram dirigidas por presidentes que iam por político, como eu, por exemplo, estava no PTB, mas eu não ia, por

exemplo, prejudicar o favelado por causa do PTB. Eu tinha que fazer tudo de acordo para favorecer. Então aqueles representantes das favelas quando saíram de lá da reunião foram para outro partido, outros partidos, e foram falar sobre a reunião. Aí o PTB foi contra e começou a meter na cabeça dos representantes, jogou esses representantes contra o Lacerda. Eles aí foram na conversa dos políticos começou a desobedecer o Lacerda nesse sentido e não tratou dos interesses das favelas, entendeu? E aí o Lacerda não podia fazer nada, jogou o favelado contra o Lacerda. Eu aqui já fiz o contrário, eu procurei fazer a coisa de acordo para tirar proveito, não conseguimos tirar proveito por causa desse negócio aí, dizia que eu era traidor, traidor, não pude fazer nada. Aí veio as eleições, então o Lacerda apresentou o candidato dele.

NL: Quem era?

AF: Era o Flexa Ribeiro, apresentou o candidato dele que era o Flexa Ribeiro e o Amintas me considerando traidor e tudo isso, começou a criar essa política contra mim aqui. Aí o Tubarão, aí tinha o Flexa Ribeiro e tinha o tal do...

NL: Negrão de Lima.

AF: Negrão de Lima, não é? Então o Negrão de Lima era o candidato do povo, não é?

NL: PTB.

AF: E o Flexa Ribeiro era o candidato do Lacerda. Mas o Negrão de Lima ele ainda ia ser eleito, ele não estava no governo, o Negrão de Lima não tinha condições de fazer nada, para dar. Quem podia fazer alguma coisa de dar era o governo, era o Lacerda. Eu então queria tirar proveito do Lacerda, eu não pude tirar antes por causa do Amintas, então o Flexa Ribeiro, o Lacerda, criou um comitê de favelas, das favelas, só das favelas. Então eu aqui fiz uma demagogia a favor dos favelados, eu fui procurar o Tubarão, fiz um acordo, já que eu não tinha apoio da associação, eu fui a ele propor a... Eu propus a ele um acordo com ele, compreendeu? Propus a ele o seguinte, dele apoiar o Negrão e eu apoiava o Flexa. De araque, mas era de araque. Ele ficava com o Negrão, eu ficava com o Flexa para não haver derrota, então o Negrão vinha aí, o Flexa também vinha. Ele apoiava o Negrão com a diretoria dele e eu apoiava o Flexa de araque com a diretoria dele, também ele não podia. Então eu planejei isso, compreendeu? Mas eu era lá do Negrão, mas eu não podia, então eu fiz... Aí ele: "Pô, rapaz, boa idéia", e tal. Aí eu fui lá para o comitê das favelas.

Fita 4 – Lado B

AF: Então acontece que eu encontrei lá um tal de Ari e era pessoa de confiança do Flexa Ribeiro: "Oh, Anfilófio, você por aqui." Então ele foi e me apresentou ao Flexa Ribeiro e falou com o Flexa em particular que era o maior aqui da favela, homem do povo, então fez o meu cartaz com o Flexa aí o Flexa particularmente me deu um abraço e disse que queria falar comigo particular, e marcou uma audiência comigo lá em Botafogo, não é? Me deu o telefone

para eu telefonar para uma dona para marcar audiência. Aí eu telefonei, a dona marcou a audiência, eu fui à audiência. Chegou na audiência estava cheio de gente e o único da favela aqui era eu. Então como ele não podia me atender porque era muita gente, então ele foi e mandou o filho dele me procurar naquele meio – "Quem é o representante da favela de Lucas, aí?" Aí eu me apresentei, era o filho dele. Estava com um envelope na mão, um bloco de papel. "Eu sou filho do Flexa Ribeiro, professor Flexa Ribeiro. Ele mandou eu lhe procurar e falar com o senhor que ele não vai poder lhe atender, está difícil e tal, então ele mandou eu saber do senhor qual é os problemas lá da favela, qual é o problema da favela". Então eu falei assim: "Olha, eu não vou pedir nada agora, eu quero primeiro que ele mande um engenheiro, um engenheiro dele ir lá me procurar, que é para eu por intermédio do engenheiro pedir". Aí ele foi e tomou nota: "Pode deixar que eu..." Dois dias depois apareceu o engenheiro aí, de macacão, veio por aqui, aí eu estava correndo a favela pra lá, a mulher não sabia onde eu estava, me chamou pelo auto-falante naquela ocasião. Aí como eu estava demorando ele disse: "Olha, a senhora diz a ele que eu vim a mandado do Flexa Ribeiro..." Ele aproveitou olhou essa rua toda, até o fim, olhou o tamanho da rua. Aí falou: "A senhora manda ele me procurar nesse endereço". Que era no Serviço Social lá na Washington Luiz, na Cruz Vermelha, era lá. "...Manda ele me procurar lá". Quando eu cheguei em casa a mulher: "Ó, teve um engenheiro do Flexa Ribeiro aí, foi na mesma hora, não é? Fui atrás. Quando eu cheguei lá, ele já estava lá, conhecia ele. Aí procurei por ele. "Oh, eu vim atrás do senhor". Depois me apresentou o chefe lá, o chefe de obras. "Esse é o chefe de obra". "Olha, doutor, esse é o homem do... O amigo do Flexa, que me mandou resolver os problemas deles". "Muito bem, qual é o problema de vocês lá na favela?" Nossos problemas lá são muitos. Problema de cano d'água..." Já tinha encanação de água, tinha muita gente que tinha d'água, mas o cano era fino, não estava dando mais conta. Então eu falei com ele que precisava mudar as varas de cano e tal; precisava de fazer um reservatório de água para distribuir água; melhorar a luz. Aí comecei a apresentar. Ele falou: "Olha, no momento nós aqui a única coisa que nós podemos fazer para o senhor é o seguinte: nós não estamos fazendo reservatório no momento, não tem material. Mas eu vou lhe arranjar seis caixas d'água de mil litros, o senhor vai levar... Vou lhe arranjar seis caixas d'água de mil litros para o senhor quebrar um galho lá. E vou lhe arranjar... Qual a metragem da rua que o senhor mora?" Aí o engenheiro foi e falou que era 200 metros, é mais, uns 300 metros. "Uns 200 metros". "Então eu vou arranjar as varas de duas polegadas para o senhor botar na sua rua, para melhorar a água lá e aquelas varas que o senhor tirar, o senhor faz ramal. E manilha tudo, no momento nós não temos. Mas no momento nós vamos lhe quebrar um galho com seis caixas d'água com essas varas de duas polegadas e vou mandar botar aterro lá para vocês". Precisava de aterro, estava todo mundo aí precisando de aterro para aterrar a sua área, não é? O Amintas morava num brejo, aquela casa lá que ele mora hoje, a senhora viu a casa dele?

Fica no brejo, na vala. Ele não tinha feito a casa ainda não, estava fazendo. Então ele me chamou de traidor, não é? Estava lá. Então nós tínhamos emanilhado essa vala pelo Manuel Filho, com manilhas, mas as manilhas estavam enterradas, então ele tirou as manilhas para fora, quebrou a maior parte das manilhas e deixou as manilhas do lado de fora, a vala ali sem manilha atrapalhou o caminhão levar aterro para lá, o caminhão não podia levar. Então o caminhão... O engenheiro vinha todo dia de manhã, o caminhão um atrás do outro para não dar tempo do pessoal apanhar, para apanhar. Então o Amintas se aproveitou disso, ele e a família dele toda, ele, mulher, criança... Apanhando aterro e levando para lá. Eu era o traidor. (risos)

Ele se aproveitou do traidor, não é? Levou para lá, aterrou o terreno dele, fez a casinha dele. Aí aproveitamos o aterro que pudemos; aproveitamos as varas; as caixas de água que ele me entregou, tem lá na sede seis caixas d'água. Bom, aí eu estava pensando o que a gente ia fazer com as caixas d'água. Então eu achava que não ia dar certo. O negócio era o reservatório, guardei as caixas lá na sede e tudo, com tampa e tudo. Aí foi a campanha, campanha das eleições. Aí a esposa do Flexa Ribeiro estava fazendo campanha para ele, então ela estava correndo as favelas. Aí eu aproveitei e convidei ela para vir aqui na favela. E aí ela tomou nota lá, o dia e a hora para vir, e nossa ocasião a favela era uma só. Lá em Vigário Geral tinha uma associação já formada, estava na mão do Euclides, o Tubarão, mas o presidente lá era meu amigo. Então aí eu fui a ele, e conversei com ele, disse a ele que essa mulher vinha aí e tal que eu ia levar ela até lá, a favela já era duas. Ia levar ela até lá, que era para aproveitar ela. Aí ela veio com a caravana dela, mas aí já estava controlado com o Tubarão, apoiar o Negrão e eu... Não é? Então eu aproveitei e falei com ele, tinha a sede dele lá, tinha a associação dele lá, que é essa da... Que a atual é essa hoje, tinha a nossa e tinha Vigário Geral. Então eu combinei com a associação do Tubarão, a nossa estava separada, e a de Vigário Geral. Então a mulher do Flexa Ribeiro veio aqui dentro com a caravana dela, então de manhã. Então, eu juntei as mulheradas toda aí para me acompanhar, para aproveitar a mulher vir aí e pedir o que quisesse, aproveitar ela e pedir. Aí as mulheres tudo me acompanharam, não é? Então quando ela entrou por lá, pela Rádio Nacional, uma caravana, nos carros, a pé. Aí eu falei para ela: "Madame, a senhora manda o carro esperar a senhora lá em Vigário Geral, lá fora, nós vamos correr a favela toda. A senhora vai sair lá em Vigário Geral, a senhora dá ordem para o motorista esperar a senhora lá na saída da favela lá na estação. Vamos correr a favela". Aí correu a favela toda com a caravana dela, gritando: "Ah, a esposa do Flexa!" Fazendo aquela palhaçada, mas tudo para tirar proveito, não é? O pessoal, todo mundo. Aí levei na sede do Euclides, estava a diretoria dele lá. E a diretoria dele também era nossa. Fiz uma... não é? Seguia para Vigário Geral. Aí as mulheres ficou entusiasmadas, pedia panela, pedia bacia, pedia tanque. As mulheres se aproveitavam, não é? E ela tinha a secretaria dela só tomando nota. No fim... "O seu Anfilófio, seu Anfilófio depois é que..." Aí a mulher saiu lá em Vigário Geral, coitada, cansada, correr a favela toda, saiu lá em Vigário Geral. O dia todo na favela. Aí o Flexa Ribeiro quando me viu: Oh, Anfilófio... Nós vamos ganhar isso e tal!" Aí ficou todo satisfeito comigo, aí melhorou a situação. Aí a vigarista, a tal de Dona Jardelina... Estou falando besteira aí depois... (risos) Vigarista. (risos) Aí ela se aproveitou também e procurou o Flexa pra tirar proveito, mas foi bom, não é? o governador, não é? Aí o Flexa Ribeiro queria era voto. Aí o Flexa Ribeiro botou luz direta pelo estado, de graça. Botou alta tensão aí. Ela veio até aqui, transformador, botou a luz de graça para todo mundo aí, de alta tensão. Nego queria explorar aí o pessoal com dez contos. Eu denunciei ele, fiz ele devolver o dinheiro a todo mundo aí. Não é? Tudo de graça aí, só pagavam a luz só, material todo de graça, fez a festa do povo. Bom, aí fizemos... Aí nós aproveitamos o que podíamos aproveitar, não é? o podia aproveitar. Mas aí, compreendeu? A Dona Jardelina até se aproveitou da minha luta com o Flexa, ela foi lá no Flexa Ribeiro, ela não conhecia ele, foi lá no consultório do Flecha Ribeiro e se apresentou lá no Flexa como assistente social da Cruzada São Sebastião, isso e aquilo e apresentou uma porção de fotografia que ela tirava aí tudinho. Então o Flexa queria saber o que... Aí, era assistente social aí ou não era. Aí ela foi... Não, minto, aí o Flexa mandou para mim, mandou de surpresa para União um caminhão de vara de cano para todo mundo ter água nos barracos, ele satisfeito com a mulher dele, não é? Falando de mim, mandou um caminhão cheio de vara de cano para União para entregar a mim, não é? O

caminhão veio na ponte, chegou na ponte cheio de vara de cano, não sabia aonde que era, o motorista não sabia aonde é que era, foi procurar um elemento de lá: "Onde era a União, onde era o Anfilófio". O sujeito foi parar com dona Jardelina, aí ela foi ver o que era, chegou viu que o caminhão cheio de vara de cano. "O que é isso aí?" "Isso é o Flexa Ribeiro quem mandou". "Ah, então é para aqui mesmo". "Não mas é para..." "Não é para aqui mesmo". Aí apanhou todas as varas, colocou lá na escola. Eu não sabia de nada. Quando eu vou lá no Flexa. "Anfilófio, quem é essa tal dona Jardelina Bastos?" "Ah, essa é uma vigarista que tem lá na favela, exploradeira, secretaria de dom Hélder. Ela se aproveita de favelado, fica explorando favelado, se enriquecendo às custas de favelado". Aí... "Sabe de uma coisa?" "Mas porque o senhor está..." "Não, ela esteve aqui, esteve aí, mostrou fotografia, obra". "Isso é uma vigarista". "Anfilófio, o problema é o seguinte agora eu não quero que você vá criar caso com essa mulher..." Não queria perder voto. "Eu mandei um caminhão de vara de cano para você e..." "Ih, ela apanhou? Então está ruim". "Não, mas ela vai distribuir. Eu falei com ela, ela falou que estava tudo em casa, estava tudo..." "Está nada, ela não vai..." Aí ela fez campanha, fez política aí com os capangas dela, com os cupinchas dela, para distribuir as varas para o pessoal dela, iludindo o povo. Mas tudo isso foi luta minha, foi luta nossa aqui, nós arranjamos melhorar tudo isso. Foi luta minha, luta nossa.

NL: Agora deixa eu entender uma coisa, o senhor falou que o senhor apoiava o Negrão de Lima, não é? E o senhor tinha todo um... Quer dizer, o senhor fez campanha para o Marechal Lott, quer dizer, sempre contra a UDN, não é? Como é que o senhor conseguia conciliar isso... Quer dizer, aí o povo não ficava confuso?

AF: Aí então, aí então compreendeu? Então acontece que nós estávamos tirando proveito do Flexa Ribeiro, do Lacerda. Muito bem, aí quando se aproximou as eleições houve um tal de trem, não sei o que houve, fizeram um trem... que levou o pessoal para São Paulo, que até foi ameaçado de explodir, levou o pessoal lá para lançar a candidatura do Lacerda a Presidente da República lá em São Paulo, não foi? Então eu fui convidado para viajar nesse trem, eu não queria ir, compreendeu? Mas eu aí, eu estava lá no meio deles, mas tinha nego me manjando. Eu tinha que fazer tudo para não aparecer como traidor, como falso, não é? Compreendeu? Então eu tinha que fazer o meu papel, compreendeu, eu tinha que fazer tudo, mas não podia aparecer. Mas o Euclides aí, todos nós já sabia que o candidato era o Negrão, mas eu tinha que fazer o meu papel para não perder aquela melhoria, não é? Então o Flexa: "Não, você vai a São Paulo, eu quero que você vá a São Paulo". "Mas eu estou trabalhando..." Era para ir no sábado e voltava na segunda feira. "...Eu vou perder..." "Não..." Aí fez tudo (TI). Aí tinha que usar aquela braçadeira. Aí eu tinha que fazer parte, mas eu não podia na viagem, no meio deles deixar de usar aquilo, que aí eu era um assistente. Compreendeu? Chegamos lá em São Paulo, fui logo para o hotel, arranjaram lá um quarto de solteiro, cama, telefone, tudo, não é? Comida. Tudo pago pelo governo, tudo já estava pago, aí fui para um hotel, luxo, quarto de luxo, telefone. Aí eu passei aquela noite lá, aí houve a convenção. Aí lançaram o Lacerda para candidato a Presidente da República. Aí no outro dia viajamos no outro trem de volta, então o trem vinha devagar da viagem, todo mundo aí. É da UDN, não é? Aí houve aquilo, mas eu só aparecia na frente dele, entendeu? Aí então eu tinha falado com eles aí que não fizessem nada para atrapalhar, aí a luz já estava aí, a luz da Light, os postos do governo todo. Então o Flexa Ribeiro veio aí inaugurar a luz, melhoria de água e tudo isso, nessa mesma noite aí que o Flexa Ribeiro esteve aí e tudo isso, veio inaugurar isso o engenheiro todo dia vinha para espalhar a

terra, não tinha propaganda nenhuma de Flexa Ribeiro aqui dentro, não tinha propaganda de ninguém, então aonde eu morava eu botei uma faixa para tapear, só para tapear. O engenheiro dele vendo não vai desconfiar de mim, não é? Botei no meu barraco. Tudo era uma tapeação. Aí na mesma noite que o Flexa Ribeiro veio inaugurar isso aí, o Amintas com uma turma dele aí, encheu isso aí de Negrão de Lima, encheu tudo. De manhã quando o engenheiro veio para distribuir a terra, olhou viu tudo cheio de Negrão, Negrão. Aí parou tudo, parou a terra, suspendeu o serviço. Parou. Ele notou que estava havendo falsidade, eu é fiquei mal. O que eu podia fazer? Eles atrapalharam tudo, não conseguimos ir até o fim, e ele tirou proveito disso, tirou proveito, não é? Aí atrapalhou, parou tudo. O Negrão foi derrotado, não foi eleito. O Negrão foi eleito. Aí o resultado: parou tudo, eu fiquei em situação difícil, o Negrão (TI) aqui, fiquei mal, fiquei jogado fora. Mas consegui melhorias, consegui esse melhoramentos todos, tudo que eu consegui com a minha idéia, da cabeça. Ele atrapalhou. Bom, aí então o Negrão ganhou as eleições, ganhou, houve um temporal aí, o Negrão prometeu ajudar o povo aí com um empréstimo aí consertar o prejuízo, eu aí não fiquei com isso, não resolveu nada, foi tudo conversa fiada. O Negrão de Lima tapeou todo mundo. A única coisa que o Negrão fez e eu dei apoio que eu me lembro, a única coisa que ele fez nas favelas foi aquela área de Brás de Pina. Assim do lado daquela... daquela... (TI) rio para lá...

NL: É, eu já estive lá.

AF: Ele deu aquela área para urbanização, criou aquele negócio da urbanização, como que é o nome?

NL: CODESCO.

AF: Doou aquilo, não saiu urbanização nenhuma, nós lutamos por isso, não saiu nada. A única favela que foi urbanizada foi aquela de Brás de Pina. Ele foi lá de... Desceu de helicóptero lá, eu fui com uma comissão daqui lá no dia que ele veio doar a área para urbanização dos favelados. Foi a única favela que foi urbanizada, mas só. Aí eu sei dizer que ele não fez... Não fez nada que preste para favelado. Não fez nada. Se nós não tivéssemos aproveitado o que nós aproveitamos com o Flexa Ribeiro tinha-se levado a pior. Então seu Amintas atrapalhou tudo isso. Então que dizer que aí conseguimos essas coisas, não é? Bom, agora com respeito à Cruzada São Sebastião, eu quero dizer o seguinte: a Cruzada São Sebastião, aqui dentro da favela, ela foi criada por intermédio, por intermédio da pastoral quando ela chegou aqui, e dom Hélder criou a Cruzada São Sebastião, esse tal de Banco da Previdência, então ele nas favelas e de acordo com a localidade, porque exemplo no norte, sul, subúrbio da Leopoldina, essas coisas todas, ele criou em casa localidade dessa um comitê regional, Leopoldina, central. E nessas favelas, dessas localidades ele criou os comitês da Cruzada São Sebastião, não é? Então ele crava os comitês e tinha as pessoas ligadas a eles para dirigir os comitês, a Cruzada São Sebastião. Então foi criado aqui dentro da favela três comitês da Cruzada São Sebastião aliás quatro comitês. Então foi dividida as duas favelas, aí já era duas favelas e quatro comitês, Parada de Lucas, Rádio Nacional, Centro e Vigário Geral que existia quatro associações, cada localidade dessa tem uma associação. Então tinha em cada localidade dessa tinha um comitê da Cruzada São Sebastião, só que isso foi criado de uma maneira e nós por exemplo, aqui no centro, nossa associação não tinha conhecimento de nada, a associação era oposição a todas essas associações e estariam contra nós.

NL: E as outras eram ligadas diretamente à Cruzada?

AF: Era. Então Odécio, e eles eram tudo contra, nós éramos acusados de comunistas por eles, nós éramos todos considerados comunistas e tudo aqui que a gente reivindicava eles atrapalhavam nos acusando de comunistas.

NL: E existia uma influência assim...

AF: Tirava proveito do povo.

NL: Existia uma influência comunista forte aqui... Existia uma influência comunista forte aqui?

AF: Não, a nossa, nós éramos... A nossa luta era uma luta conforme eles lutavam, não é? Era uma luta que apoiava a luta deles, não é? A luta era boa, não é? Do proletariado. Então... Mas não era igual a deles. A luta dele era diferente, era tirar proveito, era fazer coisas para aproveitar e nós éramos contra isso, nossa luta era contra aquele que se aproveitava, contra o homem que vivia nas costas dos outros. Nós queríamos reivindicar, lutar e tudo, mas beneficiar a todos, mas sem tirar proveito, e a deles era o contrário, então havia essa briga. E eles tudo eram contra nós, eram contra nós. Então acontece que foi criado quatro comitês aqui da Cruzada São Sebastião aqui na favela, por intermédio de um tal de Benedito que morava na favela João Cândido, aquela época aonde hoje é o mercado São Sebastião.

NL: Foi removida, não é?

AF: Essa favela foi removida para Jardim América, ainda está lá. Então esse morador de lá, o tal de Benedito, ele foi para dentro do Exército, era sujeito habilitado, inteligente, então ele foi expulso do terceiro RI naquele levante de 1935 como comunista, ele foi expulso como comunista no Terceiro RI. Esse homem era de confiança do Dom Hélder, Dom Hélder considerava esse homem mais do que um ministro de Estado, mais do que um chefe de polícia e tudo isso.

NL: Deixa eu entender uma coisa. Ele era o representante... João Cândido era na Leopoldina?

AF: É onde é o Mercado São Sebastião, era ali.

NL: É, porque não teve um congresso, não teve da Cruzada, em 1956? Teve um congresso da Cruzada. E eu acho que um dos líderes que mais falaram era esse Benedito, eu ouvi alguma coisa sobre. Eu não sabia que ele ia tinha sido comunista ou que estive envolvido com isso.

AF: Pois é, então foi assim. – Eu vou tirar, essa porcaria não está funcionando não, a pilha nova, mas não está funcionando, eu vou até desligar.

NL: Eu falo mais alto. (risos)

AF: Aí então, esse tal de Benedito, ele que era o organizador desse movimento, então ele era o responsável pelas favelas do subúrbio da Leopoldina. E Dom Hélder Câmara tinha tanta confiança nele, dava tanta força a ele que ele podia estar conversando com Ministro de Estado, Chefe de Polícia, ele deixava, parava a conversa para atender o Benedito, tinha um apoio danado. Esse Benedito, o Dom Hélder Câmara andou vendendo área de terra aí para foi indústria, foi doado pelo Presidente da República Juscelino Kubitschek, então para não vender, fazer o que ele quisesse em benefício da urbanização das favelas, compreendeu? Então esses terrenos todos que ele apanhou ele vendeu vários terrenos para indústria. Então lá em Brás de Pina tinha uma favela, do lado da descida para a cidade, então ele queria vender para uma indústria e retirar aqueles barracos. Então o Dom Hélder dava para o Benedito, dava 25 contos para indenizar cada barraco, para retirar do local. Ele dava 25 contos para o morador e o morador tinha direito de retirar o barraco e levar para outra área, para desocupar a área, ele sabia disso. Então o Benedito chegava na favela e falava com o morador então ele aproveitava de acordo com o morador, aqueles que eram mais sabidos, mais inteligentes eles davam dinheiro melhor e aqueles que eram mais otários, mais bobos, mais ignorantes, mais tímidos, eles davam uma mixaria. Então eles chegavam num barraco e falavam para o morador: "Olha, a favela vai sair daqui, vai fazer obra, vai sair. O senhor tem o direito de levar o barraco para onde o senhor quiser, nós ajudamos o senhor a levar o barraco". "Ah, ótimo". "Nós lhe damos uma ajuda". Então de acordo com a situação do morador ele dava 10 contos, 12 contos, era de acordo com a sabedoria do camarada, quando o camarada era vivo e reagia, ele dava até os 25 contos. E ele se aproveitava disso, e foi fazendo isso. Dom Hélder está confiando nele. Então o povo foi retirando aqueles barracos, conforme a Dona Jardelina botou aqui para ser vendido, e foi tirando proveito, então ele veio aqui na favela organizar os comitês e se juntou com o Euclides, o Tubarão, então esse tal de Euclides começou a fazer parte também do movimento da Fundação Cruzada São Sebastião, começou a fazer parte. Então em cada favela ele organizou comitê, com o pessoal... o comitê, mas nós aqui ignorávamos isso, e nossa ocasião, quando foi fundado esses comitês, foi exatamente na ocasião que a Estrada de Ferro Leopoldina estava murando a estrada de ferro, que a estrada de ferro era toda aberta, quem estava murando a estrada de ferro era o tal coronel Novi Laranjeira, era o diretor. E nós então vendo que nós íamos ser fechados na área até Vigário Geral, ele não ia deixar nenhuma abertura para nós e nós íamos ter que fazer o maior sacrifício para ir...

Fita 5 – Lado A

AF: Então acontece que aí eu pedi licença ao... Aí me apresentou ao comissário, levou lá para baixo da delegacia: "Olha, doutor, esse homem aí está detido por ordem do delegado aí". Aí mandou eu me assentar lá no banco e mandou o guarda civil, naquela época, 1951, parece, mandou o guarda civil tomar conta de mim, não botou no xadrez não, botou sentado. Eu então pedi ao guarda civil que deixasse eu falar no telefone. Aí eu telefonei para UNSP, que eu era fundador da UNSP. Nesse tempo o Lúcio Alves, que era o presidente da UNSP ele era deputado, deputado estadual, então eu telefonei para UNSP e falei para moça que me atendeu lá da UNSP que era para falar com o Dr. Lúcio Alves que eu estava detido na delegacia então para tomar as providências. E telefonei também para o José Talarico ele era locutor, ele

trabalhava no Ministério do Trabalho, ele era diretor lá no Ministério do Trabalho, e ele andava junto com João Goulart, Brizola, então eu mandei também, telefonei para lá avisando ao Talarico que eu estava detido no distrito. Bom, aí o pessoal aqui não está sabendo de nada, que eu estava detido lá, sem almoço, sem nada. Então acontece que ninguém estava sendo que eu estava detido no distrito. Eu tinha falado com o Talarico...

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

AF: Então acontece que ninguém estava sendo que eu estava detido no distrito. Eu tinha falado com o Talarico...

INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO

AF: Aquilo que a gente queria e levássemos a ele, e ia levar ao prefeito para pedir ajuda ao prefeito, ia realizar a obra. Muito bem, aí nós viemos e fomos fazer o trabalho, nessa ocasião havia os comitês da Cruzada que nós não tínhamos conhecimento, não é? conforme eu falei. Aí eu tive a idéia, apanhei as assinaturas, que foi possível, e me deu na idéia de nós irmos ao dom Hélder Câmara que era o homem da favela, para nos encaminhar para dar força, para nós conseguirmos de fato a reivindicação. Aí eu fui a Dom Hélder, pedi uma audiência, ele marcou uma audiência para receber a comissão. Então no dia da audiência nós fomos doze moradores, doze trabalhadores, ele nos atendeu numa mesa comprida, lá no Palácio, ele assentou na cabeceira e eu assentei de um lado, o Amintas do outro e o pessoal no resto da mesa. Então ele olhou para nós e: "Qual é o assunto que vocês interessam?" Aí eu então falei para ele que a nossa finalidade era pedir a ele para encaminhar aquele documento para o diretor da Leopoldina, para nos dar o apoio, para fortalecer, e, pois é, para nos ajudar. E então ele foi e disse: "Da onde que vocês são?" "Somos da favela de Parada de Lucas" Aí foi aonde ele então falou assim: "Escuta aqui, tem algum de vocês aí que pertence ao comitê da Cruzada São Sebastião?" Olha aí. Nenhum de nós sabíamos disso. Aí foi quando todo mundo falou: "Não, não tem ninguém da Cruzada São Sebastião aqui não, não tem ninguém aqui não, o nosso representante lá é seu Anfilófio e seu Amintas". Aí foi aonde o negócio ficou ruim. Ele aí pediu licença, levantou, foi lá apanhar a Ata do comitê, que ele tinha conhecimento, não é? Ele veio de lá com uns papéis, sentou e disse: "Olha, eu posso ser enganado uma vez... Eu posso ser enganado uma vez, mas duas vezes não. Foi criado lá quatro comitês da Cruzada São Sebastião e o senhor não sabe disso?" "Não, não sabemos de nada". Ele foi e deu o nome do pessoal do comitê daqui, ninguém conhecia. "Nós não conhecemos, não". Aí arruinou tudo, ele foi e falou: "Bom, o negócio é o seguinte: "Vocês vão deixar o documento aí?" "Vamos". "Então faz o seguinte, deixa o documento aí, daqui a dois dias... dois dias o senhor vem aqui para saber do documento, não precisa trazer comissão, não, basta o senhor só", que era eu. "Basta vir o senhor só". Aí quando fez os dois dias fui junto com o Amintas lá, quando eu cheguei lá junto com o Amintas ele recebeu a gente, então ele falou assim: "Olha, aquele pedido de vocês eu não vou atender, não; não vou atender porque eu tive uma denúncia grave contra vocês e eu tenho medo, eu tenho medo, não vou me meter nisso, não. E acontece que se vocês quiserem vir aqui bater papo comigo, conversar, podem vir, mas não vou atender, não. Quer levar o documento?" "Não, vou levar, vou levar". Me deu o documento, não atendeu, não. Aí a minha resposta foi essa: "Dom Hélder Câmara, nós não viemos aqui pedir nada a

vossa eminência para nós, não se trata de tirar proveito de nada, isso aqui não vem beneficiar a mim nem a ele, nem aqueles que estiveram aqui, isso é um benefício para a comunidade local, para todo morador, nós viemos pedir um benefício para a comunidade local, não viemos aqui para tirar proveito nem para explorar ninguém não. Agora queria dizer a vossa eminência que essa denúncia que lhes deram de nós", compreendeu? "Não é verdadeira, o senhor está mal informado".

NL: Ele falou qual era a denúncia?

AF: "Está mal informado".

NL: O Dom Hélder disse qual era a denúncia grave? O senhor...

AF: Ele era o arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro.

NL: Não, eu perguntei, o Dom Hélder disse qual era a denúncia grave que foi feita a vocês?

AF: Ele só falou que era uma denúncia. Ele não quis dizer não, tinha medo.

NL: Não quis dizer.

AF: Bom, então aí então eu disse: "Olha, nós não viemos aqui para enganar ninguém não, nem tirar proveito. Agora esses que estão denunciando nós, que vieram denunciar a gente aí, eu vou dar tempo ao tempo, o próprio tempo vai se encarregar de apresentar a verdade, mostrar a verdade, o senhor mais tarde vai saber da verdade, o tempo vai se encarregar disso. E depois que o tempo de encarregar disso, que o senhor souber da verdade, eu vou aparecer aqui". Não levou um ano. Aí viemos embora, aí levamos o Memorial lá para Leopoldina, não é? Então eles vieram aí, o pessoal das Leopoldina. Eu tenho a fotografia, eu vou mostrar depois a senhora. O pessoal da Leopoldina aí, vieram aí, fizeram tudo para atender a gente, aqui não foi feita a passarela porque eles alegaram que não podia fazer por causa do local, por causa da área, eles não tinham condições, mas fez aquela passarela, de que maneira fez. E tem outra coisa ele aqui deixou aberto, tampou, mas depois o pessoal quebraram e aí acabaram e deixaram aberto. Agora é perigoso, não é? Mas deixou aberto. De qualquer maneira nós conseguimos, não é? Bom, então acontece que eles, não é? Bom, aí o Benedito que logo depois que nós tivemos lá na primeira audiência com o Dom Hélder Câmara, quando nós levamos o documento, nós na nossa saída de lá o Benedito ficou lá. Então o Dom Hélder chamou o Benedito e chamou-lhe a atenção, disse a ele que recebeu aquele documento, mostrou o documento, mas não disse o que era, somente disse a ele que recebeu aquele documento, teve a nossa comissão lá, e ninguém sabia de Cruzada, não sabia de nada, que ele foi enganado e tudo isso e que ele então ia acabar com isso. Então foi e discutiu com o Benedito. O Benedito se vendo nessa situação prometeu a ele que vinha saber de toda a verdade, vinha aí para apurar. O Benedito veio do Palácio foi direto para favela João Cândido, para casa dele, lá ele montou numa bicicleta e veio direto aí. Aí veio procurar o Euclides Joaquim da Silva que era o responsável pelos comitês aqui dentro. Então ele veio aí e então eles se reuniram aí na casa do Tubarão, do Euclides, se reuniram, e o Benedito então falou para eles aí que nós tínhamos ido lá, essa comissão, levado um memorial, um documento, tudo

isso, entendeu? E Dom Hélder estava contrariado, estava querendo saber da verdade e tudo isso. Então tinha que acabar com tudo isso. Então acontece que eles aí na reunião fizeram o seguinte, disseram ao Benedito que ele fosse lá no Dom Hélder dizer a Dom Hélder que estes que vieram lá, que éramos nós, era uma comissão de comunistas, todos nós éramos comunistas, e que ele ia receber um documento com bastante assinatura nos acusando, para preparar o Dom Hélder. E mandou o Benedito preparar Dom Hélder e falar com ele. Bom, aí o Benedito foi lá e falou com o Dom Hélder. Dom Hélder ainda ia receber o documento deles, mas já estava sabendo disso. Quando foi nos dois dias que nós fomos lá para saber o resultado, a resposta que ele deu, ele já estava informado disso, disso aí. Agora, o que eles fizeram aí? Fizeram um documento falso, fizeram um abaixo assinado enganando todo o povo da favela que era para fazer escola, posto de saúde, melhoramentos, e apanhou assinatura de todo mundo aí, apanhou mais assinatura do que nós, compreendeu? Mas enganando o povo, não foi acusando nós, não, apanhou a assinatura enganando o povo que era para melhorando.

NL: E o abaixo assinado dizia o que, era contra...

AF: Aí foi acusando nós de comunistas. Aí quando o Dom Hélder deu a resposta a nós, não tinha recebido o documento ainda não, entendeu? Depois que nós saímos de lá com o documento foi que chegou lá o documento com assinatura, bom aí eles começaram, continuaram. Então o Tubarão aí, junto com a dona Jardelina e tudo, são tudo igual, dona Jardelina. Então andavam explorando o povo, todo mundo aí, porque eles tiravam proveito do povo, não é? Então... Aí o pessoal ia reclamar contra eles no Palácio São Joaquim, então eles acusavam nós, que era nós que mandava o pessoal ir para lá reclamar, eram os comunistas. E dom Hélder acreditar. E ele falava pelo auto-falante: “Não adianta dar parte da gente, Dom Hélder não acredita”, para o pessoal não ir lá, não ir lá. Bom, então essa parte aí foi a parte do muro da Leopoldina, não é? Agora quer que eu continue o negócio da escola ou pára?

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

NL: Não, normalmente eu gravo assim. O que o senhor estava contando continua me contar normalmente, o senhor contando como é que foi em 1964 e tudo.

AF: A falecida esposa, tinha duas casas que o pai dela deu para ela, foi feito inventário, mas como no inventário, morreu a irmã dela que também tinha direito, eram quatro casas, tinha direito a duas casas, o pai também morreu. Aí foi tudo, tudo que tinha direito a herança, aí foi demorando fazer o inventário. Então o inventário demorou muito e só foi resolvido de 46, só foi feito o inventário, a distribuição de dinheiro, aí nós vendemos, fiz o inventário aí eu vendi a parte. Então a parte que me tocava a nós era duzentos contos, foi vendido. Cem contos foi para minha sogra, falecida sogra e os outros cem contos era pra mim e meu filho, o que sobrava, não é? Então nossa herança eu recebi quarenta e seis contos, nessa herança. Foi em 1957 isso, então eu guardei os quarenta e seis contos no barraco aqui, estava no barraco, aí tinha uma birosca que estava sendo vendida, o português da birosca, que era dono da birosca, ele não podia continuar aí mais porque os dois sobrinhos dele não podiam mais estudar, porque o pessoal não queria mais... Iam arrebentar... Eu estava protegendo ele... Então o tio, o dono da birosca me ofereceu a birosca, mas eu funcionário público, trabalhando, tinha que ter uma pessoa para tomar conta. Quando ele me ofereceu a birosca já tinha um comprador por

noventa contos, mas aí ele foi e disse: "Pois é, eu vou vender para fulano..." Mas eu era contra esse camarada vir para ali, não é? "Por que é que você não compra?" " Mas eu não posso, eu sou funcionário público. Aí nisso que eu estou conversando com ele lá na linha, em cima da linha, o Amintas morava naquele beco para lá, estava na porta do barraco dele, eu olhando o Amintas. Eu falei para ele: "Mas eu não posso, eu sou..." "Você arranja uma pessoa para tomar conta". "Mas eu também não tenho dinheiro". "Não, mas para você eu faço qualquer negócio". Estava com quarenta e seis contos em casa. Aí eu fui lá no Amintas, foi lá no Amintas: "O Amintas, o português quer vender a birosca para mim". "Compra". "Não, mas eu tenho que ter uma pessoa para tomar conta". "Não, eu estou aí, estou aí para ajudar". "Quanto ele quer?" "Eu tomo conta para você". Aí eu: "Então vamos lá". "Aí trouxe ele, apresentei para o português". "Bom, qual é o negócio que quer fazer?" "Bom, você oferece". Aí eu ofereci os noventa contos, dando os quarenta contos na hora, a herança, e passando o resto em promissória. Ele foi e apresentou uma outra proposta: "Não eu vou fazer uma outra proposta, você dá os quarenta contos agora e dá a primeira e a segunda promissória de dez contos e os outros sessenta contos você dá em cinco promissórias de cinco contos, não oito promissória de cinco contos está bom? É quarenta, não é?, Cinco vezes oito = quarenta. Vinte, com vinte = Sessenta. Está bom?" Aí: "Está feito o negócio". Aí viemos para birosca, eu, ele e Amintas. Aí levei a mulher para... A mulher não era essa, era uma outra, era uma crente separada do marido, voltou para o marido dela, com dezenove anos. Então ela você foi para birosca, fui para lá. Então aí, eu estava com a birosca na minha mão, mas eu trabalhava na repartição, então eu fazia o seguinte, de manhã eu abria a birosca cinco horas para apanhar o pão, abria a birosca cinco horas e trabalhava até seis e meia da manhã. A partir de seis e meia a mulher ficava tomando conta e o Amintas vinha para me substituir, seis e meia eu ia para repartição, ia para o posto tomar conta do serviço, tinha nove guardas trabalhando comigo. Então eu trabalhava das cinco da manhã até as seis e meia, o Amintas vinha as seis e meia me substituía, tomava café e tudo, almoçava na birosca, jantava, quando eu saía da repartição eu vinha para casa, mudava de roupa, tomava banho, aí substituía o Amintas. Bom, aí o Amintas ficou trabalhando lá comigo. E aí apareceu um vendedor de (TI) e tudo, mas eu estava com pouco dinheiro, seis contos, não é? Aí o Amintas me ofereceu quatro contos, emprestado, aí eu comprei um saco de feijão, um saco de arroz para botar na birosca. Então Amintas ficava tomando conta de dia e eu trabalhando, eu vendia querosene, naquele tempo havia muito lampião ainda, vendia muito querosene aí. Então acontece que eu fui trabalhando, fui trabalhando e fui passando a prestação. Bom aí como a mulher era crente, era da Assembléia de Deus, ela não podia vender bebida alcoólica, ela não queria, só o que vendia lá era cerveja, mas bebida alcoólica não, porque ela era contra isso. Aí então eu fiz um movimento bom na tendinha, vendia fiado e tudo. Aí como eu não queria mais continuar com a birosca, que a mulher ela era nervosa, quando ela dava aquele nervoso nela ela caía, caia, desmaiava, tinha que chamar ambulância. Uma vez ela deu um tapa num camarada, partiu para cima do camarada, botei ele para correr, ela foi e caiu. E não dava mesmo, aí estava doido para me ver livre, quando fez um ano acabei de pagar, com um ano eu acabei de pagar aquilo lá aí vendi... Vendi não, troquei por uma casa e um terreno lá na Vila Paulina. Está lá a casa da Vila Paulina, eu dei pra minha filha, dei para minha filha que mora lá em Caxias, ela está resolvendo o assunto lá. Então acontece que eu fiz o negócio da tendinha em troca da casa e do terreno, não é, da Avenida Paulina e eu tinha a cabine de luz na minha mão também me desfiz da cabine, também entreguei na mão da pessoa. Bom, aí então sobrou um depósito que eu fiz, sobrou aquele dinheiro do lucro, aquele dinheiro que eu (TI), 47 contos e sobrou, não

é? Aí eu resolvi comprar o aparelho, eu resolvi comprar esse aparelho de auto falante, comprei com esse dinheiro, foi com esse dinheiro da tendinha que sobrou, paguei tudo ainda sobrou, não é? Eu fui e comprei esse aparelho, comprei um aparelho de auto-falante, aliás comprei, não, mandei construir, botei quatro cornetas aí. E aí instalei isso aí e praticava caridade, fazia obras sociais. Então o aparelho estava à disposição do povo. A luz estava na minha mão, eu pagava a luz com o próprio dinheiro do pessoal, gastava no aparelho. O aparelho, eu lidava com o aparelho, o Amintas também... Era eu e o Amintas que lidava com o aparelho. O Amintas tinha toda liberdade minha, tinha todo meu apoio, então o aparelho estava funcionando no meu barraco e as cornetas, não é? Em cima do meu barraco. Então acontece que essa mulher que morava comigo, que era crente, eu dizia a ela que o Amintas tinha toda a liberdade na minha casa, quando ele tivesse necessidade de usar o aparelho quando eu não estava ali presente, para fazer qualquer anúncio, ficava na sala. Então ele tinha aquela liberdade de entrar lá, mas o Amintas fazia uma porção de troço errado ali, depois a senhora vai saber, negócio de moral, eu não sabia, não é? Então o Amintas entrava... A casa tinha duas entradas, tinha entrada do lado de cá e entrada do lado de lá, ele entrava, pedia licença, ela passava para lá para dentro. Quando ele precisava de uma peça, de uma ferramenta ele ia lá e apanhava sem pedir, levava para casa dele, depois não devolvia, aí a gente quando ia precisar de uma ferramenta não estava lá, estava na casa dele, eu chamava a atenção dele por causa disso: "Quando você quiser uma ferramenta, você pede, pede que é para mim saber, quando você..." Mas ele... Ele é aposentado, não é? "Não sei como um hoje desse podia ser barbeiro, não é? Fazia barba e tudo, ele é doente mental, a aposentadoria dele é..." Então eu falava com ele tudo isso, mas eram as coisas erradas. Então... Aí ele tinha aquela liberdade toda, eu brigava até com a mulher por causa dele, a favor dele. A mulher dele, a mulher dele contava todas as bandalheiras dele para minha mulher, contava para ela. Que ele fazia bandalheira, mas eu nunca vi, não via, não tenho nada com isso, era problema dele lá, não é? Aí acontece que a mulher falava... Bom, aí a mulher quando foi um tempo: "Olha, é bom você tirar esse aparelho daí, ou você tira ou eu vou me embora". Ameaçava ir embora, mas ela não me contava o que era. Aí eu resolvi tirar o aparelho e botei lá no Amintas, ele tinha um salão de barbeiro nos fundos, funcionando então... Como é que dá o nome? Transformador, não... Negócio que funciona o aparelho, como que é o nome? Aí tirei o aparelho e coloquei lá no salão dele. "Vai ficar aí, não precisa ir mais lá em casa, não". Mas eu não estou sabendo, mais tarde foi que ela me contou. Quando eu briguei com ele, quando eu me afastei dele, fui obrigado a me afastar dele, entendeu? "O seu amigo..." Aí foi que ela me contou a história, que ele ia lá e começava com imoralidade, indecência e aí ela era crente, era contra isso, não é? E como ela sabia que eu apoiava ele, era do lado dele, não é? Ela me contava. Mas ela mesmo não tem vergonha, porque aconteceu isso tudo, depois que ela foi embora, ela começou a freqüentar a casa dele, foi pedir lá a eles para deixar dois garotos para ser padrinho, para participar do casamento do filho dela. Bom, só sei dizer que aí então o seu Amintas usava o aparelho lá na casa dele. Aí acontece que então o aparelho funcionava aí. Morria uma pessoa, a pessoa não tinha condições de fazer o enterro. Ia lá chorando: "Seu Anfilófio, morreu o meu filho", "morreu o meu pai", "morreu a minha mãe eu não tenho condições de fazer o enterro". Eu aí mandava a pessoa ficar sentada lá, fazia uma relação, uma lista e anunciava pelo aparelho, anunciava o apelo, a pessoa fazia fila, o pessoal era ali. Aí ela apanhava o dinheiro... Não apanhava dinheiro, não, aí tomava nota dos nomes, nomes e a importância, nome e a importância, nome... Eu já sabia mais ou menos, é que ia tratar do enterro com a pessoa da família...

NL: E por que o...

AF: Sabe por causa de quê? Por causa do papa defunto não tirar proveito, não roubar.

NL: E porque o senhor fazia isso, quer dizer, o que levava o senhor a fazer isso, se preocupava?

AF: O que levava?

No É, porque o senhor fazia isso.

AF: O que levava era um ato de caridade. Um ato de caridade cristã, não é? Eu sempre fui assim, meu coração é assim, eu sou um camarada que gosto de fazer caridade, tenho o maior prazer.

NL: O senhor é religioso? porque o senhor falou assim...

AF: É, eu gosto de fazer o bem. Eu sempre gostei de fazer o bem, ver a felicidade, apesar de que (TI) não é? eu sou um camarada que sempre gostei de fazer o bem (TI). É difícil, a pessoa não acredita, não é? Ainda vou dizer mais uma coisa à companheira que é funcionária pública, eu não gosto de funcionário público, não gosto dessa raça, não. Sou um funcionário, mas não gosto, gosto das pessoas como a senhora. Funcionário público para mim tem que ser essas pessoas, entendeu? Pessoas que são funcionários, mas lutam, são da luta, compreendeu, ajudam aqueles que... A maioria dos funcionários públicos são covardes, são tapados. Eu digo o próprio funcionalismo. Eu não gosto de funcionário público por causa disso aí, porque eles querem só tirar proveito, a maioria, eles mesmo são culpados do funcionalismo público estar nessa situação, porque muitos deles vão para repartição pública só para querer tirar proveito do diretor, do chefe, levar presente, levar isso, levar aquilo, eu sou contra isso. Eu sou um funcionário que sempre fui cumpridor dos meus deveres, da minha obrigação. Nunca gostei de puxar saco de ninguém, nunca gostei dessas coisas, não, entendeu? O chefe meu se for um bom homem, um bom chefe eu faço tudo por ele, pra ajudar ele, mas se ele não prestar, se for um mal chefe, não valer de nada, um corrupto, um aproveitador, eu não apoio não, não tem meu apoio não. O chefe mandar fazer, assinar recibo para roubar nas minhas costas para tirar proveito, eu gosto, não assino não, vou assinar roubo. Então eu sou um sujeito que cumpro com o meu dever, com a minha obrigação, não estou aí para ser a favor de diretor. Dr. Mário Pinotti, eu chamei ele de ladrão lá no Palácio Catete. Estou atrapalhando tudo?

NL: Não.

AF: Estou mudando o assunto.

NL: Deixa eu lhe falar, essa questão de mudar o assunto, não tem problema não, porque nesse tipo de entrevista o senhor vai relatando as suas lembranças, então mesmo que fiquem fora de ordem, quer dizer, não tem problema, porque é pelas lembranças mesmo.

AF: O meu chefe pode ter todo defeito dele, pode roubar, pode fazer tudo, eu não vou fazer o que ele faz, não apoio. Não apoio, não vai tirar onda comigo não, ele não tem moral, aí é o tal negócio, não presta...

Fita 5 – Lado B

NL: O senhor ia me falar, o senhor ia começar a contar a questão da escola.

AF: Em 1959, (já está funcionando?), foi criado aqui dentro da favela, aliás foi fundado um serviço social feito pelo SESC, o diretor do SESC construiu essa obra e no dia da inauguração eu fui até quem representou os favelados e agradecendo a obra. Então estava presente dom Hélder Câmara, o Ministro do Trabalho que era na ocasião, e várias autoridades. E eu então representando o povo local agradecendo a obra: Esta obra foi uma obra construída pelo SESC e dando a todos os favelados da localidade, salas de aulas, várias salas de aulas, clínica dentária, clínica médica, sala de corte e costura, sala de negócio de cozinha, não é? Tinha todo esse conforto, e tinha uma área de lazer onde é o estacionamento hoje. Então o dom Hélder Câmara... Esta obra foi dada ao dom Hélder Câmara para administrar, foi dada na mão da Cruzada São Sebastião para dom Hélder administrar a obra. Pertencendo ao SESC. Então o dom Hélder botou essa tal de dona Jardelina Bastos como secretaria dele, como assistente social da obra. Então ela veio para aí, morando lá na zona sul e aí acontece que ela veio para aí para explorar o favelado, tirar proveito do favelado; tudo ela cobrava, tudo era cobrado, entendeu? Criou aí uma fábrica de costura, arranjou máquina e tudo, explorando as próprias costureiras, tirando proveito do povo. Então o dom Hélder Câmara criou aquele tal de Banco da Providência, pedindo aquela colaboração a toda a população de modo geral para o Banco da Providência e para ajudar os favelados e para ajudar os flagelados. Então dom Hélder Câmara conseguiu apoio de toda parte, de dinheiro, de mantimento, móveis, problema de casa, bateria de cozinha, até televisão, rádio, máquina de costura, tudo ele arranjou. Então o Palácio São Joaquim que recebia tudo isso encheu, então eles acabaram com essa obra social aí e encheram a escola ali de toda essas coisas doadas, aí encheu isso aí.

NL: A escola deixou de funcionar?

AF: É, parou. Parou a obra social e passou a ser um depósito de tudo aquilo doado. Então tudo o que vinha para aí era para dar aos favelados, calçado, roupa, tudo e essas empresas, essas indústrias ofereciam a dom Hélder caminhões para transportar, motoristas, médicos, advogados, tudo se oferecia da cobertura ao Banco da Providência. Então dona Jardelina se aproveitava dessa obra para tirar proveito do povo, quer dizer, que o favelado ia lá, pedia um sapato, ela mandava escolher lá na pilha; pedia uma roupa mandava escolher lá a roupa, mandava escolher lá; quando era na hora do favelado agradecer a ela, ela cobrava uma taxa, até remédio amostra grátis ela cobrava. Então o pessoal falava: “Mas isso não é para dar ao favelado?” “Não, eu não estou cobrando nada não, isso aí é uma taxa de conserva, de conservação, para conservar. Então ela inventava isso, está entendendo? Ela inventava isso e todo mundo tinha que pagar, aí então nós resolvemos fazer uma campanha contra isso. Aí eu

corri a favela toda em nome da União e arrastei o povo lá para... Aí fizemos um comício lá para praça, compreendeu? Eu botei os auto-falantes lá, um palanque, convidei vários companheiros de outras favelas, a reportagem e aí fizemos então esse comício contestando e combatendo essa exploração da dona Jardelina Bastos. Então, elas eram chamadas de ratazana pelo auto-falante, era chamada de ratazana. Então eu tenho até a fotografia desse negócio aí. Aí então isso chamou a atenção do dom Hélder, a imprensa publicou, foi para Câmara dos Deputados. Vereador, houve protesto lá. Então o dom Hélder Câmara resolveu vir aí no local para saber do assunto. Quando o dom Hélder Câmara veio aí para saber do... Para apurar isso, a dona Jardelina mandou fazer um boi de carnaval, mandou preparar um boi de carnaval para correr a favela toda para arrastar o povo para ir contra nós, contra aquele povo que foi contra essas coisas. Então ia fazer essa passeata na favela de Vigário Geral e Lucas, arrastar o povo com esse boi para lá para apresentar esse pessoal contra aquela turma e eu apresentei no comício contra, denunciando isso. Quando nós soubemos que ela ia fazer isso, que dom Hélder Câmara vinha aí, nós antes dela sair com o boi nós saímos primeiro, saímos, corremos a favela toda e acabou não saindo o boi. Aí nós então arrastamos o povo, nós arrastamos o povo lá para escola e dom Hélder Câmara estava presente aí com os padres e com a imprensa, então nós levamos o povo lá para escola, compreendeu? Para provar toda aquela denúncia nossa, aquele protesto nosso. Mas acontece que eu como era visado, mais do seu Amintas, então nós resolvemos não aparecer lá, porque nós éramos considerados comunistas, conforme aquele problema que eu já falei. Então nós mandamos um policial que morava aí, ele era guarda civil naquela época, mandamos ele apresentar o povo lá, que ele era contra ela também, participou também do protesto, nós não fomos, aí fizemos cartazes e tudo, contra isso tudo. Aí quando chegaram lá na escola, encheu o povo lá na escola, o dom Hélder estava falando no auto-falante defendendo a Dona Jardelina dizendo que ela aquele pessoal que fez a denúncia, o proposto denunciando aquilo não era o povo, era meia dúzia de comunistas ditadores, que éramos nós, e o povo não era o povo, compreendeu? E ele pensava que a dona Jardelina aí levar o povo para lá, então dizendo que o povo não era aquele nosso, o povo era outro. Aí quando ele estava falando no auto-falante que estava cheio de padres, os padres vieram lá da porta, do portão e viram aquela multidão com cartaz metendo o pau e tudo, então os padres começou a tomar nota, começou a tomar nota e foi levar ao conhecimento do dom Hélder lá dentro, dom Hélder estava defendendo a Jardelina que ela era secretária dele, que não era verdade, defendendo ela pelo auto-falante. Aí dom Hélder já estava sabendo do assunto que padres tinham levado para ele. Bom, então quando dom Hélder na hora de vir embora, sair lá de dentro, ele saiu de cabeça baixa para não ver os cartazes, para não ver os cartazes. Quando ele chegou no portão a dona Jardelina pra impedir o protesto e tudo isso, ligou o motor do carro, fez aquela barulhada toda para atrapalhar, e o dom Hélder não queria atender o povo, o povo queria falar com Don Hélder e ele não queria atender. Então, o pessoal começaram a puxar a batina dele, ele aí ficou com medo, não é? Então perguntou se aquele movimento era meu e do Amintas. "Esse movimento é do Anfilófio e do Amintas". Aí o tal: "Não, não tem nada de Anfilófio e Amintas aqui não, aqui é o povo..." e tal "aqui é o povo". Aí então ele disse que só podia atender se arriasse todos os cartazes, mandou arriar. Então o camarada mandou arriar os cartazes. Então ele foi e falou para o que estava representando por nós, que era para fazer uma comissão para ele atender lá no Palácio São Joaquim, fizessem uma comissão para ir falar com ele lá que ele ali não ia atender ninguém, não. Então combinou de ser atendido o povo lá no Palácio São Joaquim por uma comissão. Então foi embora, então nós aí fizemos uma reunião e avisamos o fulano que é lá do Palácio São Joaquim, defender o

povo, falar a verdade, que tomasse cuidado, tomasse cuidado com o que fosse falar, que eu poderia gravar aquilo tudo e podia prejudicá-lo porque ele era guarda-civil, não é? E que eu iria prejudicá-lo e que ele precisa ter cuidado. Então ele foi, aí levou aquela comissão. Chegou lá dom Hélder Câmara queria provas, então ele levou as provas, levou uma amostra de remédio grátis que foi pago, levou vários moradores aqui da favela lá para falar, provando que pagou. Então o dom Hélder não aceitou, falando para dona Jardelina que aquilo não era cobrado, que aquilo era para conservação... Aquilo era um safadão – Então começou a defender a dona Jardelina, não adiantou nada. O resultado foi que esse guarda civil foi suspenso 30 dias. Deram parte dele, o diretor da guarda civil, era um coronel do Exército e ele era fascista, era da direita, integralista, esqueço até o nome dele agora. Então houve a denúncia contra esse guarda civil que era o senhor Homero Santana, ele foi suspenso por 30 dias, por causa disso. Então acabou, e eles então para não continuar fazendo o que estavam fazendo retirou tudo daí, levou para outro lado, esvaziou tudo, para não dar nada a ninguém, então voltou a funcionar as escolas, tudo isso, mas sumiu muitas coisas daí, máquina de escrever, várias máquinas de escrever, clínica dentária, todo aquele material que foi instalado aí pelo SESC, máquinas, tudo aquilo, sumiu para onde foi eu não sei, sumiu tudo aquilo, aquela área de lazer a dona Jardelina acabou com ele todo, botou estacionamento de carro, cobrando, cobrando estacionamento. Então ela dizia que o favelado não podia ter nada de graça, tudo tem que ser pago, ela era contra isso. E acontece que então acabou com o ginásio que nós tínhamos aí, que esse policial era o presidente, aí eu... Era da diretoria, eu era presidente do Conselho fiscal, então como nós éramos contra ela, contra o procedimento dela, que funcionava lá. Então ela fez todo o possível para acabar com o ginásio, fez tudo para destruir. Então foi o problema dessa escola, que ela cobrava tudo lá, tudo ela cobrado. Aí com o tempo, ela foi afastada daí, aí veio uma outra para aí, aliás ela já morreu. E essa outra que está aí está fazendo a mesma coisa que ela fazia, tudo ali é cobrado.

NL: Veio pela Cruzada também?

AF: É, Cruzada São Sebastião. Quando o diretor do SESC, quando fez essa obra aí que entregou a dom Hélder Câmara, ele tinha dado um desfalque lá no SESC, tinha metido a mão lá, e deu um rombo lá no SESC, então foi denunciado, houve uma denúncia e ele então foi responder processo, então ele pensava que dom Hélder ia defender ele, mas dom Hélder não se meteu nisso, então ele foi para rua, acabou que ele foi para rua. Aí quando eles viram que o SESC, o diretor foi para rua, eles aí tiraram o nome do SESC, botaram Cruzada São Sebastião, mudaram o nome do SESC e botaram CSS, Cruzada São Sebastião, como quem quer dizer que aquilo ali é obra deles, mas aquilo pertence ao SESC, é propriedade do SESC. Então acontece que devido aquilo estar na mão da Pastoral e ele então fazer essas coisas erradas, ele não ajuda a associação, ele é uma espécie de oposição à associação. A associação por sua vez quando tem um presidente, como já teve alguns aí, que passa a apoiar ela, está nas mãos deles, aí eles também se aproveitam disso, não é? E agora essa diretoria que está aí quer combater essas coisas todas erradas, mas é preciso que eles tenham uma autoridade moral, porque se não tiver autoridade moral eles não vão conseguir derrubar nada disso, porque está nas mãos dos padres, essa fulana aí é protegida por políticos também, tudo isso, está metido aí. Então o problema da escola aí é esse, o prefeito agora fez obra na escola, botou lá uma praça, fez obra, ajudou lá a escola e a situação da escola aí é essa, quer dizer, existe escola, creche, mas tudo isso é pago, não é nada de graça, e eu então estou afastado de tudo isso.

NL: Agora me diga uma coisa, seu Anfilófio, o senhor falou que em 1959, quando houve esse protesto contra a dona Jardelina que o senhor chamou companheiros...

AF: Isso foi depois de 1959. Em 1959 foi quando foi criada...

NL: Quando começou, não é?

AF: A escola, mas não é?

NL: É, o senhor falou que chamou companheiros de outras favelas também...

AF: Vários companheiros de outras favelas.

NL: Que favelas eram essas, era aquele movimento da coligação...

AF: Agora no momento eu não posso dizer. Eu não tenho, por exemplo, não me recordo, não me recordo. E aliás procurei ver se encontrava com um documento aí, mas eu não encontrei que eu pudesse dizer qual foi... Eu sei que esteve aí o Globo, aquele como é, teve alguma estação de TV aí. E acontece que isso foi para a Câmara dos Deputados, saiu no Diário Oficial. Aliás eu procurei até o Diário Oficial aí, está aí, mas não encontrei, está bagunçado aí, não encontrei, que era para deixar tudo aí para lhe amostrar. Então o que acontece é que tudo isso deu alarme, deu escândalo, mas aí, quer dizer que... Então por causa dessas lutas, por causa dessas coisas em defesa do povo, nós sempre fomos consideramos aqui, compreendeu, como comunista e nós sempre fomos combatidos por essas autoridades e pela falsa política que tinha aí, não éramos vítimas da polícia e tudo, porque nós éramos a favor do povo, em defesa do povo, contra a arbitrariedade, contra a injustiça, contra todas essas bandalheiras todas.

NL: E na época o senhor estava falando, vocês eram considerados como comunistas. O senhor já falou que o senhor nunca foi um membro do Partido Comunista, mas que tinha simpatia pelas idéias sociais e tudo, mas era forte a presença do Partido Comunista nas favelas, quer dizer, o povo reconhecia de alguma maneira aquelas posições nessa época que o senhor está falando?

AF: O problema era que nós éramos considerados como comunistas, mas acontece que as autoridades recebiam essas denúncias e tomavam conhecimento disso, mas eles não procuravam apurar, o mal é esse, não procuravam apurar a verdade e nós éramos prejudicados por isso, porque esses elementos conseguiam das autoridades todo o apoio tanto em material como apoio deles, não é? E nós aqui não tínhamos apoio deles nem material, nem apoio deles, das autoridades, porque eles estavam sabendo que nós éramos acusados, mas eles não procuravam apurar a verdade. O próprio dom Hélder Câmara, por exemplo, recebeu aquele documento e depois eu provei, depois eu provei, que eles estavam fazendo errado aí. E ele então, eu procurei ele para mostrar a verdade e ele não quis de maneira nenhuma levar em consideração. E esse é que era o mal das autoridades, e o povo então sofria com isso e por causa dessas acusações, dessas calúnias, o povo é que sofria, porque nós que lutávamos pelo

povo, lutava pela verdade, nós não conseguimos apoio por causa dessas denúncias falsas, essas calúnias, porque o dever das autoridades era procurar apurar a verdade e processar aqueles que levantassem essas calúnias. Então acontece que nós éramos vítimas dessas acusações falsas porque nós éramos uma pedra no sapato contra esses aproveitadores, esses tubarões, os favelados, criaram uma polícia mineira aqui dentro para perseguir o povo, e tinha um posto policial aí, a polícia do posto, mas quem mandava era eles, era a Cruzada São Sebastião. Essa polícia mineira andava tudo armado com porte de arma dada por dom Hélder; a militar ficava dentro de um posto policial, eles ficavam rodando a favela perseguindo trabalhador, matando até trabalhador aí, e não acontecia nada com eles porque dom Hélder defendia eles, e a polícia militar não tinha autoridade para eles, eles tinham mais autoridade que a própria polícia militar compreendeu e eu então chamava polícia mineira de jagunço da Cruzada São Sebastião, pelo auto-falante, eu não tinha medo, não.

NL: Era um clima de briga mesmo.

AF: Era, era uma briga feia. Eu tinha apoio do povo, daqui e das três bicas aqui do centro, o povo todo ficaram organizado do meu lado, compreendeu? Porque quando eu descia ali, o povo comparecia em massa, compreendeu? Então acontece que eles não tinham o povo nas mãos deles, tudo que eles faziam era com mentiras, com falsidade. Quando eles queriam fazer uma reunião, que vinha autoridade aí dentro, o povo não acreditava neles, eles então para convocar o povo, eles enganavam o povo pelos auto-falantes deles. Então eles convocavam o povo para uma reunião oferecendo vantagem, era para inauguração de escola, inauguração do posto de saúde, inauguração de melhoramento, mas não era nada disso, compreendeu? Era para enganar as autoridades, e o povo então pensando que eles iam, obter tudo isso, compareciam, compreendeu? Então eles apresentavam a presença do povo enganado, e eles tiram proveito das autoridades, compreendeu? E acontece então que eles enganavam todo mundo aí. E nós então combatíamos tudo isso, nós éramos contra, mas como nós não tínhamos apoio dos políticos, das autoridades por causa daquelas acusações, então a nossa palavra para eles não valia nada, só valia aqui dentro, compreendeu? Eles inventavam até processo, o tal de seu Almerindo, que foi nomeado lá pro SERPRO, o tal do SERPRO, ele era do PTB, compreendeu. Eu então também era do PTB, nós éramos amigos e ele se dava com esse tubarão, presidente da associação lá de Lucas, ele se dava com ele, compreendeu? Então esse tal tubarão, teve um documento aí, um memorial mandando retirar, pedindo as autoridades para retirar o meu auto-falante daí devido às acusações que nós fazíamos contra, chamava eles de jagunços da Cruzada, polícia mineira, exploradores de favelados, tubarões. Então eu falava tudo isso, então eles aí fizeram um abaixo assinado e botaram os capangas deles para apanhar assinatura do pessoal aí. Enganando o povo, que era para isso, melhoramentos e benfeitorias e tudo isso e não era nada disso, então todo mundo assinava, mas quando foi na hora apresentaram lá um documento pedindo a retirada do serviço de auto-falante, que prestava benefício ao povo. Então seu Almerindo mandou um guarda municipal, naquela época me convidar para comparecer lá no SERPRO, no gabinete do SERPRO. Eu comparecendo lá o seu Almerindo estava recebendo uma turma de pessoas lá, me recebeu muito bem, me chamou lá dentro do gabinete e me entregou o documento na minha mão, entregou na minha mão e mandou eu ficar sentado, olhando o documento e ele veio atender o pessoal, eu fiquei lá dentro, olhando o documento que estava nas mãos dele para retirar meu auto-falante. Então é que eu fui tomar conhecimento por esse documento das mentiras e aí eu vi as assinaturas, mas

como eu não tinha os óculos para ver as assinaturas eu olhei só uma do princípio para ver os elementos falsos, traidores, que tinham ido para lá, mas não é, eles foram enganados. Então o seu Almerindo quando veio saber se eu tinha lido, se eu tomei conhecimento, então ele falou para mim: "Seu Anfilófio, o senhor leu aí? E agora, como é que vai ser?" Eu falei: "Bom, o senhor é chefe aí, que está mandando, o senhor faz o que o senhor achar que deve ser fazer". "Não, mas eu não posso, você é um amigo meu, o seu Alcides também é meu amigo", o outro, o Tubarão, "e vocês não podem continuar assim nessa briga, vai haver um tiroteio, pode haver um tiroteio lá, pode haver morte e vocês não podem, vocês têm que se dar um com o outro, tem que se unir um com o outro". Então aí ele disse: "Olha, eu não vou fazer isso com você, eu não vou tirar seus auto-falantes, eu não quero tirar, eu vou chamar seu Euclides aqui e vocês vão dar um abraço um no outro". Eu disse: "Não senhor, eu não quero, eu prefiro ficar sem os auto-falantes eu não quero abraço de tamanduá, eu não aceito". Então não quis aceitar essa união, esse abraço. Então ele resolveu o seguinte, para não deixar de... Para não tirar o auto-falante que era benefício do povo, então ele disse: "Eu vou deixar o auto-falante lá, mas você vai me prometer o seguinte: não vai falar mais no nome desse pessoal". "Bom, aí eu posso fazer". Aí então continuou o aparelho. Aí e eu não falava mais o nome dessa raça, continuou o aparelho, entendeu? Bom, depois ele arranjou um processo falso. Ele tinha a rede de luz aí na mão dele, ele roubava a luz da Light. Ele tinha um encarregado do serviço da Light que vivia na casa dele aí do tubarão, tomando cerveja, almoçando, e ele roubava luz no relógio da Light, fazia uma trapalhada, no relógio e roubava luz da Light e ele então podia cobrar luz mais barata, roubando da Light. Então ele fazia tudo isso para me combater a mim aqui, que eu cobrava a luz aqui, mas não tirava, não roubava da Light. Eu cobrava luz pelo preço que eu pagava à Light e só a despesa que a gente fazia. Eu mesmo trabalhava aí na marcação de relógio, serviço da rede, só ganhava 100 mil-réis só, era o dinheiro que a associação podia me ajudar. Então nós trabalhávamos nessa situação, e a luz era mais cara porque nós não roubava, e eles roubavam a luz, e a outras que tinham também um cabinho de luz, roubavam da Light e eles então podiam vender a luz mais barata e eu não fazia isso, eu não ia meter a mão, não ia fazer um papel desse, ia perder a minha moral. Então ele mantinha na casa dele um encarregado da Light para favorecer a ele e também o encarregado do cartório lá do distrito policial do 21º distrito policial viva na casa dele também, o chefe do cartório, vivia na casa dele, então ele comprava essas autoridades, compreendeu? Então por intermédio dessas autoridades corruptas ele promoveu um processo contra mim na polícia, no distrito, e eu fui e recebi uma intimação para comparecer no distrito, mas como havia convenção do partido, eu tinha que estar presente, do PTB, no dia que eu fui intimado, então não compareci ao distrito, mas telefonei para o cartório, avisando ao encarregado que eu estava participando da convenção que eu não podia comparecer, mas que no outro dia eu comparecer, mas como o negócio já era preparado contra mim, então eles mandaram outra intimação, compreendeu? E fizeram uma trapalhada lá, quando foi no outro dia que eu me apresentei no distrito, não tinha feito nada demais, aí o encarregado do cartório ele me levou na presença do delegado, chegou no delegado ele falou: "Olha o homem aí, olha ele aí". Me apresentou ao delegado aí o delegado, vai leva ele e resolve para lá. Então ele me levou para o cartório e mandou eu sentar lá na cadeira e eu fiquei sentado na cadeira, aguardando. Fiquei lá um bocado de tempo lá na cadeira aguardando, quando foi muito mais tarde, depois de horas, o encarregado veio e falou para mim: "Olha, o delegado foi embora". Eu falei para ele que eu não tinha nada a ver, que eu não tinha nada a ver com o delegado. "Mas sabe qual é a ordem do delegado? A ordem do delegado é o senhor ficar detido aí, até amanhã, até a hora que ele chegar aí". Mas porque...

Fita 6 – Lado A

AF: Pode?

NL: Pode, o senhor conta de novo aquele pedacinho que o senhor falou que entrou em contato com o Lúcio Alves e...

AF: Então eu avisei, telefonei para UNSP, para levar ao conhecimento do professor Lúcio Alves que era o diretor da UNSP, presidente da UNSP e daí telefonei para o José Canarinho, não é? Então eles tomaram conhecimento disso. Aí apareceu lá um morador daqui, por acaso, procurando uma pessoa lá e eu aproveitei e falei então para esse morador... (interrupção sem pausa na gravação). Então acontece... Aí esse morador foi lá procurar uma pessoa, aí eu aproveitei e perguntei se ele vinha para favela, e vinha. Então eu pedi a ele que era para ele avisar ao Amintas, que eu estava detido lá no distrito que era para ele tomar as providências, levar uma comissão. Aí ele falou: "Você está detido aí, é?" Mas como eu estava... Então ele veio e avisou ao Amintas. Entendeu? Aí então o Amintas então ficou sabendo que eu estava detido na delegacia... Bom, aí durante esse período que eu estou lá, foi um pessoal a mandado do Talarico, saber porque eu estava metido nisso, só que o comissário tirou o corpo fora da ocupação do delegado. Então eles queriam saber onde morava o delegado, não disseram. Então aí vieram falar comigo: "Anfilófio, você está sendo maltratado?" "Não". "Nós vamos saber, vamos procurar o delegado e tal. Você pode deixar que o Talarico está tomando as providências". Aí o Lúcio Alves, quando tomou conhecimento telefonou para lá e eu estou sentado, estou vendo, chamou o comissário. Aí eu estou vendo o comissário falando, eu estava desconfiado que o negócio era comigo, eu estava desconfiado. Então ele estava falando com o deputado, o Lúcio Alves, mentindo, dizendo que eu tinha sido intimado várias vezes, não tinha comparecido, não estava falando no meu nome não, mas eu desconfiei que era comigo o negócio. Aí o Lúcio Alves então disse a ele que era para me chamar no aparelho. Aí o comissário me chamou e ficou do lado, dou meu lado, que quando eu botei o aparelho era o Lucio Alves. "Anfilófio, quem está falando é o Lucio Alves, que está havendo com você?" Aí eu fui contei, contei tudo o que estava acontecendo, e aí eu disse na cara do comissário, eu disse para o Lúcio Alves, que ele tomasse as providências junto ao chefe de polícia, como deputado, presidente da UNSP e que o comissário estava mentindo, não estava falando a verdade, não era nada verdade o que ele estava dizendo, que eu escutei - na cara dele. Que ele tomasse as providências ao meu respeito, que eu estava sem almoço, estava ali desde cedo preso, sem saber porque, nem nada. E aí então ele falou: "Chama o comissário aí". Aí Eu: "Está chamando o senhor". Aí ele foi e ameaçou o comissário, não é? Que ele tomasse as providências, aí o comissário começou a pedir desculpas a ele, começou a pedir perdão a ele e tal, começou a se desculpar. Quando ele acabou de falar com o Lúcio Alves ele botou o aparelho no gancho e aí falou pro guarda civil: "Será possível, só me aparece esses abacaxis quando eu estou de serviço? Não deixa mais esse homem falar no aparelho, não". Aí começou

a me proibir de eu falar no aparelho. Então ele falou para mim com a mão, com o dedo no meu nariz, "Você me chamou de mentiroso". Daí eu fui e dei um tapa na mão dele, dei um tapa na mão dele. "O senhor está me agredindo, o senhor não se faça de besta comigo não, que eu lhe transfiro em 24 horas para o distrito". (inaudível) Vice-presidente da República. O senhor está pensando o que? O senhor está falando com uma autoridade também, não está falando com um vagabundo, não". Aí eu fui gritei com ele e tudo, aí ele mixou, com medo de mim, não é? Bom, aí quando foi... Aí o Amintas começou a avisar o pessoal todo aí para ir lá na delegacia que eu estava preso. Aí o aparelho, o auto- falante funcionava na minha casa. A minha mulher, que era minha mulher naquela época, ela freqüentava aula de noite, com uma turma, ela levava uma turma para aula na República do Líbano. E ela estava na escola, e era tarde, já era de noite. Então o Amintas saiu avisando o pessoal de boca em boca, de casa em casa. Aí começou juntar gente aí na praça, começou a juntar gente aí na praça. Quando foi 11 horas, dez e pouco, 11 horas, quando ela veio da escola, aí ele foi no aparelho, falou no aparelho. Eu sei dizer... eu sei dizer que quando foi meia noite, meia noite e pouco a porta da delegacia, a rua ficou cheia de gente. O pessoal foi tudo para lá, quiseram invadir a delegacia para me tirar. Então o comissário, estava sozinho, o encarregado não estava lá, tinha um detetive, um guarda civil, então mandou o guarda civil telefonar fora de lá para a invernada, pedir o apoio, pedir o policiamento da invernada para botar o pessoal dali para fora, o pessoal queria invadir a delegacia. Aí chamou até atenção de um oficial de dia do quartel dos marinheiros, ele veio lá saber o que estava havendo lá. O pessoal queria invadir a delegacia para me soltar. Aí então, a invernada veio, veio a invernada aí passou a mão numa metralhadora, o comissário começou a ameaçar todo mundo, aí ninguém arredou o pé, ninguém arredou o pé. Aí a mulher que com morava comigo começou a chorar: "A senhora pode ir lá falar com ele lá". Aí então o pessoal não arredaram o pé aí disseram para ele: "O senhor veja o que o senhor está fazendo, o senhor vai pagar por tudo isso". Aí ele começou a haver a reação. A invernada sabendo do assunto, vendo que não havia nada de mais, foi embora, foi embora. Então ele veio a mim, o comissário veio a mim pedir a mim, para eu mandar o pessoal ficar do lado da delegacia, para retirar dali e tal. Então eu chamei o Amintas e mandei o Amintas... Que o comissário aí mandou chamar um... Mandou procurar um escrivão, morando por ali, não é? Para vir me atender para mandar eu embora. Aí veio o escrivão de chinelo, me levou lá para cima do cartório para tomar o depoimento meu, quando eu estou lá em cima no cartório chegou o Zé Talarico, com o Rabo de Peixe, Talarico chegou, viu aquela turma toda no meio da rua: "O que está havendo aí?" "É o seu Anfilófio que está detido". "É vamos soltar ele, com ordem de João Goulart, com ordem do vice-presidente". Aí chegou perto do comissário: "Cadê o homem que está detido aí? Eu vim com ordem do Vice-presidente da República para tirar ele, para levar ele". "Ah, ele está lá no cartório" e tal. Aí foi lá no cartório, ficou lá, disse para o escrivão: "Isso não vale nada, pode rasgar isso, não tem valor nenhum eu vou levar ele por ordem de João Goulart". Aí apanhou o processo, o negócio rasgou, botou na cesta. Aí me levou, quando chegou em baixo, aí o comissário veio falar comigo, me pedir desculpa a mim, que eu perdoasse ele, que ele não sabia que eu era importante, não sei o que. Aí o Talarico me cutucou no pé: "Vamos embora, não dá confiança, não". Aí chegou do lado de fora aí o pessoal me agarraram, começaram a gritar... que era de madrugada, não é? aí o Talarico foi: "Não tem nada aberto para gente festejar, não é?" Aí meteu a mão no bolso: "Eu vou levar vocês" "Não, eu vou a pé, nós vamos a pé. Aí viemos a pé pela Avenida Brasil, da Penha, não é? Ele foi meteu a mão na carteira, não é? Tirou um dinheiro, deu: "Isso é pra vocês amanhã festejar a vitória". Aí viemos embora. Compreendeu? Então o acontecimento que houve, como

disse meu pai. Está aí, não houve nada, então o tubarão ficou com raiva porque ele levou a pior, não é? Então acontece que todas essas coisas que eu estou falando, que estou contando, aconteceu aqui na favela por causa dos exploradores, dos inimigos do povo e por causa disso nós éramos considerados aqui como comunistas, não é? Tudo com mentiras, calúnias só porque a gente lutava pela verdade. Então acontece (risos), acontece que aí nós sempre fomos perseguidos aqui, sempre fomos perseguidos, bom então a gente sempre continuou a luta, sempre continuamos a luta. Por exemplo, arranjamos a passarela. Eu, por exemplo, levava lá para repartição exames de fezes para examinar de moradores, facilitava tudo; distribuía os depósitos para levar o material, trazia o resultado do material, dava medicamento. Depois o posto veio para aí para o DNER(?), não é? Veio para aí, aí eu vim para cá. Aí eu facilitava o (TI) lá em Vigário Geral, 40 exames todo dia, fazendo tudo para ajudar a ele, e fazendo tudo pelo povo, não é? E na Cruzada mesmo, na escola eu ia lá, falava com as professoras, diretora, levava até mesmo material dos alunos, junto com as professoras, ensinava a elas. Até esse material eu procurei e não encontrei para lhe mostrar. Então acontece que sempre trabalhei em benefício do povo, nunca tive vantagem nenhuma nisso. Trabalhei sempre espontaneamente, grátis, sem tirar proveito de nada, porque o meu problema não era esse, mas sempre perseguido, sempre vítima dessas coisas todas. Então acontece que eu inaugurei várias bicas de água lá em Vigário Geral, que não tinha água lá, nós inauguramos várias bicas na via pública, onde (TI). Aqui mesmo nas favelas do centro. E fizemos muitas obras aí. Bom, e tubarão, explorador, cobrava das biroscas, todo mês uma importância para pagar essa polícia mineira.

NL: O apelido deles, Tubarão, vocês é que davam? O apelido de Tubarão era vocês é que davam? Esse Euclides que tinha o apelido de Tubarão, o apelido de Tubarão vocês é que davam esse apelido de Tubarão?

AF: É, quem chamava era eu, chamava ele de Tubarão. E o pessoal, os capangas dele eu chamava de jagunço, jagunço da Cruzada. E eu me arriscava, fui ameaçado de morte várias vezes aqui, fui ameaçado várias vezes de morte. Mas Deus sempre me ajudou, graças a Deus nunca houve nada. Uma vez fui agredido pela turma deles aí, mas eu levei a melhor, o pessoal do meu lado. Quer dizer, então graças a Deus eu sempre tive o apoio de Deus, meu Deus sempre me ajudou, certo? Sempre levei a melhor na minha moral, nas minhas razões e moral, que eu não tenho nada preso aí, rabo preso como diz o ditado, não tem nada contra mim aí, agora tem elementos, ainda tem daquele tempo que estão contra mim, são caluniadores, me caluniam e tal, mas não provam nada contra mim, eu estou em condições de provar contra eles. Ele não tem autoridade moral para me acusar em nada, são uns exploradores. Depósito de material aí explorando o povo, explorando esses mendigos, coitados, aposentados que ganham pouco aí, botam para trabalhar, eles bebem cachaça, paga uma mixaria. E eu sou contra isso. Então ele não gosta de mim, ele é contra mim, então ele me calunia, tudo isso, entendeu? Com esse pessoal que se dá com ele, não tem moral, não vale nada. Então eu tenho essa turma aí, esses elementos que não têm autoridade moral, e são contra mim uma meia dúzia deles aí. Mas eu não dou importância, nenhuma a eles porque a minha autoridade é superior a deles, a minha autoridade moral é superior a deles. E eu tenho muitos amigos do povo, agora já morreu muita gente, muita gente já se mudaram daí, outros já morreram, mas porque eu parei com as minhas lutas a partir de 1964. Em 1964 quando rompeu a ditadura, quando eles tomaram isso de assalto, eu já sabia que eu ia ser preso, porque o chefe do posto policial não gostava de mim

porque eu ia lá soltar presos, prendia... Fazia injustiça eu ia lá e soltava, eles tinham medo de mim. Então eles faziam troço errado aí, o chefe do posto aí andava no meio de pessoal fora da lei, compreendeu? Fazendo serenata de noite com violão, perturbando o silêncio, fazia rifas. Então eu era contra essas coisas todas, então tinham raiva de mim. Então quando houve esses problemas eles aproveitaram e me acusaram eu, o Amintas e um tal de Rui, Rui Dael, que morreu. Esse sim, esse era comunista. Então nós éramos unidos. Então esse elemento, compreendeu? Nos acusou na delegacia que nós éramos comunistas, que eu era chefe dos comunistas. Então aí de acordo com a delegacia veio o carro daí da delegacia me apanhar eu, o seu Amintas e o tal de Rui Dael. Então quando foi no dia seis.

NL: De abril?

AF: Não, o negócio foi no dia primeiro de abril, quando foi no dia seis depois, foi, no dia seis de abril, quando foi no dia seis de abril eles cercaram o meu barraco, eu não morava aqui, morava num barraco mais em cima. Então tinha duas entradas, uma do lado dessa rua, e a outra rua de lá. Então eles cercaram o meu barraco, cercaram o barraco do Amintas. Era 11 horas da noite, eu estava até na sala escrevendo e a mulher estava dormindo. Me chamaram, eu fui atender no portão, a polícia estava escondida, estava tudo escondida. E o chefe veio e falou comigo: "Seu Anfilófio, o senhor está convidado para ir comigo até a delegacia para prestar entendimento". "Pois não, dá licença que eu vou trocar a roupa, trocar o sapato, mas eu não sabia que estava tudo cercado, eles estavam pensando que eu ia fugir". Aí eu fui chamei a mulher, estava dormindo que morou comigo 19 anos, não é? chamei ela e falei: "Ó, a polícia está aí para me levar". Mas eu já sabia que eu ia ser preso. Aí quando eu me apresentei, eu tinha 100 contos guardado. Eu fui apanhei os 100 contos, dei 50 contos a mulher e disse a ele: "Olha, foi levar esse dinheiro, pode precisar, e você não se incomoda comigo não, que a luta é essa, mesmo, a luta é essa. Eu não sei o que é que vai acontecer comigo, eu posso sumir, desaparecer, você não liga, você trata de você, toma 50 contos, você tem um barraco". Eu criava um filho dela, que ela era menor naquela época. "Mas economizando, quando você vê que (TI) você arranja um emprego vai trabalhar e tal, e deixa eu para lá, a luta é essa mesma". E ela veio no portão, começou a chorar e tudo. Aí quando eu me apresentei a eles, aí o Amintas fugiu, o Amintas quando foi na hora fugiu, eles foram atrás do Amintas, os cacoetes. Os cacoetes que estavam com o chefe do posto, os cacoetes fora da lei que era da polícia mineira, correu atrás do Amintas prendeu ele lá na linha do trem. Aí me disse: "Por que o seu colega correu, fugiu?" Aí lá vinha o Amintas, "Olha ele aí". "Não, mas ele foi preso na linha, ele fugiu". Aí eu falei pro Amintas: "Você fugiu por quê? você deve alguma coisa à justiça? Nós não devemos nada a polícia, não devemos nada a polícia". Ele: "É, o seu Anfilófio não fugiu". "Eu ia fugir por que? Eu não devo nada à polícia". Aí chamei atenção do Amintas. Aí nós fomos para o posto, fomos que o carro estava esperando lá fora e aí fomos levados lá pro distrito. Aí fomos até no meio da (TI). Aí fomos direto para o distrito, para a delegacia. Aí eu sei que na delegacia o comissário mandou meter a gente no xadrez, eu e Amintas. Xadrez escuro, sem luz, não sabia se tinha gente lá dentro. Aí fomos lá dentro, aí quando foi meia hora depois, o guarda municipal que trabalhava na justiça, que morava aqui em Vigário Geral, foi zombando da gente. "Vocês têm um bom padrinho, vocês têm um bom protetor, já vão embora". Aí abriu o xadrez, mas estava fazendo hora com a gente. Aí estava lá o carro da DOPS, foi buscar nós, foi buscar eu e o Amintas para levar para DOPS.

NL: O terceiro que o senhor falou que era comunista não foi preso?

AF: Como que é?

NL: O outro companheiro de vocês que o senhor falou...

AF: O Rui?

NL: É.

AF: O Rui tinha fugido, ele foi apanhado depois. Ele foi depois de nós. Então acontece que aí esse tal guarda municipal começou a me ofender com palavrões: "Aí doutor, esse aí é o melhor chefe da Malária, comunista, sem vergonha". Me maltratando, mas eu fui e chamei atenção dele, chamei atenção, que eu não aceito, eu não admitia ser mal tratado, que ele não tinha autoridade para me mal tratar. Aí foi, chamei atenção do guarda municipal. Aí fomos para DOPS, o tal de camburão, não é? Aí fecharam a gente dentro do camburão, eu mais o Amintas. E eles ficaram batendo papo lá no distrito mais de meia hora. Aí, saiu dali de madrugada, já de madrugada e começamos a rodar, não sei porque donde, porque estava tudo fechado, aqueles buraquinhos, não é? Até de manhã. Quando foi de manhã, nós chegamos na polícia central, aí fomos direto para o gabinete do Cecílio Boré, que era o inspetor da DOPS, e aí chegou lá no gabinete do Cecílio Boré, estava o irmão dele, esse que era de Botafogo, o tal do Boré de Botafogo, era irmão do Boré, estava lá ele.

NL: O Boré foi chefe de polícia do Lacerda, não foi chefe de polícia do Lacerda?

AF: Não, ele foi criado pelo Getúlio, foi o Getúlio quem criou a DOPS, não é? Ele era o inspetor da DOPS, o seu Filinto Müller, que era o chefe de polícia... Aí... E foi no tempo do Lacerda mesmo, mas ele foi criado pelo Getúlio. Quando aconteceu isso com a gente o governador era o Lacerda. Aí então me apresentaram eu e o Amintas ao irmão do Boré, o tal de Botafogo: "Aí, comunista lá na favela. Esse aí é o chefe", que era eu. "É, recolhe ele, bota ele para lá, amanhã nós vamos conversar". Aí então a polícia central estava cheio de caubói, caubói... Sabe o que é caubói? Filho de papai rico, papai rico, não é? Estava tudo lá de metralhadora na mão, estudante, ficaram do lado do Lacerda, ficaram do lado do Lacerda. "Aí esse coroa aí, esse velho aí". Mostrando a metralhadora. Zombando de mim. Aí estava cheio desses vagabundos lá polícia central, no corredor. E a polícia central estava cheio de preso... (TI) tudo lá preso, e eles estavam tudo tomando conta. Nós fomos para um salão, o salão estava cheio lá na polícia central e nós fomos então botados nesse salão, que não tinha nem espaço para gente sentar, de tão cheio que estava, então tinha que ficar preso em pé. Então chegamos lá ficamos no meio de gente boa. Então tinha muita gente boa lá presa. Tinha filho de médico, esse comissário de bordo, aquele tal de... Aquele artista de novela, que era diretor da rádio Nacional, estava lá preso também, agora me esqueço o nome dele.

NL: Mário Lago?

AF: Hein?

NL: Mário Lago, não?

AF: Mário Lago também estava lá, ele estava preso, ele era o diretor da Rádio Nacional, não é? Ele... E tinha muita gente boa, até do Exército. Um comunista, aí ficamos lá três dias, naquele alojamento, naquele salão. Aí então nós se organizava lá. Nós mandava 10 pessoas deitar uma hora, para descansar, depois levantava uma hora e deitava os outros 10, era assim que a gente fazia. Depois de três dias que nós estamos lá, muita gente estava com febre e tal, e dava aquela tal de uns compridos A... A... A...

NL: AAS?

AF: Era o remédio que dava. Então quando foi três dias depois aí veio o ônibus transportar nós para Detenção. De madrugada. Então os ônibus eram cheios de preso, era aquele... Aquela porção de polícia, não é? Enchia os ônibus particular, aí a polícia ia atrás do ônibus, acompanhando, não é? Fomos direto para detenção. Aí foi para lá aqueles cubículos, cheio de percevejo, um bicho dando. E nós estávamos preso como políticos, era prisão especial, não é? Estava preso com bandido. Aí chegou na polícia central de madrugada... Ou para Detenção na Frei Caneca, aí então foi dividido, uma turma foi para um salão, outra para outro salão, salão grande, não é? tinha aqueles estrados, não é? Tudo cheio de percevejo. Então ficou dividido nos salões, não é? O pessoal preso. Aí fomos para essa Detenção, nada de ser chamado, nem nada, ficamos jogados lá. Então na Detenção nós se organizava, se organizava com a ajuda do pessoal de fora. Então nós ficamos preso lá 20 e tantos dias, 29 dias. Quando fez 29 dias foi que eu fui chamado para depor. Fui chamado aí quiseram me botar contra o Amintas, não é? Amintas contra mim. Eu já falei isso, não foi?

NL: Não.

AF: Aí então me chamaram para eu falar e mandaram que eu falasse a verdade: “O senhor vai falar a verdade, o senhor é funcionário público, se o senhor não falar a verdade o senhor vai para rua” não sei o que... “Não, o senhor vai falar toda a verdade”. Aí eu comecei. Ele mandando bater na máquina. Então eu falei... Então eles começaram a me perguntar como que é que eu... Como foi que eu comecei a minha vida na favela, do que eu era presidente, como é que eu arranjei esses auto-falantes.

NL: (TI)

AF: É, no outro dia depois que eu tive preso, eles vieram na minha casa aí com os cacoetes, invadiram a minha casa na presença da mulher com um menor, com o garoto, me roubaram o dinheiro que estava lá, desapareceu o dinheiro da luz que era para pagar a Light , aí me levaram um revolver registrado (TI), estava no guarda roupa e levaram os meus aparelhos de auto-falante e levaram uma porção de documentos, livros que eu tinha, uma porção de coisas, aí levaram, para a DOPS. Aí então eles começaram a jogar verde para colher, dizendo que a minha mulher já tinha dado o serviço, queria saber das reuniões que a gente fazia secretamente, de portas fechadas; onde que eu arranjei os auto-falantes; como é que eu fui eleito presidente; como é que nós se organizamos. Queria saber, então eu falava, como é que nós fizemos, não é? Quando eu vim morar na favela, a favela não tinha nada, não tinha luz,

não tinha água, não tinha nada disso. Então eu com os meus amigos políticos eu melhorei a situação na favela, os moradores então pediram para fazer uma associação, então eu elaborei o estatuto, fundamos a associação, os auto-falantes eu comprei com o meu dinheiro para prestar obras sociais. Então eles disseram que foi o Juscelino que me deu, eu disse que não, que não foi o Juscelino, tinha apanhado de Adhemar de Barros. Então perguntaram como é que eu fazia com o auto-falante. Eu disse como é que eu fazia; perguntaram se eu cobrava nada, eu disse que não. Então eles não quiseram acreditar. Então eles tinham pensado que eu estava explorando o povo. E eu fui provando tudo, então eles perguntaram essas reuniões que a gente fazia com comunista, pessoa lá de fora. Então mentia que a mulher... Isso não é verdade, isso é mentira, nunca eram reuniões de porta fechadas, as reuniões eram feitas de portas abertas e convidávamos até autoridade policial para comparecer às reuniões. Aí não deu pé, falei toda a verdade, não deu pé, não. Aí todo o material que eles aprenderam lá em casa que eles levaram lá para DOPS, então aí eles levaram disco, disco de propaganda política, levaram o disco do homem da vassourinha, Jânio Quadros, eu tinha esses discos todos, mas eu não era a favor disso. Eu recebia, mas eu não... Estava lá. Levaram disco do Jânio Quadros, levaram o disco do Lacerda, levaram o disco do Adhemar de Barros. Aí, aquilo deu a entender que eu não podia ser comunista, não é? Como que é comunista ia ter essas coisas. Até foi bom, tinha isso tudo lá guardado, mas não funcionava. Então eles levaram aquilo tudo lá para DOPS, e quando foi na ocasião ele perguntou? "Pois é, nós levamos aquele material todo subversivo que o senhor tinha na sua casa". Então eu falei para ele: "Olha, eu queria que o senhor me explicasse o que é subversivo, eu não sei o que é essa palavra", "Subversivo é aquilo que o senhor tinha em casa e não é apoiado pelo regime". Eu falei: "Bom, o negócio é o seguinte: "Eu quando comprei esses livros, na livraria, estava vendendo na livraria, tinha autoridade para vender. Esses comunistas iam lá na favela me procurar e vinha pedir voto, compreendeu? A gente pedia a eles melhorias para favela, compreendeu? Porque nós só conseguia melhorar a favela nessas épocas de eleição, nós só apoiava aqueles que nos ajudasse. Esses elementos eram apoiados pela lei, pelo regime, eles foram eleitos, tudo que vendia na livraria, tinha autorização para vender, agora vocês tomaram o poder..." Aí eu falei mesmo para eles: "...Tomaram o poder aí passou a ser tudo subversivo, mas quando eu comprei não era subversivo. Passou a ser subversivo quando vocês mudaram a política, não é?

NL: E o senhor lembra que livros eram que o senhor tinha?

AF: Hein?

NL: Que livros eram que o senhor que eles encontraram de subverter?

AF: Eram livros sobre problema do trabalhador, leis trabalhistas, não é? Problemas que falava sobre trabalhador, não era nada subversivo, eles é que inventam, não é? Todos aqueles livros que a gente tinha que se orientar por ele para saber os direitos do trabalhador, então eles aproveitavam e diziam que aquilo era subversivo, mas só era subversivo porque eles tomaram isso aí do poder, não é? Eles fizeram aquele cambalacho, tomaram o poder então passaram a ser subversivo, mas quando eu comprei não era subversivo, a mesma coisa amanhã ou depois se isso mudar outra vez tudo o que vocês estão fazendo aqui nego vai achar ser subversivo. Eu não tenho nada a ver com subversivo, eu comprei na livraria, estava na lei. Agora não tenho nada contra o império da lei. Não foi nada... Não é nada subversivo. Então eu me defendi de

tudo, de toda maneira, então, quer dizer, que não deu pé para eles me condenar, eu não neguei nada, falei toda a verdade e não deu pé para ele me condenar em nada.

NL: Nesse momento o senhor tinha direito a advogado ou não? Nesse inquérito foi você sozinho.

AF: Não, não foi preciso nada disso, não. Aí depois que eu acabei de falar tudo e tal, eles aí...

Fita6 – Lado B

NL: A gente estava falando sobre a coligação...

AF: A nossa luta sempre foi uma luta vitoriosa, sempre conseguimos com todas as perseguições, com todas as injustiças, nós sempre conseguimos muita coisa com o nosso esforço, nós trabalhávamos todos "um por todos, todos por um". Aí eu fazia aqui um apelo pelo auto-falante, nós fazíamos aqui mutirão, limpava os valões, juntava uma turma de homens aí, e meio dia limpava o valão todo até a Marinha, aí aqueles que não pudessem ajudar eu pedia para dar uma ajuda, uma importância, ou bebida, salgado. Então o dono da birosca dava garrafa de bebida, cachaça para eles beberem, e dava salgado e dava salgado, aí outro dava dinheiro. Então quando acaba de limpar a vala toda eles iam tomar banho, tomavam banho aí vinham, então eu apresentava a lista aí eu dividia para eles todos, por exemplo, tinha 15, então dividia o dinheiro para os 15, cada um recebia aquela importância para os 15, cada um recebia aquela importância que cabia a ele. E a gente fazia aquela farra, bebia cachaça, cerveja. O pessoal colaborava, não podia ajudar de um jeito ajudava de outro, o pessoal aqui tudo era unido, quando a gente fazia um apelo, qualquer apelo aí, fazia até fila para colaborar com as pessoas, não apanhava dinheiro, não, chamava a pessoa e mandava ficar sentada na minha casa apanhando o dinheiro e eu só tomava nota, entendeu? Quando era apelo para enterro, depois que arranjava o dinheiro para o enterro, aí parava, dava satisfação de quanto... Explicava mais ou menos o total de quantia tinha apanhado, aí eu com uma pessoa da família e ia lá na Santa Casa na Penha para fazer o enterro, com o dinheiro que sobrava eu dava para a pessoa, apanhava, ficava com o dinheiro para fazer o velório. A gente não era para capela, o enterro saía daqui da favela. Às vezes dava até para alugar ônibus, então a gente fazia tudo assim, o pessoal em tudo colaborava. Agora, eu só fazia apelo para aqueles que tinham direito pela associação. Porque eu na associação, dava direito ao funeral depois de um ano, um ano quite. Eu dava direito a funeral, mas não era em dinheiro, não, eu ia tratar do enterro, a título precário, fazia o enterro barato na Santa Casa. Então morria, por exemplo, uma criança eu ia saber, eu olhava aqui no livro, se era sozinho, estava quite eu ia lá e falava com mãe da criança, o pai estava trabalhando...

NL: Quer dizer, a associação ela tinha uma espécie de previdência, não é? (risos)

AF: Hein?

NL: A associação tinha uma espécie de previdência, para o associado, não é?

AF: Não, a associação tem um estatuto.

NL: Não, eu sei, mas no estatuto prévia uma forma de previdência, não é? No caso de morte.

AF: É, dava um benefício, agora não dava direito a médico nem dava direito a remédio, eu também não fazia isso com todo mundo, só fazia com aqueles que não tinham direito a previdência. Tinha muito sócio velho aí de idade que não tinha direito à previdência, não tinha auxílio, então pagava a associação, então ele às vezes queria ir a um médico não tinha direito, então vinha falar comigo, aí eu mandava na farmácia ali em Lucas, dr. Rocha, dr. José Rocha, era meu amigo, eu mandava um dinheiro, carimbava para ele dar assistência médica. Então ele ia ao médico, dava a receita.

NL: E ele fazia isso de graça?

AF: Hein?

NL: Esse dr. Rocha fazia isso de graça?

AF: Dr. José Rocha, ele é advogado, ele (TI) farmacêutico, ele é dono da farmácia, então ele é meu amigo, não é? Sempre foi meu amigo, então ele mandava a pessoa ir ao médico que tinha lá, um médico, o médico atendia depois eu passava e pagava a consulta em nome da União, não é? da associação. Então o sujeito apanhava a receita não tinha dinheiro, aí mandava dar o remédio, pagava o remédio, passava a receita médica. Mas não era para todos, era só para aquelas pessoas que não tinham direito à previdência, a associação não tinha condições para isso, era um ou outro. E no geral eu dava direito tanto para o associado, como para a companheira, um esposo, ou um filho, isso estava na ficha, dava direito ao associado e a família que estava constando na proposta, filho ou filho adotivo. Então morria, o pai ia trabalhar, o filho morria, eu tomava conhecimento, não precisa nem me procurar eu ia lá, olhava o livro aqui, ia lá: "Cadê a certidão do garoto?" Apanhava a certidão, aí perguntava à mãe do garoto, tirava a medida do corpo, não é? Para levar para a funerária, aí perguntava a mãe do garoto: "Qual é a cor do caixão?" Rosa, Azul... "Eu vou tratar do enterro". Eu mesmo muitas vezes trazia até o caixão, então vinha, quando o pai vinha do trabalho já encontrava o filho no caixão fazendo o velório e então fazia o enterro, quando o enterro era apelo, quando o pessoal ia a pé até o Irajá, a gente ia por aí afora a pé, criança, a criançada acompanhavam, então o então o pessoal tudo colaborava, então eu não deixei ninguém em falta, durante o tempo que estive na associação eu tive quatro mandatos, não havia nem eleição aí, não tinha candidato para me substituir. Ninguém queria, quando era para fazer eleição ninguém queria ser candidato: "Não, é o senhor mesmo, é o senhor". Era eu com a minha diretoria, eu mudava um diretor... quer dizer, que então...

NL: Quanto tempo que o senhor?

AF: Hein?

NL: Quanto tempo?

AF: Uns oito anos fui presidente, porque o povo não queria outro.

NL: Agora o senhor ia me contar como é que surgiu a FAFEG, que o senhor falou que foi sócio fundador.

AF: É, aí depois eu participei da FAFERJ, aí começamos na FAFERJ, aí passei a participar da FAFERJ em nome da União.

NL: Quem era... Quando o senhor começou a participar da FAFEG quem que era assim, quem que tinha mais liderança nesse movimento da FAFEG, o senhor lembra?

AF: Ah isso aí, os elementos que surgiu com a FAFEG era o pessoal lá de Catumbi, o pessoal de Catumbi, moradores da favela de Catumbi, então eles começaram, aí eu comecei então, me ajuntei a eles, me ajuntei a ele então nós começamos a correr as favelas, agora eu não me lembro bem, tem um elemento aí, um tal de China, não sei se a senhora conhece que trabalha com música, música de favela.

NL: É o Etevaldo, não?

AF: É, esse era um, esse era um...

NL: Esse que é o China?

AF: Esse era um dos líderes. Esse deve saber a coisa bem, ele deve saber tudo direitinho, então ele era um desses elementos, não é?

INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO

AF: Aí então quer dizer, que nós ia participar daquelas reuniões da FAFERJ, não é? Correria as favelas, uma comissão daqui, a gente correria as favelas, apanhava um candidato e tal, para reivindicar e tudo isso. Então nós reivindicávamos tudo aquilo que era preciso nas favelas. Em 1951 quando eu participei dessas lutas dessa favela, comecei a primeira luta pela favela, a ambulância não entrava na favela, era ordem, o doente era atendido lá fora da favela. Não entrava transporte com materiais de entrega, com medo, não entrava nas favelas. A favela era considerada completamente um perigo, todos os moradores de favelas eram considerados marginal, fora da lei, não é? Apesar de ter militar morando na favela, ter funcionário público, ter tudo isso, mas era tudo considerado à margem da lei, morador clandestino. Nem voto, nem eleitor a favela podia ser considerado morador, como eleitor. Porque a gente para tirar o título de eleitor tinha que dar o endereço lá de fora, de um vizinho, de um amigo, de um parente, para poder conseguir tirar o título de eleitor, porque a moradia de favela não era considerada, não tinha valor nem para tirar o título. Então acontece que a nossa luta era luta árdua. Não

havia água, não havia nada de benefício dado pelas autoridades, não é? Nós não éramos atendidos de jeito nenhum, na favela não havia vacinação, não havia atendimento de espécie nenhuma. Então nós começamos a luta a partir de 1951 para cá. Então eu comecei a lutar por todas essas reivindicações. Por luz, por água, direito a ambulância entrar na favela, direito ao transporte entrar na favela e nós lutamos por tudo isso. E nós com sacrifício fomos conseguindo a vitória. Nessas reuniões que a gente fazia nós convidávamos deputado. Líder de partido, não é? Autoridade policial para participar das reuniões, para fazer a festa e moderar, e botava auto-falante e as autoridades apareciam e nós então por intermédio das autoridades, por intermédios políticos, nós íamos conseguindo apoio, junto ao governo, as autoridades, não é? E junto no nosso meio, então eles iam procurando ajudar a gente, senão nós íamos procurando aparecer com humano, com jeito humano, não é? Com ser humano, que não éramos considerados, então passamos a conquistar todas essas reivindicações, foi tudo luta nossa, e a nossa favela aqui foi a que mais lutou por isso, porque nós aqui fomos o... como é que se dá o nome? Fomos o guardião.

NL: Os pioneiros.

AF: Nós fomos que começou a fazer tudo de participar dessas lutas quando a gente começou com coligação com a FAFERJ, nós íamos em comissão lá, dar todo apoio, e nós apresentava toda essas reivindicações, ajudava. Então nós aqui graças a Deus, conseguimos todas essas reivindicações que surgiu de nós, não é? Juntamente com outros colegas de outras favelas. Então quer dizer, que nós fomos conseguindo apoio dos políticos, apoio das autoridades e fomos então passando a ser considerado e a ser beneficiado e aí então a coisa foi mudando, foi mudando e nós começamos então ter outra vida, não é? Começamos a conseguir tudo isso. E agora a favela é considerada... Já não é mais considerada como era naquela época, não é? O favelado hoje é considerado como um ser humano. Eu participava de reuniões aí fora, no asfalto, como representante dos favelados aqui, no meio de doutores, Mourão Filho, no meio de médico, no meio de gente importante e eles não sabiam que nós éramos representantes da favela e chegava na hora ele metia o pau no favelado, aí quando ele acabava de falar, eu pedia a palavra e defendia o favelado. Então eu chamava atenção daquelas pessoas e não aceitava aquelas acusações contra os favelados porque se na favela escondia vagabundo, fora da lei, na zona sul também havia filho de papai rico, também fora da lei também, não era só na favela que havia esconderijo de mau elemento não, até na zona sul também havia filho de gente rica, gente boa, um marginal fora da lei. Então eu defendia o favelado como um trabalhador, trabalhadores humildes, os trabalhadores que, mais carentes, mais abandonados pelos governos é que morava nas favelas, eram os mais necessitados, não tinha outras condições, via morar na favela, na imundice, na lama, no submundo por falta de recurso, por falta de apoio das autoridades. Mas não era verdade, na própria favela é que morava o verdadeiro trabalhador, o verdadeiro trabalhador. Agora, aqueles que se escondiam na favela se aproveitavam da situação dos trabalhadores, mas nós não apoiávamos esses elementos, nós estávamos defendendo quem trabalhava e quem era trabalhador, entende? Então eu defendia os favelados nessas reuniões como representante do favelado no meio deles, então eu era um defensor dos favelados. Aí eu aqui pelo auto-falante pedia aos moradores para não jogar pedra lá para fora. Às vezes esses pinta brava ia para ali, jogava pedra quebrava a cabeça do passageiro do ônibus, quebrava a vidraça, eu fazia apelo pelo auto-falante, que eu era defensor do favelado e eu não podia continuar defendendo os favelados agindo dessa maneira, eu

defendia o favelado como um trabalhador, um homem honesto, quando acaba jogando pedra, quebrando vidraça lá fora, machucando passageiro de ônibus, eu estava defendendo... Eu não estava falando a verdade. Como é que eu podia defender um povo dessa maneira, então eu apelava para eles e eles não obedeciam, naquela época a situação era outra, agora hoje eu não posso fazer mais isso, é perigoso. É perigoso, a situação hoje está... Não pode.

NL: Porque o senhor acha que hoje...

AF: Bom, isso aí eu não vou falar não, porque... (risos), mas sim. Então eu colaborava com os favelados e eles atendiam, compreendeu? Me atendiam a mim e tudo isso, quer dizer, que eu era o pai deles, me consideravam como um pai, aí teve uns pinta brabos aí, já morreu até. Tem a família dele aí, não é? A família toda é... Então esse Tubarão, esse tal de Euclides junto com outro, contratou ele para matar eu e Amintas, ele veio a mim e falou comigo, "Anfilófio, tenho ordem do seu Euclides, tenho tantos mil, tantos contos para matar o senhor e o seu Amintas, mas eu não vou fazer isso com o senhor, porque o senhor é nosso pai aqui dentro, o senhor é nosso pai, mas toma cuidado, pode mandar outro. Se fosse outro, mas o senhor, o senhor e o Amintas, não". Falou comigo, ele até morreu de tanta pancada que ele apanhou da polícia, não é? Morreu até como crente, no fim já estava na igreja evangélica, morreu. Eu me dou com os parentes dele que está aí, está vivo aí. E outros mais aí que jogavam para me matar, até a própria polícia do posto mesmo mandava vagabundo me matar, mas é que eles me respeitam, me respeitavam, entendeu? Respeitavam, e Deus também me protegia, não é? Até hoje mesmo os que estão aí me respeitam, eles têm... Eles não vão muito comigo não, porque eles sabem que eu sou contra eles, não ando no meio deles, então desconfiam de mim, sabe como é? Mas me respeitam, conversam comigo. Então, quer dizer, que a situação hoje é outra, aqui na favela a situação hoje é outra, não é mais como aquele tempo, não. Eu então me afastei desse negócio todo, eles aí, a frustração está no meio deles. O parente do chefe aí foi eleito, está lá na chapa, então quer dizer que aí eu por exemplo, me afastei dessas coisas todas, e eu só queria somente fazer aí, organizar um movimento político, nada de associação, era sobre as nossas sobrevivências. Eu queria fazer um movimento aí em defesa do assalariado, em defesa do aposentado, pensionista, fazer um movimento aí pelo PT, pelo PDT, um partido de oposição, não é? Se a gente puder fazer um movimento aí para ajudar as lutas. Pelas diretas já, não é? Nós temos que lutar contra essas coisas todas que está acontecendo aí. E eu tenho toda vontade de lutar por essa luta, aí já é uma luta diferente, eu não vou me meter com eles, compreendeu? Por isso eu queria abrir uma luta, porque a gente está abandonado, a associação não mexe com isso, mas eu tenho que ter o apoio de alguém, não é? Eu trabalhei com Brizola, trabalhei com Saturnino, mas agora não estou muito satisfeito, não. Eu tirei até um retrato com eles. Eles estiveram aí sexta-feira passada, estiveram aí. Saturnino, João Rozeno estiveram passando aí na favela, foram até o Brizolão, eu não participei, não. Aí o João me viu, veio me abraçar, o chefe da Comlurb veio me abraçar. Eu estava aí, eu não participei da (TI), não. Aí o João quando me viu: "Oh, como vai?" O João Rozeno, o chefe da Comlurb aí. Me conhece, aí veio me abraçar, eu nem vi o Saturnino, na hora eu nem vi o Saturnino, estava aí eu nem vi ele. Estiveram aí. Agora eu queria fazer um movimento aí para ajudar essa luta, contra o Sarney. Uma luta pelas diretas já, para mudar isso aí, que isso aí está... Eu vivo...

NL: Revoltado, não é?

AF: É, estou revoltado com ele. Eu queria fazer uma luta aí, mas precisava ter um político, um apoio aí, agora eu não sei, eu, por enquanto sou Brizola, mas sou a favor do Lula, Lula e Brizola. Eu não vejo outros melhor; Luiz Carlos Prestes. Luiz Carlos Prestes está afastado, fez 90 anos. Então são as pessoas que eu...

NL: São as pessoas que o senhor acredita ainda, não é?

AF: É, que eu tenho confiança, não é? Apesar que o Brizola não é meu candidato de coração, eu sei que ele é anticomunista, eu não sou comunista, mas apoio, apoio porque eu vejo que eles têm razão em muitas coisas, não esses que estão aí afora, os que esta aí afora eu considero eles como um... Eu não tenho confiança neles, viu? Agora Luiz Carlos Prestes eu tenho confiança nele, foi um sofredor, foi uma vítima, aquele homem sofreu. Quem ajuda ele é os amigos dele, ele não é latifundiário, não é... Ele vive às custas dos amigos, que ajuda ele, paga apartamento, tudo é por amigo, é um homem honesto. Ele era capitão do Exército, não é? Considerado general... Mas sim, agora vamos voltar para falar o assunto.

NL: O senhor ia me contar, quer dizer, o senhor me falou sobre como que o senhor se afastou da associação mas o senhor ia me falar num momento sobre o Rearmamento Moral e os...

AF: É, esse tal de Euclides, ele junto com a dona Jardelina, era tudo a mesma coisa, todos eles eram enrolados, nenhum deles tinha moral, tinha o rabo preso na mão do outro. Então tudo deles era contra mim, tudo era contra mim, mas esse tal de Euclides, apareceu o pessoal do Rearmamento Moral aí, quase tudo estrangeiro.

NL: Rearmamento Moral era ligado à igreja protestante não era?

AF: Não, não.

NL: Era católica?

AF: Aquele é uma ideologia do centro, é uma ideologia do centro. Porque tem a direita e tem a esquerda, não é? É uma espécie de uma ideologia de centro. Então aquilo é mantido pelos ricos, uma turma de rico, a maioria estrangeiro, não é? Então eles acham que as riquezas deles devem ajudar os pobres, dividir com os pobres. Então eles são milionários, mas eles acham que devem ajudar também a classe pobre, então eles consideram uma ideologia de centro, nem direita, nem esquerda. Então eles têm um (TI)... Quando eles vão fazer uma reunião eles elevam o pensamento. Eleva o pensamento a Deus e ficam pensando feito uma oração, não é? e manda as pessoas que estão fazendo parte da reunião se concentrar e ver o que vai se ouvir daquela concentração, que vão se apresentar, aquelas coisas todas. Então esse tal de Euclides se apresentou a esse pessoal do Rearmamento Moral enganando eles, ele enganava a todo mundo, não é? A religião dele era toda... Ele era de toda a religião, fazia parte de toda religião, macumba, pentecostal. Ele enganava todo mundo. Então quando o Rearmamento Moral apareceu aí, então ele se apresentou como líder do favelado, líder dos favelados, aí então o Rearmamento Moral convidou ele para acompanhar eles de correr o mundo, correr o mundo, então ele enganou o pessoal, o Rearmamento Moral levou eles como representante, líderes dos favelados para correr o mundo, ajudando a eles, dando uma ajuda por mês de 200 contos. Ele

foi viajar com direito a 200 contos por mês, com roupa, tudo pago por eles, estadia em hotel, viagem, tudo pago pelo Rearmamento Moral. Então ele aproveitou isso, aproveitou e ele era o presidente nessa ocasião... Existia uma federação aqui dentro das quatro associações, foi criada por ele, uma federação aqui dentro. Então houve uma eleição para presidente da Federação, então o Euclides foi eleito presidente da federação.

E o Amintas foi nosso candidato, a presidente da federação, foi o segundo mais votado, então ele era considerado o vice-presidente, então como o Euclides foi participar dessa ida ao mundo pelo Rearmamento Moral, então o Amintas substituiu ele, ocupou o cargo de presidente da federação. Mas a dona Jardelina com a turma dos outros, não deixava o Amintas fazer nada, tudo contra o Amintas, e o Euclides quando foi para fora, participando do Rearmamento Moral, nós éramos inimigos, nós não falava um com o outro, mas como o Amintas era vice-presidente assumiu a Presidência e o Euclides foi para fora e escrevia para o Amintas lá de fora, mandava carta para o Amintas E aí ele levou quase seis meses lá fora, uma porção de tempo, mandava carta para o Amintas, então mandou uma carta para mim, para ele e para mim, apelando para mim, para eu fazer as pazes com eles, então essa carta está guardada. Então ele veio alegando que no Rearmamento Moral ele não podia ter inimigo e que o único problema dele era eu, então ele queria que eu me ajuntasse a ele. Então na carta ele mandou dizendo que ele agora não era o mesmo Euclides de antes, que ele agora era outro Euclides, que ele apoiava as minhas lutas, que a luta dele agora era igual a minha. Então ele disse que só não apoiava os comunistas. Ele foi e participou lá de (TI), participou vários comunistas nessa reunião do Rearmamento Moral, não é?

Mandou dizer, não é? Então me pedindo a mim, na carta, que era para eu fazer união com ele em benefício dos favelados, para fazer uma força aqui dentro para melhorar isso, aquilo. Aí mandou essa carta e pedindo resposta, mas como eu não acreditava nele, não dei importância. Mas isso foi em 1964, aí quando surgiu esse movimento em 1964 ele estava lá fora ainda, foi depois dessa (TI) que eu recebi a carta, aí não mandei resposta para ele. Aí surgiu, o Amintas foi preso, eu fui preso, o Dael. Aí eu ainda cheguei até a falar na prisão, para o Amintas, o Rui já era, a nossa sorte é o Euclides não estar aí agora. Fazendo mal juízo do Euclides. Se ele estivesse aí na hora aí ele ia se aproveitar disso para... Mas eu me enganei. Aí quando ele chegou de fora, ele soube de tudo que aconteceu aqui, não é? Que eu estava preso e tudo isso. Mas ele aí, depois de tudo isso acontecido não adiantava mais briga com ele, porque o nosso apoio que nós tínhamos acabou, o apoio que nós tínhamos no governo perdemos tudo, porque era militar que estava aí, João Goulart que estava aí, então não adiantava mais briga com ele, não é? Não tinha mais força para brigar, aí eu falei com o Amintas: “Não adianta mais briga com esse camarada, deixa ele para lá”. Ele aí mandou chamar, mandou me chamar na casa dele com a diretoria. Aí eu: “Não adianta mais briga, vamos lá ver o que ele quer”. Podia passar para ir lá ver o que ele quer, não é? Era pessoal do Rearmamento. Aí estava lá o pessoal do Rearmamento Moral na casa dele, tudo crente, pessoal de dinheiro.

Então ele aí quando eu ia chegando na casa dele com a minha diretoria, com Amintas e tudo isso, quando ele me viu ele veio em minha direção, veio em minha direção, me deu a mão. Eu apertei a mão dele, perguntou se podia me abraçar. “Pode”. Me abraçou aí me levou. Aí chegou na casa dele, a mulher dele presente, não é? Então ele falou, me apresentou eu ao pessoal do Rearmamento Moral, me apresentou o pessoal do Rearmamento Moral a mim. Então ele falou o seguinte: “Hoje para mim é o dia mais alegre da minha vida, por eu ter na minha casa um inimigo de morte, tanto ele queria me matar, como eu ia matar ele”. Eu não queria matar ninguém, não é? Ele falou. E andava mesmo armado aí, não tinha porte de arma.

“E, no entanto, esse homem se encontra aqui na minha casa. É o seu Anfilófio. Agora o seu Anfilófio ele estava com a razão, porque nós se tornamos dois inimigos e ele é um homem honesto, um homem trabalhador, um homem que luta pelo povo sem interesse próprio...” Aí começou a falar a verdade, falou a verdade. Parece que aquilo até foi uma humilhação para ele, não é? Que ele era diferente de mim, que tudo o que ele fazia pelo povo ele vivia às custas do povo, explorava na água, explorava na luz, ele mesmo foi dizendo, condenou-se a ele próprio, com a própria boca dele e me botou nas alturas falando a verdade, não é? Então ele fazia parte do Rearmamento Moral e que ele então reconhecendo o meu valor, reconhecendo a minha luta, ele também passou a ser igual a mim. A luta dele era igual à minha. O problema ali naquela hora era apelar para minha união com ele, fazer uma força em benefício de todo o povo da favela, em benefício, então esquecendo todo aquilo que passou, botando uma pedra naquilo.